



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

MICHELE ROBERTA ROSA E SILVA

**HISTÓRIA DAS AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA
(CEFET/RJ)**

Rio de Janeiro
2020

MICHELE ROBERTA ROSA E SILVA

**HISTÓRIA DAS AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CENTRO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA
FONSECA (CEFET/RJ)**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Professora Doutora Ana Carolina Rigoni Carmo

Rio de Janeiro

2020

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Michele Roberta Rosa e Silva
História das ações de internacionalização do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) / Michele Roberta Rosa e Silva. - Rio de Janeiro, 2020.

146 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Ana Carolina Rigoni Carmo.

1. Educação e trabalho. 2. Educação - Internacionalização. 3. Ensino médio profissionalizante. 4. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. I. Carmo, Ana Carolina Rigoni. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 370.113

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.



COLÉGIO PEDRO II
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



MICHELE ROBERTA ROSA E SILVA

HISTÓRIA DAS AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CENTRO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA
FONSECA (CEFET/RJ)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 16 de dezembro de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Rigoni Carmo
Colégio Pedro II
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Alda Maria Coimbra Aguiar Maciel
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marco Antônio Barbosa Braga
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca



COLÉGIO PEDRO II
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



MICHELE ROBERTA ROSA E SILVA

HISTÓRIA DAS AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CENTRO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA
FONSECA (CEFET/RJ)

Produto Educacional apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 16 de dezembro de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Rigoni Carmo
Colégio Pedro II
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Alda Maria Coimbra Aguiar Maciel
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marco Antônio Barbosa Braga
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Dedico este trabalho ao meu marido,
Deonísio da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus a oportunidade de cursar o mestrado e por ter colocado em meu caminho pessoas maravilhosas, como Pamela e Suzana.

Agradeço ao meu marido, Deonísio, pela compreensão nesse período e pelo amor e carinho sempre incansáveis – mesmo tendo trilhado esses caminhos há tantos anos.

Agradeço a meus pais, Leda e Adelir, que desde sempre apostaram na educação dos seus filhos.

Agradeço a minha orientadora, Ana Carolina, por se interessar por meu trabalho e colaborar para que ele se tornasse realidade.

Agradeço aos professores do Programa, assim como aos meus colegas, pelas trocas e crescimento mútuo.

Agradeço a minha amiga Angela Norte, pela disposição incansável e sempre acessível para me ajudar com o tema deste trabalho.

Agradeço ao professor Wagner Belo, por me ceder livros que foram essenciais para o referencial teórico.

Agradeço a todos os que direta ou indiretamente me apoiaram na realização desta pesquisa.

Muito obrigada!

E a história, que é testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado, que outra voz, que não seja a do orador, a torna imortal?

(Cícero, 106-43 a.C.)

RESUMO

SILVA, Michele Roberta Rosa e. **História das ações de internacionalização do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ)**. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Rio de Janeiro, 2020.

A internacionalização exerce papel preponderante na troca de experiências entre nações, compartilhamento de conhecimentos, tecnologias e na visão geral de mundo. O Cefet/RJ tem uma trajetória de mais de trinta anos em ações de internacionalização e um dos objetivos dessa pesquisa foi verificar as ações nessa área voltadas para o ensino médio técnico, colecionando essa experiência por meio de pesquisa documental e bibliográfica. O estudo se valeu ainda de roteiros de entrevistas como instrumentos de coletas de dados, para registrar a memória a respeito das experiências de internacionalização dos alunos do ensino médio técnico, assim como fazer o registro da memória dos gestores que atuam ou atuaram na Assessoria de Convênios e Relações Internacionais da instituição, com o intuito de disponibilizar essas informações em um *website* dedicado à memória dos projetos de internacionalização do Cefet/RJ. A pesquisa bibliográfica foi utilizada como base para a conceituação do ensino médio técnico, o assentamento dos conceitos de internacionalização da educação e dos projetos publicados pela Assessoria de Convênios e Relações Internacionais da instituição. Pretende-se, com a criação e divulgação do *website*, sensibilizar a comunidade acadêmica para a importância de projetos nessa área, principalmente para os jovens do ensino médio técnico, que estão sendo formados para o mundo do trabalho e para a vida.

Palavras-chave: Ensino médio técnico; Internacionalização; Cefet/RJ, Educação e trabalho.

ABSTRACT

SILVA, Michele Roberta Rosa e. **História das ações de internacionalização do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ)**. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, Rio de Janeiro, 2020.

Internationalization plays a predominant role in the exchange of experiences between nations, sharing of knowledge, technologies and in the world overview. Cefet/RJ has a trajectory of more than thirty years in internationalization actions and one of the objectives was to verify the actions in this area aimed to secondary vocational education, collecting this experience through documentary and bibliographic research. The study also used interview scripts as instruments of data collection, to record the memory about the internationalization experiences of secondary vocational education students, as well as to record the memory of the managers who work or have worked in the International Office, in order to make this information available on a website dedicated to the memory of Cefet/RJ's internationalization projects. The bibliographic research served as a basis for the conceptualization of secondary vocational education, the establishment of the concepts of internationalization of education and the projects published by the institution's International Office. It is intended, with the creation and dissemination of the website, to raise the awareness of the academic community about the importance of projects in this area, especially for young people in secondary vocational education, who are being trained for the world of work and for life.

Keywords: Secondary vocational education; Internationalization; Cefet/RJ; Education and work

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Início	92
Figura 2 - Apresentação	93
Figura 3 - ASCRI	94
Figura 4 - Gestão da ASCRI.....	95
Figura 5 - Documentos históricos.....	96
Figura 6 - Marcos da Internacionalização do Cefet/RJ.....	97
Figura 7 - Acordos Internacionais.....	98
Figura 8 - Históricos de projetos I.....	99
Figura 9 - Históricos de projetos II.....	100
Figura 10 - Históricos de projetos III.....	101
Figura 11 - Históricos de projetos IV	102
Figura 12 - Históricos de projetos V	103
Figura 13 - Históricos de projetos VI	104
Figura 14 - Publicações I.....	105
Figura 15 - Publicações II.....	106
Figura 16 - Notícias	107
Figura 17 - Fale conosco.....	108
Figura 18 - Prints de tela de celular.....	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASCRI – Assessoria de Convênios e Relações Internacionais do Cefet/RJ
AWISA – Association of Washington International Student Affairs
BCCIE – British Columbia Council for International Education
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCInt – Coordenação de Cooperação Internacional
CEFET/BA – Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia
Cefet/MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Cefet/PR – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná
Cefet/RJ – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
CERN – Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire
CONIF – Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional
CsF – Ciências sem Fronteiras
DAAD – Deutscher Akademischer Austauschdienst
DCCIT – Divisão de Cooperação Científico-Tecnológica
EUA – Estados Unidos da América
FERMILAB - Fermi National Accelerator Laboratory
FHS – Fachhochschules
Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz
FIPSE – Fund for the Improvement of Post-Secondary Education
FOMAVS – Formação de Multiplicadores para Ações de Voluntariado e Stewarding
HM/UASM – Hochschule für angewandte Wissenschaften – FH München/University of Applied Sciences-München
HMUN – Harvard Model United Nations
IFFluminense – Instituto Federal Fluminense
IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
IME – Instituto Militar de Engenharia
IPPortalegre – Instituto Politécnico Portoalegre
IRO – International Relations Office Forum
LDB – Lei de diretrizes e bases da educação nacional
LHC – Large Hadron Collider
MODOW – Modelo Diplomático do Cefet/RJ

PAE – Programa de Auxílio no Exterior
PAFLE – Programa de Auxílio Leitor Francês
PEC-G Promisaes – Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
ProfEPT – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica
PUCRIO – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
REARI – Rede das Assessorias Internacionais das Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro
Reditec – Reunião Anual dos Dirigentes das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica
UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UEZO – Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFFRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNEVOC – Centro Internacional para a Educação Profissional e Tecnológica
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USA – United States of America
UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 INTERNACIONALIZAÇÃO	20
2.1 Um breve olhar sobre a internacionalização	21
2.2 Análise dos conceitos de internacionalização	22
2.3 A educação profissional e a internacionalização	25
2.4 Difusão da educação profissional no mundo	27
3 FORMAÇÃO INTEGRAL E O MUNDO DO TRABALHO	29
3.1 Mundo do trabalho	31
3.2 O ensino médio integrado	36
3.3 Pressupostos para a formação integrada e humanizadora	41
4 MEMÓRIA E HISTÓRIA DO CEFET/RJ	43
4.1 O Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ)	45
4.2 A internacionalização no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca	50
4.2.1 A Assessoria de Convênios e Relações Internacionais do Cefet/RJ	51
4.2.2 Principais programas de internacionalização do Cefet/RJ	54
5 METODOLOGIA	60
6 ANÁLISE DOS DADOS	63
6.1 Internacionalização	67
6.1.1 Comprometimento institucional	68
6.1.2 Interculturalidade	76
6.2 Formação Integral	81
6.2.1 Formação humana e cidadã	83
6.2.2 Memória	85
7 PRODUTO EDUCACIONAL	90
7.1 Desenho do <i>website</i>.....	91
7.1.1 Início.....	92

7.1.2 Cefet/RJ	93
7.1.3 ASCRI.....	94
7.1.4 Gestão da ASCRI	95
7.1.5 Documentos históricos	96
7.1.6 Marcos da Internacionalização do Cefet/RJ.....	97
7.1.7 Acordos Internacionais	98
7.1.8 Histórico de projetos 1988-2020.....	99
7.1.9 Publicações	105
7.1.10 Notícias	107
7.1.11 Contato	108
7.2 Questionário de avaliação do protótipo do produto educacional	109
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTOR.....	126
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (SERVIDORES/DOCENTES)	128
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA (ALUNO REGULARMENTE MATRICULADO).....	129
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	130
ANEXO A – MARCOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CEFET/RJ.....	132
ANEXO B – ACORDOS INTERNACIONAIS	135
ANEXO C – FINANCIAMENTO	143
ANEXO D – APROVAÇÃO NA PLATAFORMA BRASIL	144
ANEXO E – AUTORIZAÇÃO DE USO DE FOTOS NO <i>WEBSITE</i>	146

1 INTRODUÇÃO

O Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ) tem como início de sua história a criação da Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Brás, em 1917, na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, com a finalidade de formar professores, mestres e contramestres para o ensino profissional. Transformou-se em Escola Técnica Nacional em 1942, passando a integrar a rede federal de estabelecimentos de ensino industrial.

O Cefet/RJ passou a ser denominado Escola Técnica Federal da Guanabara, em 1965, e Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca em 1967, homenageando, postumamente, seu primeiro Diretor; finalmente, em 1978, transformou-se em Centro Federal de Educação Tecnológica, com autonomia administrativa, financeira, patrimonial, didática e disciplinar, e ofertando, além dos cursos técnicos, cursos de graduação e pós-graduação, atividades de extensão e realização de pesquisas na área tecnológica.

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica foi instituída em 2008, reunindo os Institutos Federais recém-criados, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, o Cefet/RJ e o Cefet/MG, escolas técnicas vinculadas às universidades federais e o Colégio Pedro II, cuja finalidade primordial é a de

ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional (BRASIL, 2008, não paginado).

O Cefet/RJ, desde os anos 1980, tem se dedicado a parcerias internacionais, contemplando professores e alunos dos diversos níveis de ensino. No ano de 2018, com a aprovação do seu Plano Institucional de Internacionalização, especificou-se como objetivo a ampliação dos alunos dos três níveis de ensino, quais sejam: médio técnico, superior e pós-graduação em atividades de caráter internacional (CEFET/RJ, 2018a).

Quando ainda não havia universidades, na Antiguidade, a educação já apresentava a característica da internacionalização, pois estudantes romanos iam à Grécia para aprimorar seus estudos em filosofia, letras, literatura e artes, conforme registra Stallivieri (2017), que comenta também a importação de professores gregos

para fundar escolas em Roma, durante o Império Romano, ou do nascimento das universidades na Idade Média, que, em sendo poucos centros de referência na Europa, atraíam estudantes de diversos países – movimentos que hoje podem ser lidos como ações de internacionalização da educação.

O novo panorama mundial aproximou as fronteiras dos países, seja pela chamada transnacionalização das grandes companhias ou pelos avanços tecnológicos na área da comunicação, que aproximaram a informação dos que têm acesso a um computador ou smartphone. Não só muitas empresas estrangeiras se estabeleceram no Brasil, como cada vez mais “empresas nacionais que se estabelecem em diferentes países necessitam de mão de obra brasileira com formação internacional para amenizar os impactos do estresse aculturativo” (STALLIVIERI, 2017, p. 142).

O ensino médio técnico oferecido no Cefet/RJ, desde 2013, se dá na forma integrada e preza pela superação da dicotomia entre ensino regular e ensino médio técnico, “condensando em si as concepções de ciência e cultura, mediadas pelo contexto sócio-político-educativo-econômico-cultural” (CEFET/RJ, 2018a, não paginado), ciente de que não somente estão sendo formados trabalhadores qualificados para ingresso no mercado de trabalho, como também indivíduos capazes de lidar com as esferas local, regional, nacional e internacional, profissional e culturalmente.

A discussão do tema da internacionalização do ensino superior (no Brasil e no mundo) é bastante prolífica na literatura, entretanto, durante a revisão da literatura foi identificada uma lacuna de conhecimento quando se trata de ações de internacionalização voltadas para o ensino médio técnico como parte de um projeto institucional, o que desperta o interesse pela iniciativa do Cefet/RJ em se preocupar com a inserção dos alunos do ensino médio técnico nesse universo.

Constatou-se que, a partir do ano de 2016, por meio de parceria com a Centro Internacional para a Educação Profissional e Tecnológica (UNESCO-UNEVOC), o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional (CONIF) procurou promover a expansão e fortalecimento da educação técnica e profissional da Rede Federal por meio da rede mundial do UNEVOC.

No caso específico do Cefet/RJ, pela breve análise dos registros de algumas ações de cooperação internacional, ficou evidenciado que os alunos do ensino médio técnico participam dessas ações de maneira direta e indireta, seja a partir de projetos

específicos para esses estudantes, ou da sua interação com alunos estrangeiros dentro da própria instituição.

Esse estudo se propõe a fazer o levantamento do histórico de internacionalização no Cefet/RJ, dando ênfase à importância das ações de internacionalização voltadas para o ensino médio técnico, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, com o apoio de instrumentos de coleta de dados como entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas e fechadas, no intuito de colecionar material para a criação de um *website* de memória dos projetos de internacionalização do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

A intenção de criar um *website* tem por objetivo divulgar as ações de internacionalização, principalmente aquelas em que os alunos do ensino médio técnico tiveram participação, preservar a memória institucional e disseminar entre a comunidade acadêmica informações a respeito dos trabalhos desenvolvidos pela ASCRI, tornando o acesso disponível, em particular, para toda a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, podendo inspirar, talvez, novas ações voltadas para esse segmento de ensino.

A fim de responder ao problema de pesquisa “O resgate e a preservação da memória institucional na área de internacionalização são relevantes para o fortalecimento da instituição e do ensino técnico no Brasil?”, houve a preocupação de se buscar um referencial teórico que pudesse servir de apoio à compreensão dos conceitos de internacionalização, que são apresentados em capítulo específico (*Capítulo 2 Internacionalização*); mostrou-se necessário um capítulo que destacasse o ensino médio técnico em sua modalidade integrada, em contraste com o mundo do trabalho (*Capítulo 3 Formação integral e o mundo do trabalho*) e, fechando a parte do referencial teórico, um capítulo dedicado à importância da preservação da memória institucional (*Capítulo 4 Memória e história do Cefet/RJ*). A identificação das ações de internacionalização desenvolvidas no Cefet/RJ, como objetivo geral do trabalho, se baseou na pesquisa bibliográfica e documental.

Nos capítulos seguintes são descritas a metodologia e o resultado das entrevistas realizadas (*Capítulo 5 Metodologia e Capítulo 6 Análise de dados*). Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, tanto com alunos do ensino médio técnico quanto com gestores da área de internacionalização, e foram analisados a partir do método a análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977),

aplicada à análise de dados qualitativos, o que permite o estabelecimento de indicadores para interpretação das informações coletadas.

O embasamento teórico e a análise de dados contribuíram não somente para responder ao problema de pesquisa e aos objetivos, mas também para a construção do produto educacional: *website* dedicado à memória de internacionalização do Cefet/RJ (*Capítulo 7 Produto Educacional*). Finalmente, o capítulo dedicado às considerações finais (*Capítulo 8 Considerações finais*) apresenta as principais percepções da pesquisa, assim como aponta para a continuidade do estudo do tema e suas variações.

2 INTERNACIONALIZAÇÃO

Os conceitos de internacionalização ainda não se estabeleceram em um consenso acadêmico e científico e serão analisados com base em autores nacionais e internacionais que têm se debruçado sobre o tema, sob a perspectiva da educação no ensino superior, pois a literatura pesquisada não apresentou trabalhos específicos para a realidade do ensino médio técnico, indicando um ineditismo desse tema. Dentre tantos autores, foram selecionados:

I. Jacques Marcovitch (1994), que trata das estratégias para a cooperação internacional, como métodos de gestão e capacidade de negociação, para que os projetos tenham um “desenvolvimento orientado para as prioridades da maioria e das gerações futuras” (MARCOVITCH, 1994, p. 13);

II. John Hudzik (2011) que fala da importância das ações para a internacionalização e do comprometimento, principalmente por parte da liderança institucional, assim como de toda a comunidade acadêmica, para que ela tenha sucesso, pois a internacionalização “não impacta somente toda a vida no *campus*, mas os quadros de referência externos da instituição, suas parcerias e relações”¹ (HUDZIK, 2011, p. 6, tradução nossa);

III. Seabra Santos e Almeida Filho (2014) que apresentam a conceituação da internacionalização como a quarta missão da universidade, recordando que a universidade obedece o princípio da indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão, e a internacionalização, portanto, se integraria como sendo o quarto princípio, essa integração se dará, de acordo com os autores, quando a universidade passar a compreender as “potencialidades da internacionalização e do seu fecundo inter-relacionamento com as restantes missões (SEABRA SANTOS e ALMEIDA FILHO, 2014, p. 143); e,

IV. Luciane Stallivieri (2017), que compila em seu estudo vários conceitos de internacionalização desses e de outros autores de referência, como Jane Knight, Hans de Wit, Jocelyne Gacel-Ávila, Jesús Sebastián, Fernando Trujillo Saéz etc. apresenta um breve histórico da mobilidade acadêmica desde a Grécia antiga, a análise de dados específicos de programas de mobilidade e sugestões para que os estudantes

¹ “*not only impacts all of campus life but the institution’s external frames of reference, partnership, and relations*”

tenham um desempenho efetivo ao participarem dos programas de internacionalização “mediante o aprofundamento dos conceitos de competência intercultural e do desenvolvimento de sua inteligência cultural” (STALLIVIERI, 2017, p. 24).

2.1 Um breve olhar sobre a internacionalização

A internacionalização da educação, embora pareça um tema novo, é algo próprio da educação desde os tempos antigos e o surgimento da universidade, ainda na Idade Média, manteve essa característica, considerando que os alunos – e também professores – se deslocavam entre os países para terem acesso ao conhecimento, pois não havia um número significativo de instituições, como se tem na atualidade.

O termo internacionalização, entretanto, ganhou força a partir da década de 1990, com o advento da globalização, conforme revela estudo de Morosini (2006). A autora aponta que a internacionalização da educação superior, após esse período, foi intensificada não somente no tocante à pesquisa (área mais comum de troca entre instituições mundiais), mas também na área do ensino. Essa demanda por projetos de internacionalização do ensino surgiu apoiada na classificação dada pela Organização Mundial do Comércio (OMC), que considera a educação um serviço, diante dessa nova configuração mundial (MOROSINI, 2006).

A evolução dos meios de comunicação foi um fator que colaborou para o relacionamento entre instituições ao redor do globo, assim como as novas tecnologias de informação ofereceram múltiplas possibilidades de aprendizagem e trocas de conhecimentos (MARCOVITCH, 1994).

A internacionalização da educação passou a se desenvolver em várias frentes, como na frente do intercâmbio internacional, da mobilidade acadêmica ou de cooperação acadêmica, entretanto, não se tem clareza do próprio conceito de internacionalização em si e é tema de debate e busca por um consenso no meio acadêmico e científico, dada a diversidade de enfoques existentes para esse tipo de iniciativa.

Com o intuito de colaborar para o entendimento do tema, este trabalho busca fazer uma compilação de conceitos de autores nacionais e internacionais que têm se debruçado sobre a internacionalização. O recorte mais imediato traz a perspectiva da educação no ensino superior, pois na literatura pesquisada não se observaram

trabalhos específicos para a realidade do ensino médio técnico.

2.2 Análise dos conceitos de internacionalização

De acordo com o estudo apresentado por Luce et. al. (2016), faz-se necessário diferenciar o conceito de globalização, a fim de que este não se confunda com o de internacionalização, assim, de acordo com os autores, a globalização estaria vinculada ao contexto das tendências econômicas e acadêmicas do século XXI, enquanto a internacionalização, no âmbito da educação superior, seria “o conjunto de políticas e práticas desenvolvidas pelos sistemas acadêmicos, pelas instituições e pelos indivíduos para fazer frente ao ambiente acadêmico global” (LUCE et. al., 2016, p. 319-320).

Embora distintos, os dois conceitos apresentam pontos comuns, pois, no tocante à globalização, frente à perspectiva da educação como um serviço comercial regulamentado pela OMC, as políticas e práticas educacionais passam a ter influência e a serem influenciadas pela perspectiva econômica.

Uma reflexão importante apresentada por Knight esclarece que internacionalização,

[...] para alguns, significa uma série de atividades, tais como: a mobilidade acadêmica de estudantes e de professores, redes internacionais, associações e projetos, novos programas acadêmicos e iniciativas de investigação. Para outros, significa a transmissão da educação a outros países através das novas disposições, como sucursais ou franquias de universidades, usando uma variedade de técnicas presenciais e à distância. Para muitos, significa a inclusão de uma dimensão internacional, intercultural e/ou global dentro do currículo e o processo de ensino-aprendizagem. E, outros, concebem a internacionalização como centros regionais de educação, hot spots, redes de conhecimento. Os projetos de desenvolvimento internacionais são percebidos tradicionalmente como parte da internacionalização e, mais recentemente, o aumento na ênfase no comércio da educação superior também está sendo visto como internacionalização (KNIGHT, 2010, apud LUCE et. al., 2016, p. 321).

No Brasil, essa ênfase no comércio da educação superior pode ser percebida na abertura ao capital estrangeiro do grupo educacional Kroton, e na expansão do mercado editorial no setor da educação, com a participação de corporações multinacionais, como Santillan e Pearson (LEHER, 2018).

A internacionalização da educação pode ser entendida também a partir das estratégias para a cooperação internacional, como métodos de gestão e capacidade

de negociação, para que os projetos tenham um “desenvolvimento orientado para as prioridades da maioria e das gerações futuras” (MARCOVITCH, 1994, p. 13). O autor cita a Universidade de São Paulo, que no ano de sua fundação, 1934, contou com uma cooperação massiva de professores europeus, cuja participação acabou “contribuindo de forma decisiva nos ramos das ciências que floresceram no Brasil, entre as quais a física, a química e a genética” (MARCOVITCH, 1994, p. 59).

A cooperação entre os Estados deve proporcionar resultados para todas as partes envolvidas, direta ou indiretamente, para, como aponta Marcovitch (1994), se ter no horizonte a coesão econômica e social, a fim de reduzir o percentual de exclusão de diversos segmentos da sociedade.

Compreendendo que a internacionalização não está restrita apenas aos atos de ensino e pesquisa, mas que envolve diversos setores das instituições, John Hudzik (2011) destaca a importância das ações para a internacionalização e do comprometimento, por parte da liderança institucional e de toda a comunidade acadêmica, para que se tenha sucesso, pois a internacionalização “não impacta somente toda a vida no *campus*, mas os quadros de referência externos da instituição, suas parcerias e relações”² (HUDZIK, 2011, p. 6, tradução nossa).

O comprometimento institucional, tanto das esferas decisórias quanto da comunidade acadêmica, pode ou não impulsionar o êxito das ações de internacionalização. Hudzik (2011) trata do conceito de *comprehensive internationalization*, que seria um comprometimento balizado por ações de internacionalização tanto na área de ensino, quanto na área da pesquisa e na própria missão institucional. Para ter sucesso, a internacionalização “deve envolver ativa e responsavelmente o engajamento da comunidade acadêmica”³ (HUDZIK, 2011, p. 10, tradução nossa).

O princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão pode ser encontrado no Art. 207 da Constituição Federal de 1988, aliado a esse tripé, surge o conceito da quarta missão da universidade, proposto por Seabra Santos e Almeida Filho (2014). Na concepção desses autores, a internacionalização integraria o quarto princípio, a partir do momento em que a universidade passasse a compreender as “potencialidades da internacionalização e do seu fecundo inter-relacionamento com

² “not only impacts all of campus life but the institution’s external frames of reference, partnership, and relations”

³ “must involve active and responsible engagement of the academic community”

as restantes missões (SEABRA SANTOS e ALMEIDA FILHO, 2014, p. 143).

A quarta missão da universidade não revela uma novidade em si, pois estaria apenas reforçando uma característica universitária presente desde a Idade Média,

afirmando a internacionalização como uma invariância do sistema e confirmando-a como uma evolução específica que está a ponto de se transformar, quase mil anos após a fundação das suas pioneiras e mais venerandas concretizações. (SEABRA SANTOS e ALMEIDA FILHO, 2014, p. 57).

Os autores consideram que a quarta missão contribui para um olhar menos autocentrado e mais atento ao mundo ao redor, fornecendo, por meio da colaboração universitária, meios para infinitos campos de oportunidade, criando um espaço “alargado, transnacional, de conhecimento” (SEABRA SANTOS e ALMEIDA FILHO, 2014, p. 58).

Nessa mesma linha, entende-se que a internacionalização é “necessariamente, uma manifestação transversal que contempla as atividades de gestão, além do conhecido tripé da educação superior – ensino, pesquisa e extensão” (STALLIVIERI, 2017, p. 245). A autora evidencia que a internacionalização passou a integrar as decisões políticas e estratégicas institucionais, reforçando, assim, o seu entendimento como a “quarta missão da universidade”, apoiada nas reflexões de Seabra Santos e Almeida Filho (2014).

Uma instituição de ensino superior

que tem clareza e responsabilidade no que se refere ao seu âmbito de atuação deve estar atenta aos desafios atuais e deve preparar-se de forma consciente para formar seus cidadãos, capacitando-os para esse novo mercado globalizado. Uma vez que a instituição tomar a decisão por sua internacionalização, ela deve adotar uma agenda proativa em relação a esse processo, reavaliando o conjunto de suas ações estruturantes, seus objetivos, sua missão e sua visão, bem como o que pode desencadear em decorrência desse posicionamento (STALLIVIERI, 2017, p. 29).

O comprometimento institucional é retomado por Stallivieri (2017), reafirmando a afirmação de John Hudzik (2011), segundo a qual para que haja o sucesso das ações de internacionalização, não somente a comunidade acadêmica tem de estar engajada, mas também as esferas decisórias devem se comprometer institucionalmente, ressaltando que “a internacionalização não é um fim, mas um meio que conduz para muitos fins” (HUDZIK, 2011, p. 48).

Outro mirante abordado é o da interculturalidade⁴, que, de acordo com a mesma autora, é a chave para o desenvolvimento de profissionais que poderão trabalhar em qualquer parte do mundo e poderão se comunicar com pessoas de qualquer nacionalidade; para isso, é fundamental compreender que não há uma cultura superior à outra, mas sim culturas diferentes. Stallivieri (2017, p. 32) trata ainda da tolerância e flexibilidade diante do desconhecido, exigências para esses profissionais que devem também saber lidar com obstáculos e dificuldades; “e que sejam protagonistas de um momento fundamental para os rumos da humanidade, que vê, na educação intercultural, uma forma mais rápida e eficaz de buscar a cidadania global e a paz entre as nações”.

Deste mirante, a autora olha para a educação, não apenas do ponto de vista profissional, da formação de um futuro profissional, mas também da formação para a vida neste mundo, cujas distâncias podem ser superadas mais rapidamente pela internet, e, com isso, o contato com as diversas culturas.

Como se pode observar, não há uma forma apenas de realizar iniciativas de internacionalização da educação. As estratégias e objetivos podem variar de acordo com os projetos, com o posicionamento institucional, com o comprometimento da comunidade acadêmica, entre outros, e por isso a reflexão acerca do tema é tão pertinente, pois a internacionalização abrange diferentes aspectos de relações interpessoais e institucionais.

A proposta de Seabra Santos e Almeida Filho, de compreender a internacionalização como a “quarta missão da universidade” sugere contemplar o tripé de ensino, pesquisa e extensão de uma outra perspectiva, em que a missão da universidade (assim como dos Institutos Federais e Cefets) se torna mais abrangente, pois a internacionalização pode se dar tanto no ensino, quanto na pesquisa e na extensão.

2.3 A educação profissional e a internacionalização

Apesar de as análises e conceituações apresentadas terem como referência a universidade, reconhecida como o campo em que florescem as ciências, faz-se necessário lembrar que são finalidades dos Institutos Federais de Educação, Ciência

⁴ a interculturalidade é um movimento social crítico frente à desigualdade; em educação, é uma das formas de atenção à diversidade” (SÁEZ, 2006, apud STALLIVIERI, 2009).

e Tecnologia, além da educação profissional e tecnológica em todos os seus níveis e modalidades, a pesquisa e a extensão (BRASIL, 1996), e que a esses eixos se integram à chamada quarta missão: a internacionalização. Para os Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets) as finalidades são as mesmas e, assim como acontece nos Institutos, elas perpassam todos os níveis de ensino: dos cursos técnicos de nível médio à pós-graduação *strictu sensu*.

O ensino profissional de nível médio prepara os seus alunos para o exercício de profissões técnicas, com “vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional” (BRASIL, 2008, não paginado). Caberia ainda, na finalidade primordial dessa modalidade de ensino, considerar a internacionalização como uma das formas de oferecer aos alunos a oportunidade de ter experiências que serão importantes para sua atuação profissional no mundo globalizado.

O novo panorama mundial aproximou as fronteiras dos países, seja pela chamada transnacionalização das grandes companhias seja pelos avanços tecnológicos na área da comunicação, que romperam as barreiras da informação, bastando, para estar em sintonia com esse universo, acesso à internet, hoje disponível, no computador, no *tablet*, *smartphone* ou em modelos inteligentes de televisão. Não só muitas empresas estrangeiras que se fixaram no Brasil, como cada vez mais “empresas nacionais que se estabelecem em diferentes países necessitam de mão de obra brasileira com formação internacional para amenizar os impactos do estresse aculturativo” (STALLIVIERI, 2017, p. 142).

A autora faz uma reflexão interessante acerca dos trabalhadores brasileiros que são chamados a trabalhar em empresas nacionais em outros países, ela observa que há de se lidar não somente com a barreira linguística, mas também com a própria barreira cultural de outras nações, o que poderia causar “estresse aculturativo”.

De acordo com Stallivieri (2009), o estresse aculturativo, tratando especificamente de alunos em programas de mobilidade, pode ser uma situação de choque cultural que leve o estudante a uma série de reações, como não se adaptar aos hábitos da família ou da universidade, do meio social, entre outros, que poderiam levá-lo a abandonar o programa para retornar ao seu país de origem. Olhando do ponto de vista de trabalhadores deslocados para outros países, esse estresse aculturativo se daria por causa do choque cultural, da dificuldade de adaptação aos novos ambientes sociais, de trabalho etc.

O tema da internacionalização do ensino tem sido discutido, no Brasil e no mundo, sob a perspectiva do ensino superior e da pesquisa, mas há falta de estudos que tratem de ações de internacionalização voltadas para o ensino médio técnico como parte de um projeto institucional, e este trabalho pretende compilar iniciativas exitosas voltadas para o ensino médio técnico, como forma de inspirar mais ações para esse público de estudantes. Pensar em ações de internacionalização para alunos ensino médio integrado significa preparar os jovens para o mundo internacional, pois as fronteiras do mundo do trabalho têm se deslocado e muitos desses jovens serão parte de uma classe trabalhadora que deverá lidar com as esferas local, regional, nacional e internacional, independente do país em que trabalharem.

Ações de internacionalização são fundamentais para ampliar a capacidade desses jovens de conviver com a diversidade e com as novas culturas, por meio de propostas que englobem os três pilares da educação: ensino, pesquisa e extensão também na sua dimensão internacional, aprimorando um projeto de formação integral, conforme apresentado no *Capítulo 3 – Formação integral e o mundo do trabalho*.

2.4 Difusão da educação profissional no mundo

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por meio de seu Centro Internacional para a Educação Profissional e Tecnológica (UNEVOC), promove ações para o desenvolvimento da educação técnica e profissional no mundo.

Em 2016, o CONIF⁵ passou a ser um dos centros representantes no Brasil, com isso, a Rede Federal passou a integrar um sistema de cooperação e intercâmbio internacional que “abre perspectivas para o desenvolvimento de ações conjuntas que promovam resultados relevantes para o aumento da qualidade da educação profissional em todo o mundo” (CONIF, 2020, não paginado).

Os Centros UNEVOC, no biênio 2018-2019, buscaram a consolidação de esforços colaborativos por meio de *workshops*, conferência e desenvolvimento de programas. Em setembro de 2018, os parceiros UNEVOC do Chile, Colômbia, México, Brasil e Paraguai se reuniram em Búzios, Rio de Janeiro, durante a realização do

⁵ O CONIF congrega os reitores dos Institutos Federais, do Colégio Pedro II e dos Diretores-Gerais do Cefet/MG e Cefet/RJ, com o intuito de propor e promover políticas nas áreas da educação profissional e tecnológica, pesquisa e inovação.

Reditec (Reunião Anual dos Dirigentes das Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica), o que foi considerado como um momento ímpar para troca de informações e novas parcerias (UNESCO-UNEVOC, 2020, p. 22).

A título de exemplo da promoção da educação profissional, a UNESCO-UNEVOC publicou material sobre práticas promissoras no ano de 2019, dentre várias ao redor do mundo, e destacou o Polo de Inovação do Instituto Federal Fluminense de Educação, Ciência e Tecnologia, em Campos dos Goytacazes (RJ), que, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial, desenvolve programa nas áreas de “Tecnologias para Produção mais Limpa, com foco em Eficiência Energética e Fontes Renováveis de Energia; Redução, Tratamento e Reaproveitamento de Resíduos e Uso Racional de Recursos Hídricos” (IFFLUMINENSE, 2019).

O programa do Instituto Federal vem sendo desenvolvido desde 2015, com o objetivo de atender a demandas de capacitação técnica, assim como de gestão, a fim de atender solicitações de indústrias.

A divulgação das experiências exitosas pode inspirar novos projetos, principalmente projetos que contemplem os alunos do ensino médio técnico. O compartilhamento de boas práticas de educação profissional, a promoção de conferências e fóruns para debates, assim como o seu papel facilitador de parcerias internacionais, faz da UNEVOC um grande centro de disseminação e fortalecimento da educação técnica e profissional de forma global.

3 FORMAÇÃO INTEGRAL E O MUNDO DO TRABALHO

A preparação para o mundo do trabalho é uma das finalidades do ensino médio, conforme prevê o artigo 35, inciso II da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB): “a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” (BRASIL, 1996, não paginado).

Entretanto, essa previsão era genérica e, em 2008, a Lei 11.741 alterou a LDB, que passou a contar com uma seção específica para a educação profissional de nível médio (Seção IV-A), e também com um capítulo para a educação profissional e tecnológica, abrangendo cursos de formação inicial e continuada, educação profissional de nível médio e educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação (Capítulo III). A educação profissional técnica de nível médio passou a ser oferecida em duas modalidades: articulada ao ensino médio ou subsequente. A modalidade subsequente é destinada a todos aqueles que já tenham concluído o ensino médio.

Na modalidade articulada foram previstas duas formas para a educação profissional. Na forma integrada, com apenas uma matrícula por aluno, o curso oferecido permite, ao final, a habilitação profissional técnica de nível médio – um único diploma certificando a conclusão tanto do ensino médio quanto do ensino técnico.

A outra forma da modalidade articulada é a concomitante, ou seja, oferecida para alunos que já ingressaram ou estejam ingressando no ensino médio, com matrículas distintas, pois está previsto que as matrículas podem ser para alunos que curse o ensino médio na mesma instituição ou em instituições diferentes. No caso de cursos em instituições diferentes, está prevista a possibilidade de convênios e planejamento de projetos pedagógicos unificados.

No Cefet/RJ há apenas um curso em concomitância externa, aquele em que o aluno está cursando o ensino médio em outra instituição, que é o curso técnico de Mecânica no *campus* Angra dos Reis. Majoritariamente, os cursos são oferecidos na modalidade integrada em quase todos os *campi*, em um total de 23, embora haja um número expressivo de cursos na modalidade subsequente – 8 no *campus* Maracanã, 3 em Maria da Graça e 1 em Itaguaí (CEFET/RJ, 2019a), destacando que o modo de acesso a todas as modalidades se dá por meio de edital de seleção da própria

instituição.

Considerando o ensino integrado no seu viés emancipatório, que prevê a formação do aluno contemplando aspectos universais da cultura e do trabalho, a internacionalização permitiria alargar esse espectro de aprendizagem, oferecendo novos horizontes formativos.

Para tratar do ensino médio integrado, são usados os estudos de Frigotto, Ciavatta e Ramos (2012), que são referências solares para as discussões da formação integrada, as possibilidades de organização de currículo integrado e as mudanças no mundo do trabalho e o ensino de nível médio. A discussão de fundo deste tema é a questão da dualidade da escola para a formação geral: para o prosseguimento dos estudos de nível superior, e a formação profissional: para imediata inserção no mundo do trabalho, com ênfase nas áreas técnicas em detrimento da formação geral. A fim de superar essa dualidade, Frigotto (2012) destaca que Gramsci, a partir dos trabalhos de Marx, concebeu uma escola de formação que desenvolvesse os fundamentos das diferentes ciências a fim de permitir aos jovens a capacidade de analisar tanto os processos técnicos do sistema produtivo, quanto as relações sociais. A partir desses conceitos, o ensino médio foi pensado articulado ao mundo do trabalho, da cultura e da ciência como formas de garantias dos direitos sociais subjetivos, vinculados a “todas as esferas e dimensões da vida” (FRIGOTTO, 2012, p. 74).

Nessa mesma linha, Saviani (2007) fala que a Revolução Industrial proporcionou também uma Revolução Educacional, posto que o processo produtivo passou a exigir um patamar mínimo de qualificação geral, entretanto, havia tarefas que necessitavam de qualificação específica, o que abriu caminho para a bifurcação da escola: escola de formação geral e escola de formação profissional. As escolas de formação geral

por não estarem diretamente ligadas à produção, tenderam a enfatizar as qualificações gerais (intelectuais) em detrimento da qualificação específica, ao passo que os cursos profissionalizantes, diretamente ligados à produção, enfatizaram os aspectos operacionais vinculados ao exercício de tarefas específicas (intelectuais e manuais) no processo produtivo considerado em sua particularidade (SAVIANI, 2007, p. 159).

Para tratar do mundo do trabalho mais especificamente, são utilizadas as reflexões de Antunes, que traz uma análise das transformações do mundo do trabalho

na história e o metabolismo social do capital. Numa forma de sociabilidade superior, o trabalho, ao reestruturar o ser social, terá desestruturado o capital (ANTUNES, 2009, p. 180). No que diz respeito ao processo de mundialização produtiva, apontada por Antunes e Alves (2004), reforçando o entendimento de que as ações de internacionalização são de fundamental importância para os alunos do ensino médio técnico, que encontrarão essa realidade quando passarem a integrar o mercado de trabalho, como parte de uma classe trabalhadora que deverá lidar com as esferas local, regional, nacional e internacional.

Morais e Henrique (2017) tratam do trabalho em seu sentido ontológico, ou seja, o da transformação da natureza pelo homem, para suprir as suas necessidades, concordando com Engels, que afirmava que o trabalho era a “condição básica e fundamental de toda a vida humana” (ENGELS, 1876), posto ser parte indissociável do que constitui o homem.

3.1 Mundo do trabalho

Educação e trabalho são temas que sempre estiveram intimamente ligados, considerando para isso a própria origem do homem em seu processo de constituição, que, diferentemente dos animais, que se adaptam à natureza, o homem aprendeu a adaptar a natureza às suas necessidades, Saviani destaca que trabalho e educação seriam as bases para a sobrevivência, pois no ato de produzir a sua existência, os homens “aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações” (SAVIANI, 2007, p. 154).

Nas comunidades primitivas não havia o conceito de propriedade privada, pois a produção da existência era feita de modo comum, assim como a apropriação da terra era feita de forma coletiva e os homens não estavam divididos em classes. O trabalho, entendido como a transformação da natureza para a subsistência, apresenta um sentido ontológico – sem o trabalho não haveria a existência do homem.

A palavra trabalho, do latim *tripalium* – formada etimologicamente do prefixo *tri*, que quer dizer três, e *palus*, que poderia ser estaca, poste, mourão, conforme nos ensina Deonísio da Silva (2014), em seu livro *De onde vêm as palavras*. Silva et. al. (2017) informa que o *tripalium* era um instrumento feito de três paus, às vezes com pontas de ferro, usado por agricultores para bater o milho, por exemplo, mas o

tripalium era também um instrumento de tortura, composto por três estacas, vinculando-se a partir daí a noção de trabalho e sofrimento (SILVA, 2014).

Essa concepção de trabalho como sofrimento, entretanto, não existia nas comunidades primitivas e vai se estabelecer historicamente mais tarde, com a exploração da força de trabalho alheio, tornada possível com a apropriação privada da terra. Essa apropriação privada da terra, que anteriormente era coletiva, permitiu a divisão dos homens em classes: os proprietários e os não proprietários (SAVIANI, 2007).

Considerando o trabalho em seu sentido ontológico, todo homem precisa trabalhar para existir, mas, com o controle sobre a propriedade privada, além de permitir a divisão dos homens em classes, permitiu também a exploração da força de trabalho daqueles que não eram detentores da terra. Na Antiguidade, conforme relato de Saviani (2007), o modo de produção era predominantemente escravo. O autor esclarece ainda que a divisão dos homens em classes será responsável também por uma divisão na educação: uma voltada para as atividades intelectuais, e outra integrada no próprio processo de trabalho:

com a divisão dos homens em classes a educação também resulta dividida; diferencia-se, em consequência, a educação destinada à classe dominante daquela a que tem acesso a classe dominada. E é aí que se localiza a origem da *escola*. A educação dos membros da classe que dispõe de ócio, de lazer de tempo livre passa a organizar-se na forma escolar, contrapondo-se à educação da maioria, que continua a coincidir com o processo de trabalho (SAVIANI, 2007, p. 155-156).

No Brasil, por exemplo, na época da Colônia, conforme estudos de Fonseca (1985 apud Ciavatta, 2011), a aprendizagem era feita no trabalho, mas esse trabalho era escravo e sustentava a riqueza das elites; diz ele também que, como as elites, mantendo o trabalho escravo, podiam se dedicar ao ócio (leia-se também à educação intelectual), o trabalho manual se caracterizou como inferior e subalterno. Os governos brasileiros, tanto no Império quanto na República tentaram unir o trabalho manual e o trabalho intelectual, mas sem muito sucesso. A iniciativa que mais se aproximou disso foi a introdução de cultura geral na educação secundária, mas com prioridade para a aprendizagem para o trabalho, durante o processo de industrialização do país, nos anos de 1930-1940 (CIAVATTA, 2011, p. 175).

Em um momento anterior à Revolução Industrial, o trabalho passa a ter uma dimensão corporativa – surgem as associações de artesãos, mercadores e

profissionais regulamentados –, devido à expansão urbana e comercial na Europa, advinda do surgimento da burguesia no século XII, de acordo com o apontado por Silva et. al. (2017).

No século XVII, a Revolução Industrial proporcionou mudanças que levaram a uma nova ordem social, em que, com a introdução das máquinas, que simplificavam os ofícios, passou a exigir trabalhadores sem qualificação específica, pois, de acordo com Saviani (2007), o trabalhador passou a exercer apenas as funções manuais, já que as máquinas eram “o trabalho intelectual materializado”.

Saviani analisa as influências da Revolução Industrial na educação, frente à necessidade de capacitação dos indivíduos para que fossem integrados ao processo produtivo, recebendo o mínimo de instrução geral para o desempenho de suas funções. Entretanto, “o ensino bifurcou-se entre as escolas de formação geral e as escolas profissionais” (SAVIANI, 2007, p. 159). O mesmo aconteceu no Brasil, embora muito tardiamente, no seu período de industrialização, como citado anteriormente.

O modo de produção capitalista levou a uma nova organização do mundo do trabalho, polarizando os conflitos de interesse entre a burguesia – detentora dos meios de produção – e do proletariado, trabalhadores assalariados que vendiam sua força de trabalho em troca de um pagamento, salário.

Essa nova organização foi orientada por padrões que buscavam o aumento da acumulação de capital e a exploração da força de trabalho. Frederick Winslow Taylor adotou princípios da racionalidade científica no processo de produção, visando a otimização do trabalho e o aumento dos lucros. Henry Ford, dentro da mesma lógica, estabeleceu a linha de produção das fábricas. Os processos de trabalho passaram a ser organizados de maneira “padronizada, densa e rígida”, com o intuito de atender aos objetivos do capital (SILVA et. al., 2017, p. 746).

Esses modelos sofreram retrações à medida que os modelos de acumulação de capital eram alterados, principalmente com a redução dos trabalhadores da indústria, fábricas, trabalhadores tradicionais, manuais, estáveis, especializados da era taylorista/fordista, como apontado por Antunes e Alves. A chamada reestruturação produtiva do capital e o conseqüente processo de desindustrialização abriu espaço para formas menos regulamentadas de trabalho, expandindo, principalmente nos países como Brasil, México e Argentina o trabalho “precarizado, parcial, temporário, terceirizado, informalizado etc., além de enormes níveis de desemprego, de trabalhadores(as) desempregados(as)” (ANTUNES e ALVES, 2004, p. 337).

De acordo com os autores, dentre as mutações no mundo do trabalho, pode-se destacar a diminuição dos trabalhadores na indústria com a introdução de máquinas informatizadas; esses trabalhadores migraram nas últimas décadas do século XX para o setor de serviços, “como amplo processo de reestruturação produtiva, das políticas neoliberais e do cenário de desindustrialização e privatização (ANTUNES e ALVES, 2004, p. 338).

Essas mutações no mundo produtivo que, conseqüentemente, tiveram grandes impactos no modo de organização do trabalho, influenciaram também a sociedade contemporânea.

O neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias, que destrói o meio ambiente em escala globalizada (ANTUNES, 2000, p. 35).

Com a substituição do modelo fordista nos anos de 1960 e 1970, o novo modelo que surgiu com o propósito de enfrentar os problemas do capitalismo foi o da acumulação flexível, que “se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo” (HARVEY, 1993, apud SILVA et. al., 2017, p. 747). Essa flexibilização, integrada aos avanços tecnológicos, vai permitir o avanço da globalização do capital e das formas de trabalho.

Conforme nos esclarece Frigotto (2012, p. 64), a globalização não é nova e já estava presente nas relações sociais humanas, desde o rompimento das “barreiras das cavernas, dos guetos e da província”, tendo sido potencializada pela revolução burguesa e o aumento de circulação de mercadorias; a globalização, necessariamente, não evidencia algo negativo, diz o autor que a negatividade se faz presente nas formas das relações sociais.

No fim do século XX a globalização assumiu uma forma que, essencialmente, acabou com os bloqueios dos limites sociais impostos “ao capital pelas políticas do Estado de bem-estar-social” (FRIGOTTO, 2012, p. 65), resultando em perdas de conquistas dos trabalhadores, dando lugar ao trabalho precário, ao aumento da exclusão e à ampliação do desemprego estrutural.

Antunes (2000) corrobora com a tese das perdas de conquistas da classe trabalhadora, e relaciona esse fato à queda do bloco socialista, com o fim da União

Soviética, que ocasionou o “desmoronamento da esquerda tradicional”, abrindo espaço para que o Neoliberalismo passasse a

ditar o ideário e o programa a serem implementados pelos países capitalistas, inicialmente no centro e logo depois nos países subordinados, contemplando reestruturação produtiva, privatização acelerada, enxugamento do estado, políticas fiscais e monetárias, sintonizadas com os organismos mundiais de hegemonia do capital, como o Fundo Monetário Internacional (ANTUNES, 2000, p. 40, grifos do autor).

Os avanços tecnológicos e as novas formas de trabalho vão passar a exigir novos padrões de qualificação, o que influenciou diretamente o papel que a educação vai ter na formação dessa nova classe trabalhadora, que não é mais aquela que precisava do mínimo de instrução para operar o maquinário.

Em um estudo sobre as transformações no mundo de trabalho e sua relação com a educação, Santos e França (2011) falam dos novos paradigmas de competências estabelecidos pelos novos modos de produção, que são dinâmicos. Dizem os autores que, do ponto de vista do trabalhador “o modelo da competência enfatiza a dimensão da subjetividade, ‘o modo de ser’, a forma de inserção de cada indivíduo na construção coletiva dos processos de trabalho” (SANTOS e FRANÇA, 2011, p. 55).

Essa ideologia responsabiliza o trabalhador pelo fracasso, a fim de disfarçar o desemprego, as questões sociais. O trabalhador deve se encarregar de ter as características necessárias para o ingresso nesse novo mundo do trabalho, como “boa formação geral, ser responsável, com capacidade de perceber um fenômeno em processo, não dominando, porém, os fundamentos científicos-intelectuais do processo” (SANTOS e FRANÇA, 2011, p. 55).

A escola, entretanto, não consegue acompanhar a rapidez das mudanças nos processos produtivos. As políticas educacionais não garantem, embora preveja, a educação de qualidade para todos, principalmente quando ela “está articulada aos interesses do empresariado que por (sic) vez tem maior controle sobre as ações e o desempenho das instituições escolares” (SANTOS e FRANÇA, 2011, p. 55).

Essa é uma contradição que favorece o desemprego estrutural: de um lado, o mercado tem a necessidade de mão de obra qualificada, de outro, os interesses políticos e financeiros impedem que seja oferecida uma educação de qualidade, que forme trabalhadores com conhecimento e capacidade de reflexão sobre o ato

produtivo, mantendo assim a dominação e a exploração tão costumeiras do capital.

A aposta em projetos de internacionalização no ensino médio técnico, seja no âmbito do ensino, da pesquisa ou da extensão, pode trazer benefícios não somente aos alunos, mas também à instituição, que poderá se inserir em um contexto mais amplo e possivelmente tratar o ensino integrado de forma a permitir a emancipação dos seus estudantes.

3.2 O ensino médio integrado

O cenário da educação e suas alterações se configuraram no tempo de acordo com as circunstâncias e o contexto de produção, atrelado à existência de classes dominantes e classes dominadas e seus papéis dentro de uma sociedade permeada pela história de luta entre essas classes.

Reproduzindo a divisão de classes no capitalismo, a escola, inegavelmente, reproduziu uma dualidade educacional, como apontava Gramsci (2001), a partir de duas visões bipartidas da função primordial da escola: uma que preparava os alunos para sua imediata inserção no mercado de trabalho, e outra que preparava para uma educação geral, global, cujo objetivo era dar continuidade aos estudos no nível superior, destinado comumente às elites dirigente dessa sociedade capitalista.

De acordo com Ramos (2008), os projetos de ensino médio e educação profissional na histórica nunca estiveram centrados nos sujeitos, apenas no seu caráter utilitarista, do ponto de vista econômico. Diante dessa conjuntura, faz-se necessário a construção de um projeto que supere essa dualidade entre a formação específica e a formação geral, e que tenha como centralidade a formação humana e cidadã, e não apenas tendo como horizonte o mercado de trabalho.

O ensino médio, dentro da educação básica, poderia ser a oportunidade de intervenção na sociedade, considerando que os alunos, após a conclusão desta etapa da educação, deverão ocupar espaços decisórios no mundo do trabalho e participarão da vida como cidadãos responsáveis pelo rumo social de seu país. Nessa ótica, Araújo e Frigotto (2015) remetem à construção de um ensino médio integrado cujo projeto pedagógico esteja intimamente vinculado ao de uma sociedade para além do capital.

Retomando os aspectos históricos da educação, tem-se que a aquisição de novos conhecimentos e sua transmissão a outros não era tarefa nova para a humanidade, que desde os primórdios da civilização repassava os saberes

acumulados, tanto os mais básicos para sua subsistência (caça e pesca), como os para a sobrevivência da sua comunidade (como lendas, rituais religiosos – e guerra).

O entendimento de educação, entretanto, não engloba mais esses saberes vitais para as sociedades, pois, com a sua institucionalização, os conhecimentos foram ordenados, normatizados, e os espaços de ensino foram hierarquizados com normas e leis que disciplinam a transmissão desses saberes (MARIANO, 2012).

Na Idade Média, a Igreja se notabilizou pelo monopólio da instrução, da moral, da justiça, da ideologia religiosa etc. e garantiu sua supremacia, que não foi rompida mesmo frente às modificações sociais e políticas, determinando também a quem o ensino seria destinado. Gramsci (2001) considerava a categoria dos eclesiásticos como “grupo social essencial”, que tendo se fortalecido ao longo do tempo, conseguiu uma posição equiparada à aristocracia fundiária, garantindo, com o domínio da educação, a perpetuação do seu poder.

No Brasil, de acordo com Saviani (2008), a ruptura com o ensino ministrado pelos jesuítas se deu no século XVIII, com as reformas impostas pelo Marquês de Pombal inspiradas pelo Iluminismo. A educação passou para o controle do Estado, contrapondo-se às ideias religiosas e disseminando ideais laicos. Faz-se necessário destacar que a ordem religiosa dos jesuítas era constituída por membros vindos de todas as partes do mundo, e que saíam a várias partes do mundo para o seu trabalho de evangelização – atrelado ao de educar, o que reforça o caráter de internacionalização, uma constante na história da educação.

Saviani (2008) acrescenta que a responsabilidade do Estado com a educação pública era limitada aos salários dos professores e às diretrizes curriculares, sem preocupações com infraestrutura ou recursos pedagógicos, e sem considerar que as províncias não dispunham de recursos para “para promover a difusão do ensino, o resultado foi que atravessamos o século XIX sem que a educação pública fosse incrementada” (SAVIANI, 2008, p. 9). O histórico de atraso na educação brasileira tem raízes desde a época dos jesuítas, que recebiam da Coroa portuguesa verbas para a manutenção e vestimenta dos religiosos, mas não para infraestrutura, e muitas das vezes, os jesuítas viviam apenas de esmolas.

O processo de industrialização no Brasil é também tardio. Somente a partir dos anos de 1930 começou a haver um incremento nos índices de escolarização, embora o investimento continuasse escasso (SAVIANI, 2008). A indústria carecia de mão de obra capaz de suprir as necessidades da produção, ou seja, era necessário

profissionalizar os trabalhadores para atender às suas necessidades concretas, e não educá-los para a cidadania.

Ramos (2014) recupera a memória da educação dos anos de 1930, em que o Estado se ocupava do ensino propedêutico, elitista, visando o acesso ao ensino superior, ressaltando que

No momento em que a ideologia do desenvolvimento começava a ocupar espaço na vida econômica e política do país, sequer houve qualquer preocupação consistente com o ensino técnico, científico e profissional, oficializando-se o dualismo configurado por um segmento enciclopédico e preparatório para o ensino superior e outro profissional independente e restrito em termos da configuração produtiva e ocupacional (RAMOS, 2014, p. 26).

Somente no final dos anos de 1950 as Escolas Técnicas vão ganhando destaque e passam a autarquias, sendo transformadas em Escolas Técnicas Federais. O interesse do Estado em regular esse ensino coincidia com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional e da Fábrica de Motores, e, principalmente, pela “tendência dominante de uso de critérios uniformes de organização e progressão do ensino, a fim de que a escola pudesse ser utilizada eficientemente como instrumento de controle social” (CUNHA, 1977, apud RAMOS, 2014, p. 27).

Observando esse breve recorte, é possível perceber que os princípios adotados na Revolução Industrial se propagaram e se reproduziram. Era necessário educar os trabalhadores para aumentar a eficiência do seu trabalho e, ao mesmo tempo, transmitir-lhes valores que legitimassem os interesses dominantes, não mais baseados na ideologia cristã, mas sim na lógica do capital.

Essa educação institucionalizada foi pensada a fim de reproduzir os interesses do capital, de formas distintas conforme o sistema sofria mutações, mas sempre com o mesmo objetivo: garantir o processo inconsciente em que o indivíduo internalizava a lógica da dominação.

Da perspectiva marxista, não há possibilidade de superação da dualidade da divisão de classes, o único modo seria o fim do capitalismo e a transformação da sociedade a partir de uma revolução, aqui entendida como o ato de realizar ou sofrer uma grande mudança ou alteração.

Parte fundamental para se atingir essa transformação reside em uma educação emancipadora – permitindo ao indivíduo se apoderar dos aspectos universais da cultura e do trabalho – que, entretanto, é “inconcebível sem a

correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança” (MÉSZÁROS, 2008, p. 25).

A escola espelha a sociedade e reproduz os princípios dominantes, conformando os indivíduos e tornando-os resignados à sua posição social. Mézáros (2008, p. 45) oferece uma reflexão acerca das práticas educacionais da “sociedade estabelecida”, atentando para o fato de que as alternativas para a educação não podem ser formais, mas essenciais, alterando o quadro referencial da lógica do capital.

A educação, se considerado o seu caráter emancipatório e criativo, possui os instrumentos necessários para o fim da alienação fomentada pela sociedade capitalista, que depende da aceitação passiva dos indivíduos para manter o sistema lucrativo de exploração da força de trabalho.

Entretanto, como Lampedusa (1979 apud DALLA BONA, 2014, p. 94) consagrou em seu romance *O Leopardo*: “Se queremos que tudo fique como está é preciso que tudo mude”. A educação tem passado por incontáveis reformas, novas pedagogias foram propostas a fim de resolver, corrigir problemas pontuais, como se esses fossem resolver os problemas essenciais, e o que resta, é que a educação continua reproduzindo o que é de interesse das classes dominantes, com os ajustes necessário à internalização da lógica do capital.

Gramsci (1957 apud MÉSZÁROS, 2008, p. 49) enfatizou que

não há nenhuma atividade humana da qual se possa excluir qualquer intervenção intelectual – o Homo faber não pode ser separado do Homo sapiens. Além disso, fora do trabalho todo homem desenvolve alguma atividade intelectual; ele é, em outras palavras, um “filósofo”, um artista, um homem com sensibilidade; ele partilha uma concepção de mundo, tem uma linha consciente de conduta moral, e portanto contribui para manter ou mudar a concepção do mundo, isto é, para estimular novas formas de pensamento.

Afastado de uma educação emancipadora, que contemple os aspectos universais da cultura e do trabalho, o indivíduo não consegue se reconhecer como um ser que desenvolve uma atividade intelectual, não reconhece também que ele não passa nem um dia de sua existência sem aprender nada, concordando com Paracelso, que dizia que a aprendizagem “é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender” (1951 apud MÉSZÁROS, 2008, p. 47).

Apesar do reconhecimento de que a educação é um dos fatores de emancipação, ela não é o único, e tampouco promoverá qualquer mudança enquanto permanecer a lógica dominante da atual sociedade pós-neoliberal, que incentiva o consumo: “Quem não compra não consome, quem não consome está excluído” (NASCIMENTO, 2011, p. 119). O autor revela outro aspecto desse projeto de sociedade, ainda mais perverso, “pois mantém os pobres na condição de excluídos e, de vez em quando, na condição de incluídos no sistema capitalista” (NASCIMENTO, 2011, p. 119), a fim de que eles também consumam, gerem lucro, mesmo que excluídos, o sistema estimula o consumo. Inseridos nessa lógica, os sujeitos passam a pertencer a uma classe, a que consome, mas, sob outra ótica, acabam sendo excluídos dessa mesma classe quando não têm recursos para consumir tudo o que é ofertado. Figueiredo et. al. (2013) oferecem para reflexão pontos bastante relevantes no que diz respeito à era da globalização neoliberal e crise dos modelos éticos, estabelecendo o dinheiro como essencial para a existência e a aplicação do conhecimento científico para atingir os interesses do individualismo e do lucro.

O projeto de universalização dessa sociedade de consumo visa a homogeneização dos sujeitos, com o fim de provocar a “invisibilidade das culturas e dos saberes locais, inerentes à pedagogia dos povos subalternos, gerando certa ‘homogeneização cultural’ na construção do conhecimento” (FIGUEIREDO et. al., 2013, p. 92)⁶.

Revisitando a leitura de Marx e Engels em *O Manifesto Comunista*, Frigotto (2012, p. 64-65) ressalta as contradições das relações sociais no capitalismo, que “engendram, ao mesmo tempo, elementos civilizatórios e progressistas e elementos de destruição, violência e exclusão”. O desaparecimento de diversas culturas sob a égide de “educação para todos” está intimamente ligado a uma tentativa de homogeneização dos povos por meio da educação, com o fim de ter disponível futuras peças para a composição dos meios de produção.

⁶ O avanço da sociedade capitalista chegou a todos os cantos do mundo, como pode ser visto no documentário *Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco* (2010), dirigido por Carol Black, que trata dos impactos da escolarização institucionalizada na cidade de Ladakh, no extremo norte da Índia, onde a maior parte da sua população professa o budismo tibetano e sobrevive da agricultura. As famílias dessa localidade começaram a enviar seus filhos para receber educação formal em uma cidade vizinha, chamada Leh, onde a escolarização difundida era de viés ocidental, baseado em outra realidade cultural, mas que efetivamente conseguiu se sobrepor à realidade cultural daqueles alunos, transformando-os em figuras que não pertenciam mais àquela cultura original, tampouco à cultura para a qual estavam sendo educados. Esses jovens acabaram por se tornar sujeitos incluídos e excluídos do sistema.

É possível que a lógica do capital seja rompida, desde que haja uma transformação social ampla e emancipadora, aliada a uma contribuição concreta e ativa da educação, que não

pode funcionar suspensa no ar. Ela pode e deve ser articulada adequadamente e redefinida constantemente em seu inter-relacionamento dialético com as condições cambiantes e as necessidades da transformação social emancipadora e progressiva em curso (MÉSZÁROS, 2008, p. 76-77).

A educação institucionalizada a serviço do capital tem objetivos bastante diferentes da educação de caráter emancipatório, pois retira do sujeito o domínio sobre a produção e internaliza o sentimento de submissão.

O ensino médio integrado é um modo de levar a formação de qualidade para a classe trabalhadora, pois, como destaca Ramos, a

formação integrada significa mais do que uma forma de articulação entre ensino médio e educação profissional. Ela busca recuperar, no atual contexto histórico (...), a concepção de educação politécnica, de educação omnilateral e de escola unitária. (RAMOS, 2014, p. 197).

Nessa visão, a educação geral se torna inseparável da educação profissional, como forma de superar a dualidade entre o ensino intelectual e a preparação para o trabalho.

3.3 Pressupostos para a formação integrada e humanizadora

Estudiosos brasileiros têm se dedicado em oferecer propostas para uma formação integrada, levando em consideração a realidade do país, com suas dificuldades tanto na área de financiamento, quanto na construção de políticas públicas para a educação.

Dentre os autores que se preocupam com o tema, há que se destacar Ciavatta (2012), que propõe oito pontos para que seja possível a realização de uma formação integral e humanizadora. O primeiro deles diz respeito ao projeto de sociedade que se pretende, se a um que estimular a dualidade entre formação geral e formação profissional, ou a um projeto que vá além das necessidades estritas do mercado de trabalho e se preocupe com uma educação emancipadora.

A autora registra a importância de a lei estar comprometida com a articulação entre o “ensino médio de formação geral e a educação profissional” (CIAVATTA, 2012,

p. 100), pois, em um país com tantas desigualdades, são necessários mecanismos que garantam as políticas de acesso e permanência dos estudantes na escola.

Outro ponto relevante é a construção coletiva das estratégias acadêmicas de integração, com a adesão de professores e gestores, e que estes sistematizem e desenvolvam projetos “que articulem o geral e o específico, a teoria e a prática dos conteúdos, inclusive com o aproveitamento das lições que os ambientes de trabalho podem proporcionar (visitas, estágios etc.)” (CIAVATTA, 2012, p. 100). Na formação integral, todos os espaços de aprendizagem são valorizados e os conhecimentos não deveriam ficar fragmentados em disciplinas isoladas.

A família tem papel importante na construção desse projeto e a instituição de ensino deve promover essa integração entre alunos, família e escola, pois, como bem observa Ciavatta (2012, p. 100), a escola “não pode estar alheia às necessidades materiais para levar adiante um processo educacional completo, efetivo”. A autora fala do exercício da democracia participativa dentro desse projeto de integração, para “dar ao aluno horizontes de captação do mundo além das rotinas escolares, dos limites do estabelecido e do normatizado, para que ele se aproprie da teoria e da prática que tornam o trabalho uma atividade criadora, fundamental ao ser humano” (CIAVATTA, 2012, p. 101).

Fazer da escola um lugar de memória é também um dos pressupostos apresentados, que tem por objetivo criar o sentimento de reconhecimento e orgulho nos próprios alunos e professores de fazerem parte daquele projeto, conhecendo a história institucional e de seus atores. Um dos objetivos desta pesquisa foi recolher material e histórias dos projetos de internacionalização do Cefet/RJ e disponibilizar essa memória institucional por meio de um *website*.

Por fim, mas não menos importante, é a garantia de investimentos em educação: “intelectuais, morais e financeiros, a administração inteligente de todo o processo e o envolvimento de alunos e professores em um horizonte comum (CIAVATTA, 2012, p. 102). Por se tratar de um projeto de ruptura de uma sociedade dualista, é também um desafio que necessita de avaliação, de pesquisa de acompanhamento dos acertos e o conhecimento das limitações de cada experiência.

4 MEMÓRIA E HISTÓRIA DO CEFET/RJ

O historiador Jacques Le Goff (2013) considera a memória como um conjunto de funções psíquicas responsáveis pelas lembranças ou esquecimentos, centradas no ato narrativo. Esse ato narrativo era elemento fundamental, principalmente para as sociedades sem escrita, que preservavam a memória coletiva a partir das narrações orais.

Com os progressos da memória escrita (do século XVI aos nossos dias), principalmente pelo surgimento da imprensa e a difusão de textos impressos, a capacidade de memorização exigidas antes da transição das narrativas orais para as narrativas escritas deixou, gradativamente, de ser uma das formas de preservação da memória.

O trabalho de recuperação desse percurso da memória é bastante extenso e leva a uma discussão sobre história e memória, em que a história se alimenta da memória, mas a memória, para se tornar história, deve ser esclarecida por métodos científicos.

Ainda sobre este assunto, devemos distinguir: o objeto da história da história é bem este sentido difuso do passado, que reconhece nas produções do imaginário uma das principais expressões da realidade histórica, nomeadamente de sua maneira de reagir perante seu passado. Mas esta história indireta não é a história dos historiadores, a única que tem vocação científica (LE GOFF, 2013, p. 51).

A fim de distinguir os objetos de memória e de história, o autor argumenta que do mesmo modo que o passado não é a história, pois o passado é objeto da história, a memória tampouco é a história, mas sim um de seus objetos, pois está localizada em uma posição básica do processo de elaboração histórica.

Sendo a memória uma fonte para a história, a construção da memória coletiva pode ser vista como uma “forma importante na luta das forças sociais pelo poder” (LE GOFF, 2013, p. 390), pois que a memória coletiva pode ser manipulada de acordo com os grupos dominantes e os seus interesses.

Em Motta (1998), se conta a história do massacre na cidade italiana de Civitella, em 1944, para ilustrar o confronto de memórias da tragédia: para os familiares que perderam os seus entes queridos, a memória coletiva reconhecia que a culpa do massacre era dos *partisans*, que resolveram resistir à ocupação alemã. De

outro lado, a memória oficial viu o massacre como forma de resistência à invasão alemã, e as vítimas foram identificadas como símbolos da liberdade.

Como fonte histórica, a memória se nutre de lembranças vagas, às vezes contraditórias, sem fazer críticas ao que é lembrado e ao modo como é lembrado, e, de acordo com Motta (1998), é papel da história buscar uma representação crítica desse passado. Desde esse ponto de vista, pode-se considerar que a história tenta recuperar criticamente, por meio da memória coletiva, não somente os acontecimentos, como também busca entender o porquê de determinados fatos serem escolhidos para serem lembrados ou esquecidos.

O esforço, tanto da memória, quanto da história, deve por preservar a memória coletiva que busca “salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2013, p. 437).

Segundo o autor, a fotografia acabou por revolucionar a memória, por permitir o registro preciso da verdade visual, como também multiplicar e democratizar a memória, guardando-a do tempo e da evolução cronológica⁷.

Ainda a respeito da memória coletiva, Maurice Halbwachs (2012) observa que esta se distingue da história em dois aspectos:

Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. (...) Na realidade, existem muitas memórias coletivas. Esta é a segunda característica pela qual elas se distinguem da história. A história é uma e se pode dizer que só existe uma história (HALBWACHS, 2012, p. 102; 105).

A memória coletiva não é apenas uma, e tampouco universal. As memórias coletivas dependem que os seus grupos as mantenham vivas, caso contrário, elas desaparecem, ao passo que a história, registrada, permanece, única.

De acordo com Pierre Nora (1993), a memória se estabelece no que ele chamou de “lugares de memória”, lugares construídos socialmente, como arquivos, museus, monumentos, associações, processos verbais, testemunhos, mas nem todos esses lugares são entendidos apenas por suas formas físicas, concretas, mas

⁷ Este trabalho não pretende entrar na discussão dos rumos éticos que a evolução de *softwares* e equipamentos fotográficos tomaram nas últimas décadas, apenas se aterá à esplêndida capacidade de se poder registrar um fato, uma verdade, em uma fotografia, conforme a observação do autor neste seu trabalho sobre a memória e a história, nos finais dos anos de 1970 e início dos anos de 1980.

também por seu caráter simbólico.

A respeito do caráter simbólico da memória, Arias, fazendo uma leitura de Pierre Nora, diz que os lugares de memória servem para “comemorar as marcas do passado que não podem e não devem ser esquecidas”⁸ (ARIAS, 2017, p. 1131, tradução nossa).

A partir da rememoração desses lugares de memória é possível a construção da memória coletiva, que, por sua vez, está “fortemente unida com uma reconstrução do social, de uma nova estrutura da sociedade, que permita consolidar vínculos com o outro”⁹ (ARIAS, 2017, p. 1134, tradução nossa).

Em um estudo a respeito da formação integrada, Ciavatta inscreve a escola como um lugar de memória e identidade. Essa reconstrução social contribui para que se edifique uma identidade singular, e, ao mesmo tempo, coletiva, como pertencimento a um tempo, a um grupo com as marcas desse tempo” (CIAVATTA, 2012, p. 96).

O sentimento de pertencimento a esse grupo chamado escola abrangeria não somente os alunos, mas todos aqueles que fazem parte daquele lugar de memória, como professores, funcionários e a própria família. Com o objetivo de despertar o sentimento de pertencer a esse lugar de memória chamado escola, faz-se necessário conhecer a sua história.

Nessa perspectiva, a proposta deste trabalho, de organizar informações e dados históricos a respeito da internacionalização do Cefet/RJ, pretende oferecer uma oportunidade para disponibilizar conteúdos vinculados a esse lugar de memória.

4.1 O Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ)

Em 11 de agosto de 1917, pelo Decreto nº 1.880, era criada a Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz, com o fim de preparar professores, mestres e contramestres. Esta, até hoje, é a data em que se comemora o aniversário do Cefet/RJ, que recebeu outras designações no correr da história, como será visto. Oficialmente, a Escola foi inaugurada a 9 de novembro de 1918, com a presença do Presidente da

⁸ *“conmemorar aquellas huellas del pasado que no pueden ni deben ser olvidadas, así la imagen que se construya de ellas sea completamente diferente a la original”*

⁹ *“fuertemente unida con una reconstrucción de lo social, de un nuevo andamiaje de la sociedad, que permita consolidar vínculos con el otro, en un ambiente que tenga como mínimo manifestaciones de cordialidad”*

República Wenceslau Braz.

O ensino profissional no Brasil teve início com o Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, assinado pelo Presidente da República Nilo Peçanha, criando a rede das Escolas de Aprendizes e Artífices em diversos estados da União. A criação da Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz tinha o objetivo de formar professores, mestres e contramestres para outras escolas de ensino profissional (para a própria rede de escolas de aprendizes e artífices), assim como professores de trabalhos manuais para escolas primárias (DIAS, 1980).

O primeiro diretor da Escola foi o Professor Corinto da Fonseca, no período de 1918 a 1924, dentre os cursos ofertados estavam os de trabalho em madeira, metal e mecânica, prendas e economia domésticas, bordados, costura e flores artificiais, demarcando assim a aceitação de alunas no corpo discente (SILVEIRA, 2007).

Em 1924 há uma alteração no regimento interno da Escola, que passaria a formar professores e mestres para as escolas profissionais da União, e, com isso, os currículos foram reestruturados e passaram a ter um aumento na carga horária (os cursos passaram de quatro para seis anos de duração), e, além das disciplinas voltadas à formação técnica, os alunos passaram a ter uma “formação mais abrangente, articulando disciplinas voltadas à cultura geral e à educação profissional” (SILVEIRA, 2007, p. 14).

No ano de 1937 a Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz foi fechada, pois não atendia mais às novas exigências do capital industrial (BRASIL, 2017). A Escola havia até então funcionado no antigo Palacete Leopoldina, que começou a ser construído em 1865, como residência da segunda filha do D. Pedro II, Dona Leopoldina Teresa Francisca Carolina e de seu marido, o Príncipe Luís Augusto Maria Eudes de Saxe-Coburgo Gotha (DIAS, 1980), mas, com a nova legislação dos liceus, que alterava o nome da escola para Escola Técnica Nacional, a edificação foi demolida, para dar lugar às novas instalações do liceu.

A reformulação da educação profissional proposta pelo governo federal suscitou um sentimento de desprestígio e os docentes, reunidos em assembleia, decidiram encaminhar uma petição ao Presidente da República – Getúlio Vargas – solicitando a manutenção da Escola. Uma comitiva foi recebida pelo Chefe de Governo, mas não teve suas preces atendidas.

A demolição do Palacete tampouco passou despercebida, chegando a ser publicado um apelo ao então Ministro da Educação, Gustavo Capanema, pelo Centro

Carioca no Diário Carioca (29/08/1937), em que se destacava o edifício como um

monumento artístico e histórico, mandado erigir por D. Pedro II, sendo, também desses que não mais se constroem com igual solidez de material e largueza de espaços, internos e externos; representa a um tempo o que pode haver de simples e elegante num apurado gosto architectonico, é, finalmente, um edificio de amplos e magníficos salões: quadrados, retangulares, symetricos pórticos e estes com valiosas esquadrias, talhadas em finas e raras madeiras (DIAS, 1980, p. 122).

O apelo não evitou que o Palacete viesse abaixo para dar lugar às novas instalações, indispensáveis à execução do projeto que se pretendia implantar: a Lei Orgânica do Ensino Industrial, Decreto nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, conhecido como a reforma Capanema.

A nova proposta estava alinhada ao projeto de desenvolvimento industrial e tinha como horizonte formar, em nível secundário, profissionais para o exercício de “ofícios e técnicas industriais, promover a qualificação profissional aos jovens e adultos não diplomados ou habilitados, aperfeiçoar ou especializar trabalhadores diplomados, além de divulgar conhecimentos de atualidades técnicas” (CARDOSO, 2018, p. 31). O ensino industrial deu origem a quatro tipos de escola: técnica, industrial, artesanal e de aprendizagem.

A Escola Técnica Nacional, apesar de ter iniciado suas atividades em 1942, em 07 de outubro de 1944 foi oficialmente inaugurada, com a presença do Presidente da República, Getúlio Vargas, e do Ministro Gustavo Capanema. A Escola passou a ofertar cursos industriais básicos, para aqueles que tinham o curso primário completo, e cursos técnicos, para os que tinham o certificado do antigo ginásio. A Escola Técnica Nacional preparava ainda professores e pessoal administrativo para atuar no ensino industrial, assim como formava artífices, mestres e técnicos para a indústria (BRASIL, 2017).

No período entre 1942 e 1965, a Escola Técnica Nacional ofertou quinze cursos industriais (Mecânica de Máquinas, Mecânica de Precisão, Mecânica de Automóveis, Fundição, Serralheira e Forja, Máquinas e Instalações Elétricas, Aparelhos Elétricos e Telecomunicações, Carpintaria, Marcenaria, Cerâmica, Alfaiataria, Corte e Costura, Chapéus, Flores e Ornatos, Tipografia e Encadernação) e cinco cursos técnicos (Construção de Máquinas e Motores, Eletrotécnica, Edificações, Decoração de Interiores e Desenho Técnico), conforme registrado no livro *Registros de uma instituição centenária: Cefet/RJ*, (BRASIL, 2017).

A Escola Técnica Nacional, tendo em vista a mudança da capital federal para Brasília, em 1965 passou a se chamar Escola Técnica Federal da Guanabara, e, em 1967, em homenagem póstuma ao seu primeiro diretor eleito pela comunidade interna, foi renomeada para Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ, 2007).

O Engenheiro Celso Suckow da Fonseca foi diretor da Escola Técnica Nacional por três mandatos, no primeiro, entre 1943 e 1951, foi designado pelo governo Getúlio Vargas; foi eleito pela comunidade para o segundo mandato, de 1960 a 1963; para o terceiro mandato, de 1963 a 1966, foi eleito pelo Conselho de Representantes. O professor veio a falecer em 26 de outubro de 1966, nos Estados Unidos, onde estava para conhecer as escolas técnicas americanas, a convite da Fundação Ford. Celso Suckow da Fonseca havia sido eleito para um quarto mandato, que seria de 1966 a 1969 (BRASIL, 2017).

A Lei nº 6.545, de 30 de junho de 1978, transformou a Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – Cefet/RJ, que passou a ser uma autarquia de regime especial, vinculada ao Ministério da Educação, com a oferta de “cursos de nível médio, graduação e pós-graduação, licenciatura plena e curta, atividades de extensão e de pesquisa na área tecnológica” (BRASIL, 2017, p. 25).

Frente às diversas mudanças na educação no correr das décadas, e com a reforma do ensino médio de 1998 (Decreto nº 2.208/97) o Cefet/RJ deixou de oferecer cursos técnicos de nível médio de forma integrada, como fazia ainda quando era a Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz, pois, em seu artigo 5º, o Decreto determinou que a educação profissional teria organização curricular própria e independente do ensino médio, e as formas de oferta seriam na modalidade concomitante ou sequencial ao ensino médio.

Com a promulgação do Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004, o ensino profissional pode ser ofertado, de forma facultativa, nas modalidades de ensino médio técnico concomitante ao ensino médio, a forma integrada e na forma subsequencial, para os que já possuíam o ensino médio completo.

Esse Decreto marcou uma tentativa de retorno à concepção de educação profissional não fragmentada, buscando uma formação que não fosse sinônimo de educação exclusivamente para a inserção do trabalhador no mercado de trabalho.

De outra parte, com o Decreto nº 2.208/1997, a correlação entre o ensino

médio e o ensino profissional havia dado lugar à oferta de cursos nas formas concomitantes ou subsequentes, em que a organização curricular era destinada à preparação para o mercado de trabalho, ao invés de uma formação orientada à compreender o uso da técnica e sua articulação com a ciência e a cultura, conjugadas para a transformação social.

A reformulação da educação profissional, a partir do Decreto nº 5.154/2004, e posteriormente a alteração da LDB, com a publicação da Lei nº 11.741/2008, que criou um capítulo específico para a educação profissional técnica de nível médio, tiveram influência na reformulação dos currículos dos cursos técnicos do Cefet/RJ. Dentre as modificações, unificaram-se as matrículas para o ensino médio e profissional, desenvolvendo-se projetos pedagógicos de cursos da educação profissional técnica de nível médio orientados ao diálogo e à integração entre os conhecimentos geral e específico, básico e profissional, e à formação pautada pela prática profissional intrínseca às práticas escolares.

No ano de 2008 foram criados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Lei nº 11.892/2008) a partir dos Cefets, escolas agrotécnicas e escolas técnicas vinculadas às universidades, mas tanto o Cefet/MG quanto o Cefet/RJ estavam pleiteando a sua transformação em Universidade Tecnológica, como havia ocorrido com o CEFET/PR, que passou a ser Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), por meio da Lei nº 11.184, de 07 de outubro de 2005. O Cefet/RJ e o Cefet/MG passaram, desde a Lei dos Institutos, a integrar a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, juntamente com a UTFPR, algumas escolas técnicas vinculadas às universidades federais e o Colégio Pedro II.

O Cefet/RJ cresceu e se multiplicou em sete *campi* no estado do Rio de Janeiro, além da sede no Maracanã. Em 2003 foi fundado o *campus* Nova Iguaçu; 2006 Maria da Graça; 2008 Petrópolis e Nova Friburgo e em 2010 Angra dos Reis, Valença e Itaguaí (CARDOSO, 2018, p. 80-81).

Parte desse crescimento teve reflexos na própria estrutura do Centro, que, até dezembro de 2018, contava com 864 docentes e 620 servidores técnico-administrativos, em um universo de mais de dezessete mil alunos, conforme dados do Relatório de Gestão 2018 (CEFET, 2019b).

Em 2019 foi apresentado o balanço da gestão do período 2011-2019, cujo Diretor-Geral foi o Professor Carlos Henrique Figueiredo Alves, e o Cefet/RJ contava com trinta e quatro cursos técnicos de nível médio, trinta e duas graduações, oito

cursos de mestrado, quatro de doutorado e oito cursos de pós-graduação *lato sensu* (CEFET/RJ, 2019a).

4.2 A internacionalização no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Com a transformação do Cefet/RJ, em 1978, a instituição passou a ofertar não somente cursos de graduação, além dos cursos técnicos de nível médio, como também cursos de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*.

Diante desse novo cenário e com o desenvolvimento de atividades nas áreas de extensão e pesquisa, os primeiros passos em direção ao processo de internacionalização começaram a ser dados nos anos de 1980, logo após a passagem da Escola Técnica Federal para o Cefet/RJ.

O marco histórico da internacionalização se deu em 1987, em uma parceria entre professores da Universidade do Estado do Rio (UERJ), professores do curso de Engenharia Elétrica do Cefet/RJ e professores do Fermi National Accelerator Laboratory (FERMILAB), em Illinois, nos Estados Unidos (CEFET/RJ, 2018a).

De acordo com o Plano Institucional de Internacionalização (CEFET/RJ, 2018a), esse princípio de internacionalização permitiu que anos mais tarde professores do Cefet/RJ, juntamente com outras instituições brasileiras, participassem de projetos no maior acelerador de partículas do mundo, o Large Hadron Collider (LHC), no Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire (CERN).

As Universidades de Ciências Aplicadas de Munique, Berlim e Colônia (FHS – Fachhochschulen), da Alemanha, em 1988, deram início a uma cooperação internacional com o Cefet/RJ, Cefet/MG e Cefet/PR (atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná). A parceria aconteceu devido às semelhanças entre as instituições, visto que as universidades de ciência aplicadas da Alemanha têm enfoque tecnológico e industrial (KENEDI et al., 2001).

De acordo com o histórico de internacionalização apresentado no Plano Institucional, no ano de 1991 aconteciam as seguintes ações de cooperação internacional nas quais o Cefet/RJ participava: FERMILAB, CERN e as FHS da Alemanha. Essas ações, somadas à estruturação de um departamento para atender à pesquisa e pós-graduação, assim como a criação do primeiro curso *strictu sensu* – mestrado em Tecnologia – do Cefet/RJ, em 1992 e os cadastros de grupos de

pesquisa a partir de 1994, foram importantes atividades que contribuíram para expansão do processo de internacionalização do Cefet/RJ (CEFET/RJ, 2018a).

No período de 1999 a 2002, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) estabeleceu o Programa Internacional CAPES/CEFET/DAAD/FHS, com o intuito de as instituições desenvolverem atividades conjuntas de ensino e pesquisa. O programa estreitou os laços entre o Cefet/RJ com as FHS, o que deu origem a uma parceria que ainda se mantém ativa, com o envio e recebimento de professores e alunos, entre outras atividades desenvolvidas em parceria (CEFET/RJ, 2018a).

Com a expansão do Cefet/RJ, a partir dos anos 2000, e consequente expansão de atividades de pesquisa, de programas de pós-graduação e atividades de extensão, novas demandas surgiram e alavancaram o processo de internacionalização, como pode ser visto no Quadro 1, constante no Anexo A, com os marcos do processo de internacionalização do Cefet/RJ.

Apesar de a maioria dos programas ser voltada para as áreas de graduação e pós-graduação, é preciso destacar nos marcos do processo de internacionalização o *Student Venture*, em que o Cefet/RJ, nos anos de 2006, 2007 e 2008, recebeu estudantes secundaristas dos Estados Unidos com o fim de realizar trocas de experiências e culturas entre alunos brasileiros e americanos (ASCRI, 2019). Outro destaque é que, a partir do acordo de cooperação firmado em 2016 com o Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal, surgiu, em 2018, um projeto de mobilidade exclusivo para estudantes do ensino médio técnico. Ao todo foram contemplados 17 alunos, de diversos cursos e *campi*, que visitaram o Instituto e puderam participar de atividades acadêmicas e culturais (CEFET/RJ, 2018b).

4.2.1 A Assessoria de Convênios e Relações Internacionais do Cefet/RJ

A importância do papel da internacionalização para o Cefet/RJ pode ser compreendida a partir da criação da Coordenação de Cooperação Internacional (CCInt), pelo Conselho Diretor, conforme Resolução nº 40/95, de 05 de maio de 1995, demonstrando a preocupação institucional em ter uma área exclusiva para acompanhamento de projetos internacionais.

Em 2005, a CCInt teve sua denominação alterada para Divisão de Cooperação Científico-Tecnológica, coincidindo com a designação da Prof^a. Dr^a.

Angela Lopes Norte para estar à frente dos projetos de cooperação internacional do Cefet/RJ. A Divisão era então ligada à Diretoria de Extensão.

Em 2013, o Cefet/RJ, foi um dos membros fundadores da Rede das Assessorias Internacionais das Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro (REARI), que tem por objetivo aumentar os programas conjuntos com instituições reconhecidamente de prestígio internacional, assim como expandir as parcerias internacionais, e, em 2015, a Assessora de Convênio e Relações Internacionais do Cefet/RJ foi eleita vice-presidente da REARI (CEFET/RJ, 2018a).

A ideia de trabalho em rede é um dos motes da própria constituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, estabelecida por meio da Lei nº 11.892/2008, que criou os Institutos Federais. A REARI, de acordo com sua página institucional, é composta pelas seguintes instituições do Estado do Rio de Janeiro: UFRJ, PUCRIO, UERJ, UFF, CEFET, Colégio Pedro II, IFRJ, UEZO, UENF, UFFRJ, UNIRIO, Fiocruz, IFFluminense e IME, e

constitui uma rede heterogênea e sem fins lucrativos de assessorias internacionais de instituições, cada qual com suas respectivas especificidades, corroborando em beneficiar seus membros de forma conjunta e horizontal. Desse modo, suas ações junto aos poderes públicos e a sociedade visam a sensibilizar e conscientizar a importância da cooperação acadêmica internacional como estratégia para a manutenção da Rede junto à sociedade civil (REARI, 2018c, não paginado).

Por meio da REARI, o Cefet/RJ faz parte de acordos de cooperação com outras redes e instituições internacionais, como a Utrecht Network, (que agrega 32 universidades em 27 países da Europa), o BCCIE – British Columbia Council for International Education (Canadá) e a AWISA – Association of Washington International Student Affairs (EUA) e o IRO – International Relations Office Forum (Polônia).

Quadro 2 – Acordos assinados em rede por meio da REARI

ACORDOS ASSINADOS EM REDE		
REARI-RJ – Rede das Assessorias de Relações Internacionais das Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro	UTRECHT Network (32 universidades em 27 países da Europa)	2016
	BCCIE – British Columbia Council for International Education (Canadá)	2015
	AWISA – Association of Washington International Student Affairs (EUA)	2014
	IRO – International Relations Office Forum (Polônia)	2014
	Aix- Marseille (França)	2019
	CCISP – Institutos Portugueses	2019

Fonte: ASCRI, 2019

Em 2015, a Divisão de Cooperação Científico-Tecnológica foi renomeada, passando a se chamar Assessoria de Convênios e Relações Internacionais (ASCRI), ligada diretamente à Direção-Geral. A Prof^ª. Dr^ª. Angela Lopes Norte pautou os seus trabalhos de pesquisa nos temas de cooperação internacional, competências linguísticas e multiculturalismo, e esteve à frente das ações de internacionalização do Cefet/RJ no período de 2005 a 2019. Em 26 de setembro de 2019, a Prof^ª. Dr^ª. Luiza Cantuária Costa foi designada para conduzir os trabalhos da ASCRI.

O Cefet/RJ, ao longo dos anos, tem se preocupado com a inserção dos alunos do ensino médio técnico, seja com alguns programas específicos, como se verá mais adiante, seja com a integração desses alunos na convivência com alunos estrangeiros dentro da Instituição (CEFET/RJ, 2018a). O Quadro 3, no Anexo B, elenca os acordos com parceiros institucionais, muitos voltados à área de graduação, especialmente nas engenharias, provavelmente pela tradição do Cefet/RJ no ensino tecnológico de nível superior.

No intuito de proporcionar maior interação com o processo de internacionalização aos alunos da Instituição, a Assessoria de Convênio e Relações Internacionais previu em seu organograma duas vagas de estágio, que contemplam tanto os alunos do ensino médio técnico quanto os alunos da graduação.

Um ponto crítico, não somente para projetos que envolvem alunos do ensino médio técnico, mas para todas as ações de internacionalização, é o custeio das atividades. De acordo com dados do balanço da gestão 2011-2019 (CEFET/RJ, 2019a), a ASCRI contou com um montante de mais de novecentos mil reais em financiamento de bolsas para os seus projetos de internacionalização.

De acordo como Relato ASCRI (2019), cerca de 730 mil reais eram bolsas ofertadas pelo próprio Cefet/RJ, como parte do Programa de Auxílio no Exterior (PAE), para estudantes em mobilidade no exterior, por período de seis meses a um ano, dependendo da modalidade (ver Quadro 4, Anexo C).

Considerando a autonomia institucional (autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didática e disciplinar), que permite aos gestores, dentro das previsões legais, alterarem o organograma da instituição, pode-se considerar que o Cefet/RJ, além do financiamento próprio para projetos internacionais, demonstrou o seu comprometimento com o processo de internacionalização com a passagem de subordinação da ASCRI, que era ligada à Diretoria de Extensão, ficando diretamente

vinculada à Direção-Geral – o órgão máximo da administração.

O Plano Institucional de Internacionalização do Cefet/RJ, aprovado em 2018, cuja vigência é de quatro anos, tem como princípio abranger a Instituição como um todo, contemplando as três dimensões: ensino, pesquisa e extensão; os três níveis de ensino: técnico de nível médio, graduação e pós-graduação; e todos os *campi* do Cefet/RJ (CEFET/RJ, 2018a).

A inclusão dos alunos do ensino médio técnico, como princípio nesse Plano, demonstra o comprometimento institucional em cumprir a sua missão de formar pessoas que “sejam capazes de desenvolver, absorver e compartilhar experiências e conhecimentos, estando aptos para enfrentarem problemáticas que permeiam tanto o contexto local como global” (CEFET/RJ, 2018a, não paginado).

De acordo com esse objetivo, a internacionalização se mostra como um componente importante na formação de recursos humanos, principalmente em um mundo globalizado, em que os problemas e soluções ganham novas dimensões.

À semelhança do que propõe Seabra Santos e Almeida Filho (2014), a respeito de a internacionalização ser a quarta missão da universidade, contribuindo para um olhar menos autocentrado e mais atento ao mundo ao redor, o Plano Institucional de Internacionalização do Cefet/RJ apresenta um quarto eixo estratégico, além do tripé ensino, pesquisa e extensão, que é o da internacionalização, com o “objetivo de formar recursos humanos preparados para atuação global” (CEFET/RJ, 2018a, não paginado).

4.2.2 Principais programas de internacionalização do Cefet/RJ

I – Cefet/RJ e HOSCHCHULE MÜNCHEN: 30 anos de cooperação

Em 1988 teve início a cooperação internacional entre as Fachhochschulen¹⁰ (de Munique, Colônia e Berlim) e os CEFETs (Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná). Nos anos de 1988 e 1989 houve várias visitas mútuas de representantes do Ministério da Educação, dos diretores dos três CEFETs e dos presidentes das Fachhochschulen e o desenvolvimento de projetos com patrocínio da CAPES e do DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst – Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico),

¹⁰ As Fachhochschule e Hochschule são universidade e faculdade de ciências aplicadas

conforme relatos de Norte e Alves (2009).

Os autores contam que, em 1990, começaram os projetos de intercâmbio entre estudantes, com curso de alemão nos CEFETs e de português nas Fachhochschulen, e estágios nas duas instituições (NORTE e ALVES, 2009, p. 37). A parceria entre o Cefet/RJ e Alemanha perdura até os dias atuais, sendo o projeto de mais longa duração.

A Hochschule München foi fundada em 1971 como Fachhochschule München, e em 2007 passou a ser Hochschule für angewandte Wissenschaften – FH München/University of Applied Sciences-München (HM/UASM), que é a instituição com a qual o Cefet/RJ mantém um longo relacionamento e parceria.

A universidade tem compromisso com a pesquisa aplicada e estudos práticos, ofertando disciplinas ligadas às áreas de tecnologia, administração, tecnologia da informação entre outros, com programas voltados para a indústria. “As Universidades de Ciências Aplicadas foram propostas para preencher a lacuna entre a academia e o mundo do trabalho ao oferecer educação acadêmica que vá de encontro aos aspectos práticos da vida profissional” (NORTE e ALVES, 2009, p. 26).

A Hochschule München trouxe ao Rio de Janeiro, em 2006, a sua Orquestra Sinfônica e Coral, com apresentações no Auditório do Cefet/RJ, na Sala Cecília Meireles e na Catedral Metropolitana, um sonho realizado pelo professor Wolfram Heller, que registrou a “grande satisfação por um evento de nossa parceria desde 1989, e com muitas impressões maravilhosas e fantásticas da cidade maravilhosa e dos nossos parceiros do Cefet/RJ” (NORTE e ALVES, 2009, p. 42). A recepção ao grupo alemão contou com a ajuda dos alunos do Curso Técnico de Turismo, sob a coordenação da professora Fernanda Rosa dos Santos e da Chefe da Divisão de Cooperação Internacional (hoje ASCRI), professora Angela Lopes Norte.

Segundo Norte e Alves (2009), o sucesso da parceria acadêmica se deve menos pela tecnologia em si, sendo esta um elemento importante na aproximação do Cefet/RJ e da Hochschule München, mas o segredo estaria contido na diplomacia acadêmica, na preocupação com o fator humano e busca pela “reconstrução da unidade a que almejam os intelectuais do planeta” (NORTE e ALVES, 2009, p. 14).

II – Projeto CAPES/FIPSE: desenvolvendo contexto cultural – Consórcio Cefet/RJ – VOORHEES COLLEGE

O projeto foi uma parceria da CAPES com o Fund for the Improvement of Post Secondary Education (FIPSE), do Departamento de Educação dos Estados Unidos, e o consórcio começou em 2004, tendo a participação, como instituições parceiras, do então CEFET/BA e da Paul Quinn College, em Dallas, Texas.

A área de interesse foi a de Administração, com os objetivos de desenvolver de competências internacionais de gestão e competências de empreendedorismo intercultural. A mobilidade teve início em 2005, e, ao todo, foram 42 alunos envolvidos: 12 do Cefet/RJ para o Voorhees College; 14 do Voorhees College para o Cefet/RJ; 04 do Cefet/RJ para o Paul Quinn College; 04 do Paul Quinn College para o Cefet/RJ; 04 do CEFET-BA para o Voorhees College; 04 do CEFET-BA para o Paul Quinn College e 02 do Voorhees College para o CEFET-BA. O projeto contou ainda com um total de 10 professores envolvidos em visitas e seminários no exterior, e professores das instituições em atividades de ensino e pesquisa.

No Cefet/RJ, os estudantes americanos contaram com o apoio dos estagiários da ASCRI, naquela ocasião estagiários do ensino médio técnico. A professora Kátia Cunha, da Coordenação de Ensino Médio Técnico, em colaboração com seus alunos, apresentou um *one-day workshop*, falando sobre a cidade do Rio de Janeiro. Os alunos do ensino médio técnico em Turismo tiveram participação também nas suas visitas técnicas realizadas pelos estudantes estrangeiros.

A respeito da participação do Curso Técnico de Turismo, Norte e Santos (2005) registraram que os alunos deram apoio a diversas atividades, como

recepção dos estudantes, guiamento a pontos turísticos, ajuda a entender a língua portuguesa, em serviços em geral, orientação quanto a diferenças culturais em relação ao país de origem, acompanhamento a locais em que se sintam inseguros pela falta de competência linguística em português [comércio, transporte e outros serviços]. (NORTE e SANTOS, 2005, p. 37).

A avaliação do projeto foi a de que colaborou para a sensibilização dos alunos quanto ao respeito e relacionamento harmonioso entre as etnias do planeta, o que coaduna com meta final do ensino: a transformação social com respeito à diversidade cultural e a formação de cidadãos do planeta, voltados para a construção de uma

sociedade global livre, justa e fraterna.

A cooperação internacional proporcionou ainda:

1. a publicação de três livros: Programa de intercâmbio do curso de Administração Industrial do Cefet/RJ: um relato de experiência (2005); Mobilidade estudantil e educação profissional O CEFETRJ e os programas de intercâmbio internacional. Rio de Janeiro (2008) e Depoimentos de intercambistas (2006).

2. quatro artigos em revistas, congressos e reuniões anuais: VIII INTERNATIONAL BRASA SEMINAR (2006); Revista Tecnologia & Cultura (2006); Anais da 6ª Reunião Conjunta do Programa CAPES/FIPSE (2006), e Anais do VIII Encontro Anual de Coordenadores de Projetos CAPES-FIPSE (2008).

3. três apresentações em congressos e seminários: VIII INTERNATIONAL BRASA SEMINAR (2006); Encontro da Regional Nordeste do FAUBAI (2008) e Three-day seminar on Cefet/RJ, Brazil, and the Portuguese language to US students coming to Brazil and Voorhees faculty (2009).

4. um mini-curso em instituição internacional: The Benefits of the exchange program between CEFETRJ and VOORHEES COLLEGE and the qualifications and requirements of the students in the program. Voorhees College, Denmark, Carolina do Sul, EUA, outubro de 2008.

III – Ciências sem Fronteiras

O Programa Ciências sem Fronteiras (CsF) foi lançado em dezembro de 2011, com o objetivo de promover e consolidar a expansão da internacionalização da ciência e da tecnologia, e era voltado a alunos brasileiros de graduação e pós-graduação, com bolsas de mobilidade internacional.

O Cefet/RJ aderiu ao CsF em janeiro de 2012, enviando ao exterior alunos principalmente de Engenharia (NORTE, 2014, p. 9). De acordo com o balanço da gestão 2011-2019, participaram do CsF, que se encerrou em 2015, 334 alunos, que se dividiram em diversos países, como Canadá, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Portugal etc.

IV – Formação de Multiplicadores para Ações de Voluntariado e Stewarding (FOMAVS)

Em 2012, Londres recebeu os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Com o anúncio de que o Brasil sediaria as Olimpíadas e os Jogos Paralímpicos de 2016, permitiu que o projeto FOMAVS se realizasse. Em 2012, onze estudantes do Cefet/RJ estiveram em Londres e receberam certificados de participação no programa de voluntariado e atividades ligadas aos Jogos Olímpicos (NORTE, 2014, p. 11).

Como parte do projeto, no ano de 2016, durante a realização dos Jogos, estudantes do Cefet/RJ receberam estudantes voluntários de universidades inglesas, durante três semanas, em que todos puderam conviver e aprender juntos sobre suas culturas.

A contrapartida desse projeto foi a oferta de passagem e estadia para os estudantes do Cefet/RJ em Londres, por oito dias, com visitas guiadas realizadas pela organização World City Links. O objetivo dessa troca, conforme Norte e Cardozo (2017), foi uma troca de experiência entre alunos brasileiros e ingleses e a possibilidade de aquisição de conhecimentos das similaridades e diferenças entre as culturas “híbridas e tradicionais e entre sociedades de matrizes anglo-saxônica e afro-latinas” (NORTE e CARDOZO, 2017, p. 8). As autoras informam que dois dos alunos que estiveram em Londres em 2012, puderam participar também do projeto em 2016 e retornaram para a visita ofertada em contrapartida (NORTE e CARDOZO, 2017, p. 30).

As autoras Norte e Cardozo (2017), registraram os olhares e percepções da visita dos alunos a Londres, em 2016, no livro *Outros olhares, novos saberes: convivência dos contrastes*. Dentre tantas atividades, pode-se destacar a visita a lugares icônicos, como Stratford-upon-Avon, onde nasceu o escritor William Shakespeare, a Baker Street, famoso endereço de Sherlock Holmes, personagem criado por Arthur Conan Doyle, assim como cenários mágicos da obra de J. K. Rowling, autora de Harry Potter.

Os estudantes brasileiros foram ainda recebidos pelo pró-reitor da Universidade de Westminster, Geoff Petts, que, após breve encontro na universidade, guiou os alunos pelas ruas de Westminster (NORTE e CARDOZO, 2017, p. 30). Os alunos do Cefet/RJ visitaram ainda as universidades de Oxford e Cambridge, instituições referenciais da Inglaterra.

V – Projeto de internacionalização do ensino médio técnico – Instituto Politécnico Portoalegre (IPPortalegre)

Esse é o primeiro projeto do Cefet/RJ voltado exclusivamente para alunos do ensino médio técnico. Foram selecionados dezessete alunos dos cursos técnicos de Mecânica, Alimentos, Química, Segurança do Trabalho, Automação, Enfermagem, Informática, Administração e Turismo.

Os alunos foram selecionados por meio de edital interno e receberam bolsas-auxílio no exterior no valor de R\$ 1.500,00 cada. O IPPortalegre ficou responsável pelo transporte, alojamento e alimentação dos alunos, já despesas com emissão de passaporte, a compra de seguro e de passagem aérea para Portugal foram financiadas pelos responsáveis dos alunos selecionados. Em matéria no portal institucional, a Assessoria de Convênios e Relações Internacionais do Cefet/RJ destacou que não foram pagas taxas escolares, pois isso fazia parte do acordo de cooperação entre as instituições (CEFET/RJ, 2018b).

De acordo com a matéria, os alunos participaram de “aulas e exposições na parte da manhã e atividades culturais na parte da tarde, propiciando ao grupo contato com outros costumes e valores, aplicação de conhecimentos na prática e amadurecimento acadêmico” (CEFET/RJ, 2018b, não paginado).

Esse projeto de mobilidade, além de estar fortemente ligado à missão institucional do Cefet/RJ, contemplou também o estipulado no seu Plano Institucional de Internacionalização (CEFET/RJ, 2018a), cujo princípio norteador é o de abranger toda a instituição, independentemente do nível de ensino.

5 METODOLOGIA

Com o intuito de fazer o levantamento do histórico de internacionalização no Cefet/RJ, dando destaque à importância das ações de internacionalização voltadas para o ensino médio técnico, optou-se pelo estudo de caso, e o *campus* Maracanã foi escolhido como campo de pesquisa por ser o local onde se originou a escola, e, por comportar a estrutura administrativa central da Instituição, é também o *campus* com maior número de alunos.

A opção pela pesquisa exploratória, com o estudo de caso, se deve ao seu planejamento flexível,

o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos. Em geral, envolve:

- levantamento bibliográfico;
- entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado;
- análise de exemplos que estimulem a compreensão (PRODANOV, 2013, p. 52).

Fizeram parte do estudo os alunos do ensino médio técnico do Cefet/RJ – *campus* Maracanã, que participam ou tenham participado de ações de internacionalização promovidas pela Instituição. Participaram ainda gestores que atuaram ou atuam no setor responsável por essas ações de internacionalização, no caso, a Assessoria de Convênios e Relações Internacionais (ASCRI).

Com base nos documentos disponíveis, considerou-se que os projetos de internacionalização voltados para alunos do ensino médio técnico não são abundantes, por isso a expectativa era de conseguir entrevistar ao menos cinco alunos regularmente matriculados que tivessem participado de ações de internacionalização e cinco gestores ou ex-gestores da área, ou envolvidos em projetos.

Dada a situação de emergência sanitária (pandemia), a pesquisadora obteve o contato institucional da professora responsável pelo projeto pesquisado e esta intermediou a comunicação com os alunos participantes. Todo o processo se deu de modo remoto, respeitando os protocolos de distanciamento social.

A pesquisadora havia contatado três ex-gestores antes do período de isolamento social, e estes tinham se proposto a participar, mas, infelizmente, as entrevistas não puderam ser realizadas presencialmente e tampouco foi possível contatar o número inicialmente programado.

Para os alunos foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado, cujo objetivo era analisar os impactos das ações de internacionalização em suas vidas acadêmica e profissional.

Os gestores que atuam ou atuaram na Assessoria de Convênios e Relações Internacionais, localizada no *campus* Maracanã do Cefet/RJ, foram entrevistados por meio de um roteiro semiestruturado, com o objetivo de coletar dados sobre o histórico de internacionalização e dos desafios enfrentados por eles para o desenvolvimento dessas ações.

Considerando a possibilidade de participarem das entrevistas alunos menores de idade, a pesquisadora tinha à sua disposição o TALE (Termo de Assentimento Livre Esclarecido), assim como o TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido) – Responsável Legal, que foram encaminhados por e-mails para que os alunos pudessem discutir com os seus responsáveis os dados referentes aos objetivos da pesquisa. Após a assinatura dos termos e autorização para que o aluno menor de idade pudesse participar da pesquisa, os roteiros de entrevistas foram enviados também por e-mail e os participantes puderam optar pelo modo de resposta às entrevistas (e-mail, videoconferência etc.). Todos os respondentes optaram por encaminhar suas respostas por e-mail.

Aos gestores e ex-gestores contatados de modo presencial, antes do início da pandemia, e cujas entrevistas não haviam sido realizadas, foi encaminhado por e-mail o roteiro de entrevista e eles puderam optar pelo modo de resposta, e o modo escolhido por todos foi o e-mail.

Para gestores contatados durante o isolamento social, isso se deu de modo exclusivamente remoto. Foi oferecido, por e-mail, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para leitura e posterior assinatura, ressaltando que a pesquisadora estaria disponível para esclarecer quaisquer dúvidas. Após assinatura, o roteiro de entrevista foi enviado por e-mail e o gestor optou pelo modo de resposta – no caso, a resposta foi enviada por e-mail.

Pretendeu-se, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, apoiada nos instrumentos de coletas de dados, resgatar a memória institucional no que se refere às ações de internacionalização e a constatação da validade dos projetos nessa área voltados para os alunos do ensino médio técnico.

O estudo do referencial teórico serviu de norte para a análise de dados, oferecendo subsídios para a melhor compreensão da história da instituição estudada,

assim como a importância da construção da memória coletiva, da proposta de ensino médio técnico na modalidade integrada e dos conceitos de internacionalização.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados pretendiam ser coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, pensadas inicialmente em três roteiros diferentes, com o objetivo de investigar a participação de alunos e ex-alunos do ensino médio técnico em ações de internacionalização, assim como coletar dados históricos do processo de internacionalização do Cefet/RJ e os desafios enfrentados pelos gestores e ex-gestores da área.

De acordo com a execução do cronograma do projeto de pesquisa, a coleta de dados se daria após o início do ano letivo de 2020, para que fosse possível o contato direto com gestores e ex-gestores dessa área, assim como com os alunos e envolvidos em projetos de internacionalização.

Infelizmente, diante da crise mundial instalada pela pandemia do coronavírus e a indicação do isolamento social como forma a prevenir o contágio, o Cefet/RJ determinou a suspensão das atividades acadêmicas e administrativas¹¹ de forma presencial, inicialmente, no período de 16 a 21 de março de 2020, conforme a Portaria nº 356, de 13 de março de 2020 (CEFET/RJ, 2020b). A suspensão das atividades acadêmicas e administrativas foi mantida reiteradamente diante da evolução dos casos da COVID-19 no Brasil, e, especialmente, no Rio de Janeiro. Em 08 de maio de 2020 o Conselho Diretor do Cefet/RJ suspendeu o calendário acadêmico de 2020, condicionando a sua reorganização para quando cessassem as restrições do isolamento social diante da pandemia do coronavírus, de acordo com a Resolução nº 08/2020 (CEFET/RJ, 2020c).

As atividades presenciais, tanto acadêmicas quanto administrativas, foram suspensas por tempo indeterminado com a edição da Portaria nº 1056, de 18 de setembro de 2020 (CEFET/RJ, 2020h), a novidade foi que esta portaria passou a prever atividades acadêmicas de forma remota, e as atividades acadêmicas foram então regulamentadas pela Portaria nº 1124, de 09 de outubro de 2020 (CEFET/RJ, 2020i).

Diante desse quadro completamente inesperado, a pesquisadora precisou reorganizar a coleta de dados e trabalhar com informações disponíveis no portal do Cefet/RJ e com alguns contatos previamente estabelecidos durante a fase do projeto

¹¹ As atividades administrativas passaram, durante todo esse período, a ser realizadas na forma de teletrabalho externo simplificado.

de pesquisa. As entrevistas não puderam ser conduzidas de forma presencial, e, como eram de caráter voluntário, a pesquisadora acolheu o modo de responder aos roteiros conforme a conveniência dos entrevistados, o que acabou sendo via e-mail.

Previamente, na fase de projeto, a pesquisadora havia contatado alguns ex-gestores da área de internacionalização que demonstraram interesse em participar da pesquisa, assim como a gestora atualmente no cargo. Com as medidas restritivas associadas à pandemia, esse grupo se dispôs a responder ao roteiro de entrevista por e-mail. Foram contatados 4, mas apenas 2 enviaram suas respostas.

Por meio do Portal do Cefet/RJ, a pesquisadora soube da participação de alunos do ensino médio técnico em um projeto internacional, o Harvard Model United Nations (HMUN), nos Estados Unidos, em fevereiro de 2020 (CEFET/RJ, 2020a). O HMUN consiste em uma simulação de conferências diplomáticas, semelhante ao que ocorre nas Nações Unidas, em que os estudantes são divididos em comitês, cada comitê representando um país e discutindo temas específicos em cada um deles.

Essa pareceu ser uma oportunidade para coletar dados de alunos do ensino médio técnico, e então foi feito contato com a professora responsável por acompanhar os alunos durante o evento, por meio de seu e-mail institucional. Gentilmente, a professora não só concordou em participar da entrevista, como fez a ponte para que os alunos participassem. Dos 7 alunos contatados, apenas 3 retornaram as respostas, conforme Quadro 5.

Quadro 5 – Identificação das amostras

Participante	Identificação	Amostra esperada	Entrevistas solicitadas	Entrevistas respondidas
Gestor de internacionalização	G1	5	1	1
Ex-gestor de internacionalização	G2		3	1
Coordenador de projeto de internacionalização	G3		1	1
Alunos	A1; A2; A3	5	7	3
Total		10	12	6

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Para os gestores de internacionalização foi perguntando, além do tempo de gestão, se eles haviam desenvolvido projetos específicos para o ensino médio técnico e em que anos, conforme Quadro 6.

Quadro 6 – Tempo de gestão e projetos específicos para o ensino médio técnico

Entrevistado – gestor	Período de gestão na ASCRI	Total de convênios assinados na gestão	Projetos específicos para alunos do ensino médio técnico	Período de realização de projetos específicos para alunos do ensino médio técnico
G1	outubro de 2019 – novembro de 2020	1	Não	-
G2	2005 a 2019	55	Sim	2011; 2012 e 2018
G3	-	-	Sim	2020

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

Aos alunos foram feitas perguntas relativas à sua idade, curso e se já tinham viajado ao exterior alguma vez e, dos 3 participantes, apenas 1 nunca tinha viajado para o exterior (Quadro 7).

Quadro 7 – Perfil dos alunos

Entrevistado – Aluno	Idade	Curso	Tinha viajado ao exterior antes do projeto?	Período do projeto
A1	17	Edificações	Sim	30 de janeiro a 02 de fevereiro 2020
A2	17	Edificações	Sim	30 de janeiro a 02 de fevereiro 2020
A3	19	Meteorologia	Não	30 de janeiro a 02 de fevereiro 2020

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

Os dados de todos os demais alunos envolvidos em projetos de internacionalização dependiam de pesquisa em arquivos institucionais, o que, devido à suspensão das atividades administrativas presenciais, por causa da pandemia do coronavírus, não foi possível obter.

Para realizar a análise dos dados coletados, optou-se pela análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), aplicada à análise de dados qualitativos, o que permite o estabelecimento de indicadores para interpretação das informações coletadas. Inicialmente, foi feita a pré-análise das respostas, com o intuito de conhecer os textos

e organizar os dados. Em seguida, trabalhou-se com a categorização dos dados, que levou à elaboração de 2 categorias gerais e 4 categorias temáticas, os dados foram interpretados com base na análise de conteúdo.

Quadro 8 – Categorias de análise

Categorias Gerais	Categorias Temáticas
1) Internacionalização	I. Comprometimento institucional
	II. Interculturalidade
2) Formação integral	III. Formação humana e cidadã
	IV. Memória

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

As categorias gerais serão expostas, por uma questão de lógica (passando-se do mais amplo ao mais específico), como os dois grandes eixos que surgiram do processo dedutivo ou inferencial, e, entre elas, serão analisadas as categorias temáticas relacionadas, a fim de garantir a fluidez da análise. A percepção que se teve com a criação das categorias gerais e temáticas, durante a análise de dados, foi a interligação entre elas, não sendo estas totalmente fechadas entre si e transitando umas pelas outras.

Diferentemente da análise quantitativa, que pode ter seus dados mensurados em números, a análise qualitativa pode funcionar sobre “*corpus* reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis” (BARDIN, 1977, p. 115). Inicialmente, a amostra esperada era de ao menos 10 respondentes, mas, embora tivessem sido solicitadas 12 entrevistas, somente 6 foram respondidas, tornando a amostra reduzida,

e, assim, reduzindo também a possibilidade de se expandir as categorias, não impedindo, entretanto, a análise, por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo e o método escolhido permitir a análise em *corpus* reduzido.

A seguir serão apresentadas as análises, divididas, como dito anteriormente, em dois grandes eixos gerais (Internacionalização e Formação Integral), e subdivididas em seus eixos temáticos (Comprometimento Institucional e Interculturalidade; Formação humana e cidadã e Memória).

6.1 Internacionalização

O Cefet/RJ é uma instituição que compreende a internacionalização como uma área estratégica, o que pôde ser constatado em seu Plano Institucional de Internacionalização (CEFET/RJ, 2018a), e, como parte desse Plano, a partir da matriz SWOT¹², foram levantados os pontos que mereciam mais atenção.

Em 2018, foi destacado como um ponto fraco o número reduzido de servidores na ASCRI, assim como a necessidade de capacitação desses servidores, principalmente em uma língua estrangeira. Do ponto de vista institucional, há outros fatores que poderiam ser levados em conta, tais como outros setores envolvidos no processo, além da própria ASCRI, como jurídico, administrativo e acadêmico, G1, que esteve à frente da ASCRI no período de outubro de 2019 a novembro de 2020, fala dessa interação entre os participantes e de sua preocupação em “reduzir a burocracia e o tempo para a realização das tratativas”, o que pode diminuir a percepção da comunidade sobre a real atuação da Assessoria.

Na experiência de participação no HMUN, G3, que acompanhou a equipe do Cefet/RJ no evento, destacou que o “setor financeiro nunca havia realizado uma transação financeira internacional”, mas, com a atuação da ASCRI, as barreiras foram superadas e os alunos tiveram suas inscrições pagas, assim como foram garantidas as diárias e passagens para a professora que os acompanhava. Essa observação retoma tanto a questão da capacitação dos atores envolvidos, quanto da capacitação de outras áreas da instituição para além da própria ASCRI.

De uma maneira mais ampla, Schmitz et. al. (2016) apontaram, em sua pesquisa com os Institutos Federais, a necessidade de fortalecimento da estrutura

¹² O termo SWOT é o acrônimo para *Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats* (Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças). (CEFET, 2018a, não paginado).

administrativa para “o cumprimento dos objetivos de cooperação e intercâmbio internacionais” (SCHMITZ et. al., 2016, p. 5), implicando que muitas instituições passam pela mesma dificuldade, com poucos servidores lotados nas áreas de internacionalização, e, muitas vezes, sem a capacitação necessária, o que poderia favorecer a mediação com outros setores.

Outro destaque que deve ser feito diz respeito às verbas destinadas a bolsas para alunos, com o objetivo de fomentar os projetos de internacionalização. De acordo com a entrevistas realizadas com os gestores da área, em 2019, a ASCRI gerenciava o valor total de R\$ 732.000,00 “para distribuir (em valor mensal de R\$ 1500,00) para os estudantes em mobilidade no exterior” (G2), que esteve à frente da ASCRI entre 2005 e 2019. A ajuda com despesas no exterior certamente é de suma importância, ainda mais quando se fala de uma instituição pública de ensino, que recebe alunos das mais diversas realidades.

A fim de contemplar sua missão institucional, e os objetivos elencados em seu Plano Institucional de Internacionalização, o Cefet/RJ poderia fortalecer as iniciativas de projetos internacionais para alunos do ensino médio técnico em ações como oferecer acompanhamento nas questões de documentação para viagem, inscrições em eventos, pagamentos de taxas, oferecimento de bolsa para ajudar nas despesas etc.

Retomando o que diz John Hudzik (2011), não existem soluções mágicas para superar as barreiras para a internacionalização, mas a preocupação institucional com essa área pode ser um começo. A existência de um Plano Institucional de Internacionalização para o Cefet/RJ, em que foram identificadas as forças, as fraquezas, as ameaças e as oportunidades nesse campo, indica o esforço constante da instituição em fortalecer o seu processo de internacionalização, iniciado em 1987, ampliando esses horizontes também para os alunos do ensino médio técnico, em busca de melhor cumprir a sua missão.

6.1.1 Comprometimento institucional

O comprometimento institucional trata da percepção do projeto de internacionalização do Cefet/RJ. Publicado em 2018, o Plano Institucional de Internacionalização foi desenvolvido em consonância com a missão institucional e com o objetivo de “de organizar, estruturar e planejar, de forma mais sistemática, os

esforços realizados de modo a obter resultados mais efetivos” (CEFET/RJ, 2018a, não paginado).

O mesmo Plano considera o processo de internacionalização do Cefet/RJ como recente, visto que as ações começaram a se dar de maneira mais organizadas no final dos anos de 1990 e começo dos anos 2000 (CEFET/RJ, 2018a), enfatizando o êxito e consolidação das parcerias por meio do apoio da gestão, principalmente pelo papel estratégico desempenhado pela ASCRI.

De acordo com Hudzik e McCarthy (2012), a maneira como cada instituição aborda a questão da internacionalização é única e deve ser construída a partir da missão institucional, dos seus valores e suas prioridades. Logo, “não há melhor modelo para ação, o fator mais importante é adotar uma abordagem que melhor sirva para cada instituição”¹³ (HUDZIK e MCCARTHY, 2012, p. 23, tradução nossa).

Do ponto de vista da gestão da ASCRI, há espaço para ampliar a internacionalização, como trabalhar na divulgação dos projetos internacionais existentes, assim como “definir o mapeamento do processo de consolidação de novos convênios e tornar público este conhecimento para que todos possam compreender suas participações e responsabilidades no mesmo” (G1).

Avaliando a sua colaboração na ASCRI e o comprometimento institucional, G2 disse que para

alavancar a procura pela mobilidade *out*, foi expandindo gradualmente o número de bolsas destinadas aos estudantes. Em 2019, a ASCRI gerenciava o valor total de R\$ 732.000,00 para distribuir (em valor mensal de R\$ 1500,00) para os estudantes em mobilidade no exterior (de acordo com o contrato assinado) e uma bolsa no valor de R\$ 2500,00 mensais para leitor francês no período de um ano (G2).

Outras ações para divulgação da internacionalização também receberem apoio da gestão do Cefet/RJ, como publicação de folhetos e livros em vários idiomas, organização de eventos internacionais na instituição, integração com redes de assessorias internacionais, filiação a associações de educação internacional, além de incentivo à participação em eventos internacionais como

Conferências FAUBAI (de 2006 a 2019), NAFSA [Association of International Educators] Conference (2014, 2015, 2018), EAIE [European Association for

¹³ “*There is no best model for action, and the most important factor is adopting an approach that best fits each institution*”.

International Education] Conference (2014, 2016), Encontro AULP (2011, 2013), CAEI [Congreso de las Américas sobre Educación Internacional], em 2013, FEUP Mobility Network (2009, 2011), Staff Weeks em 2017 na Alemanha e na Finlândia, Podium's London 2012 Legacy Conference, em Londres, International Meeting, em Coimbra em 2013, Erasmus Mundus Staff Training, em 2014, no Peru, além de encontros de responsáveis por relações internacionais na América do Sul em 2006 e 2007, na Argentina e no Paraguai, e o Foro Internacional de Experiencias Universitarias na Argentina em 2018. O CIEEMAT (Congresso Ibero-americano de Empreendedorismo, Energia, Meio ambiente e Tecnologia), criado pelo CEFET/RJ, em gestão conjunta com o IP de Bragança, contou com a participação da ASCRI em suas edições de 2015 a 2018, em Angra dos Reis e em Portugal (G2).

Do ponto de vista prático, no relato de G3, dada sua recente experiência no HMUN, “é importante que a escola direcione cada vez mais seus esforços para possibilitar o engajamento de seus estudantes através da divulgação de informações entre eles e de ajuda financeira para tanto” (G3). A professora relata ainda que

A escola financiou minha inscrição, passagens e diárias e, para os estudantes, financiou suas inscrições individuais. As passagens e diárias de cada estudante foram bancadas por suas famílias, com a ajuda da “vaquinha” on line que haviam feito, e da venda de livros usados e de rifas. Interessante destacar que, entre eles, a divisão dessa verba “extra-familiar” foi investida por eles, de acordo com as necessidades de cada um. Muito solidária a atitude deles (G3)

Embora a instituição tenha pagado as inscrições dos alunos no evento, não houve qualquer ajuda adicional, as passagens e demais despesas foram pagas pelas famílias, o que certamente pode ser um fator limitante para muitos alunos interessados em participar de projetos como esse.

A equipe do Cefet/RJ, que participou do HMUN, fez vários relatos do que ocorreu durante o processo inscrição, como dificuldade de comunicação com a instituição estrangeira, o próprio ato de preenchimento do formulário de inscrição, pagamento de taxas, despesas, como pode ser observado:

Encontrei dificuldades em certas partes da inscrição por depender da boa-vontade de certos profissionais, já que o que eu pedia (como comunicar-se com a escola estrangeira) não é oferecido ou pelo menos não conhecia (A1)

Eu me inscrevi junto com um grupo de 11 estudantes também do CEFET e o processo se baseava no envio de uma *application*: um formulário com algumas perguntas a ser preenchidas. Contamos com a ajuda dos professores do CEFET que nos orientavam (A2).

O processo de inscrição é feito por um aluno responsável que inscreve a escola e sugere o número de pessoas para pertencer a esse grupo e um adulto responsável pelo grupo (no caso foi uma professora), respondendo a perguntas que são submetidas, escolhendo os países que o grupo deseja

representar no evento. Depois de alguns meses recebemos o resultado e temos que pagar duas taxas de inscrição, uma pelo grupo e outra individual (A3).

Eu, como professora orientadora do grupo de alunos tive todas as minhas despesas pagas e os 12 alunos participantes tiveram suas inscrições pagas pelo Cefet como fruto do apoio dado pela ASCRI; no entanto, a impossibilidade apresentada para custear as demais despesas dos alunos, além das inscrições (passagem, hotel e alimentação, é um fator que desestimula a participação do corpo discente, de maneira geral, nesse tipo de projeto (G3).

Como relatado por G3, a ajuda de custo para participação nessas iniciativas pode ser um fator limitante para os alunos, que dependem exclusivamente do apoio familiar, daí a importância de a instituição poder oferecer bolsas também para os alunos do ensino médio técnico.

A iniciativa de participação no evento internacional partiu do grupo de alunos, ligados ao MODOW (Modelo Diplomático do Cefet/RJ), o que serve para destacar que nem todas as ações de internacionalização se dão por iniciativa institucional, muitas das vezes as parecerias

ocorrem em determinados centros de excelência da instituição, nos quais os pesquisadores já detêm ampla autonomia e, portanto, dispõe de seus próprios contatos e relacionamento com pares internacionais, porém totalmente desconhecidos pela própria instituição (STALLIVIERI, 2017, p. 61).

De acordo com os relatos, embora a iniciativa tenha sido do grupo de alunos, em conjunto com a professora responsável, a ASCRI, quando procurada, fez o possível para garantir o apoio institucional na forma de pagamento das inscrições e no pagamento das despesas da professora, o que às vezes não é possível, pois nem sempre as instituições “possuem as condições financeiras, organizacionais, administrativas ou humanas necessárias” (STALLIVIERI, 2017, p. 70).

A questão do apoio institucional para que um projeto de internacionalização tenha sucesso está intimamente ligada ao conceito de comprometimento institucional proposto por Hudzik (2011), e isso pode ser observado mesmo em um evento particular como o HMUN: “Houve uma grande dedicação da ASCRI para permitir nossa participação no evento” (G3). Entretanto, do ponto de vista dos alunos, há a necessidade de aperfeiçoamento:

A ASCRI, pelo que percebemos, é uma assessoria voltada primordialmente à graduação. Acredito que se os alunos, no nosso caso do ensino médio-

técnico, tivessem uma assessoria para ajudar nos assuntos de internacionalização seria muito melhor! (A2)

Tivemos que lidar com as inscrições e questões como visto e passaporte sozinhos, e apenas na reta final da viagem conseguimos um retorno da ASCRI, a Assessoria de Convênios e Relações Internacionais do CEFET (que foi contatada desde o início da inscrição) e mesmo assim seu andamento era muito demorado e burocrático (A3).

A partir dos relatos dos alunos, pode-se destacar o que havia sido observado quando da referência aos convênios internacionais vigentes no Cefet/RJ (Anexo B), de que majoritariamente são voltados para o ensino superior, para alunos que provavelmente têm um grau de maturidade e desenvoltura um pouco maior do que os alunos do ensino médio técnico, que precisam de um acompanhamento diferenciado. Importante ressaltar o que disse A3 a respeito de os alunos terem cuidado tanto das inscrições no evento, quanto de obtenção de passaporte e visto sozinhos, pois a Assessoria os ajudou quando a viagem já estava para acontecer.

Uma das marcas do comprometimento institucional é desenvolver uma cultura interna que leve a uma evolução das ações a uma percepção contínua das oportunidades e dificuldades de forma global, assim como a interação entre a comunidade e a dinâmica institucional interna (HUDZIK, 2011, p. 24).

A preparação da comunidade acadêmica como um todo para o processo de internacionalização pode ser um dos fatores de sucesso para um projeto institucional, pois a

definição das políticas de internacionalização reforça a clareza dos objetivos para a cooperação internacional e, por meio dela, alinham-se os objetivos, definem-se os papéis dos diferentes atores convoca-se a comunidade para o comprometimento com os projetos e com as ações de cooperação (STALLIVIERI, 2017, p. 86).

Alinhado a esse entendimento, G2 observou ser necessário “um forte compromisso institucional e conhecimento, por parte de toda a comunidade, em todos os níveis da organização educacional, das atividades de internacionalização”, opinião compartilhada por G1, para quem era preciso “promover mais atividades de comunicação, divulgação e informação à comunidade sobre as ações de internacionalização da Instituição”.

Um programa de cooperação internacional se fortalece com o apoio e o envolvimento de professores, empregados das assessorias internacionais,

funcionários das instituições hospedeiras e a comunidade onde se insere. O relacionamento com a nova cultura, o interesse em conhecer seus hábitos e valores e em se comunicar com o outro são fortes alimentadores de um intercâmbio acadêmico interculturalmente efetivo (G2).

É possível observar pelo registro de G2 que, institucionalmente, houve clareza de que a inserção da comunidade poderia fortalecer um projeto de internacionalização. Do ponto de vista da equipe que participou do HMUN, na área administrativa há necessidade de melhoria nos processos para que o apoio seja mais efetivo, G3 destacou que o a área responsável pelo pagamento das inscrições nunca tinha realizado uma transação financeira para outro país, e que isso precisava ser aprimorado, mas, com o apoio da ASCRI, foi possível garantir a participação de todos.

O Plano Institucional de Internacionalização do Cefet/RJ, em 2018, indicou a necessidade de ampliação do quadro de servidores na ASCRI e também a necessidade de capacitação desses servidores, principalmente em uma língua estrangeira, mas, de acordo com G1, a equipe da Assessoria é composta, além da Assessora de Relações Internacionais, de “duas técnicas administrativas, uma professora EBTT e dois estagiários”.

O problema de limitação de pessoal para atender o setor de relações internacionais não é algo que afeta somente o Cefet/RJ, em pesquisa realizada com 38 instituições da Rede Federal sobre o fortalecimento da internacionalização da instituição, foi constatado que “em pelo menos um terço das Instituições, há apenas um servidor responsável por todas as ações de internacionalização, o que é considerado insuficiente, dada a magnitude das ações decorrentes desse processo” (SCHMITZ et al., 2016, p. 11).

A questão de pessoal não é a única limitação para uma instituição fortalecer o seu processo de internacionalização, pois há diversos fatores que podem influenciar uma tomada de decisão quando se estabelecem convênios com instituições estrangeiras.

Na questão acadêmica, tratando da internacionalização dentro da instituição, G2 observou que

Além do redesenho do currículo, da dupla titulação e da oferta de condições de alojamento para os estudantes internacionais, é essencial a adoção da língua inglesa como segunda língua em seus programas e cursos (aulas de inglês e professores proficientes no idioma, *website*, ementas, grades e anúncios de eventos em inglês) (G2).

Assim como a internacionalização pode ser realizada de diversas formas, dentro ou fora da instituição, os desafios encontrados são variados e podem ser superados de diversas formas. No recorte de G2, para atrair estudantes internacionais, a instituição deveria oferecer cursos de dupla titulação, currículo com disciplinas em língua inglesa, assim como informações disponíveis nesse idioma, além de alojamento.

Tendo como percepção o ponto de vista dos alunos do Cefet/RJ que participaram de uma ação de internacionalização, a instituição deveria “Ampliar o aporte de verbas destinadas a este fim e promover uma maior divulgação dos eventos e projetos entre os alunos” (G3).

John Hudzik (2011), antecipa que “não há soluções mágicas para lidar com barreira para a internacionalização, exceto o comprometimento institucional e a persistência em fazê-lo através de um número de variáveis”¹⁴ (HUDZIK, 2011, p. 29, tradução nossa). G1 observa que uma das formas de superar as barreiras seria

Ter a possibilidade de um contato mais direto com os alunos e suas demandas, ter um espaço físico disponível para a interação entre os alunos, bem como as ferramentas administrativas necessárias para atender as suas demandas quando possível legalmente (G1).

Complementando essa perspectiva, G2 comentou que “a efetividade em um programa de intercâmbio acadêmico se traduz em vislumbrar os alunos em mobilidade vivendo felizes e confortavelmente com sucesso nos estudos em uma cultura diversa que abraçam por um tempo”.

De acordo com G1, a produção acadêmica pode ser uma forma de dar visibilidade a toda comunidade, assim como estimular os processos de internacionalização nas instituições de ensino:

O desenvolvimento de pesquisas e trabalhos acadêmicos na área de internacionalização e suas posteriores divulgações, principalmente na identificação da situação atual e suas necessidades, são de extrema relevância e colaboram para estabelecer novas condições para as Instituições de Ensino e um cenário cada vez mais positivo de interação entre os países (G1).

¹⁴ “There are no magic solutions to dealing with barriers to internationalization except institutional commitment and persistence in doing so across a number of variables”.

Outro fator de destaque para a superação das dificuldades está ligado ao comprometimento institucional, dado que

os gestores responsáveis pelos estudantes internacionais necessitam estar totalmente comprometidos com o sucesso dos programas assinados pela instituição, na sua gestão ou na de outrem, aceitar as dificuldades que os alunos internacionais possam ter ao lidar com o novo e/ou inusitado e estar dispostos a colaborar frente ao impensado, caso haja essa necessidade (G2).

O inusitado, no ano de 2020, foi a situação de emergência de saúde pública provocada pelo coronavírus. A Instituição precisou buscar formas de apoiar alunos e servidores que estavam em programas de mobilidade no exterior, ou de alunos em mobilidade no próprio Cefet/RJ:

O início da situação classificada como pandemia pelo coronavírus que trouxe uma nova realidade mundial inclusive para a internacionalização. Este fato interrompeu os calendários acadêmicos e programas de intercâmbio, provocou retornos antecipados de alunos para seus países de origem, e exigiu um contato contínuo com os alunos que decidiram permanecer no exterior (G1).

AASCRI, mais diretamente, preocupou-se em oferecer apoio para tentar

minimizar os impactos sobre a saúde física e emocional dos estudantes que estão em programas de mobilidade acadêmica internacional. Entre as ações, estão o monitoramento e o diálogo com os alunos, o apoio à tomada de decisões em conjunto com os familiares e a mediação junto às instituições parceiras, para que os cursos sejam concluídos sem prejuízo (CEFET/RJ, 2020d, não paginado).

A pandemia afetou ainda a permanência da leitora francesa, que ministrava cursos de francês no Cefet/RJ como parte do Programa de Leitorado¹⁵, dado que a Embaixada da França possibilitou o retorno antecipado desses professores (CEFET/RJ, 2020g).

Esse pequeno recorte serve para exemplificar que “não há soluções mágicas”, como dito por Hudzik (2011), pois há situações inesperadas e cada gestor precisa resolvê-las de formas diferentes, sendo essencial para isso o apoio institucional.

¹⁵ O Programa de Leitores Franceses é uma iniciativa do CONIF com a Embaixada da França. As instituições credenciadas recebem professores para o ensino da língua francesa por períodos determinados em edital.

6.1.2 Interculturalidade

A questão intercultural tende a ser um fator relevante nos projetos de internacionalização, pois os atores envolvidos estarão diante de outras realidades culturais e deverão aprender a lidar com os costumes daquela comunidade – independente da modalidade: se de uma instituição brasileira recebendo estrangeiros, ou enviando alunos brasileiros para o exterior.

Discutindo o papel da educação no século XXI, Gacel-Ávila (2005) aponta uma das funções fundamentais das instituições de ensino é

fomentar a consciência global entre os estudantes, fazendo-os entender a relação de interdependência entre os povos e sociedades, desenvolver neles o entendimento da sua própria cultura e das demais culturas e respeito pelo pluralismo¹⁶ (GACEL-ÁVILA, 2005, p. 123, tradução nossa).

Na fala dos alunos foi possível observar uma certa dificuldade em interagir com outros participantes no HMUN, fosse por causa da timidez pessoal, fluência no idioma estrangeiro ou pela competitividade dentro das equipes, o que, de acordo com o seu próprio relato, acabou sendo superado durante a participação.

Quadro 9 – Dificuldades dos estudantes

a maior dificuldade foi a dinâmica, a velocidade do diálogo (A1).	consegui mais ao final socializar e sair com colegas (A1).
um pouco em relação à fluência na língua inglesa (A2).	Uma colega minha nicaraguense da delegação de uma escola americana até disse que costuma ouvir música brasileira (A2).
eu não sentia muita abertura também para falar com os estrangeiros e com os americanos (A3).	A maioria das pessoas com quem tive contato eram estrangeiras também, só continuei conversando com uma menina americana e uma marroquina (A3).

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

Em seus estudos sobre internacionalização, Stallivieri (2017) observou que a adoção das línguas inglesa e espanhola são uma tendência, pois as instituições

¹⁶ *“fostering of a global consciousness among students, to make them understand the relation of interdependence between peoples and societies, to develop in students an understanding of their own and other cultures and respect for pluralism”.*

“começam a pensar na elaboração de programas que sejam oferecidos em outras línguas de instrução além da língua portuguesa” (STALLIVIERI, 2017, p. 80). G2 comentou que uma das formas de ultrapassar a barreira da linguagem seria a adoção da língua inglesa, pois a

dimensão internacional valorizou o ensino da língua inglesa, transformada em língua global por uma variedade de razões, mas, principalmente, por sua ascensão como a língua dominante da linguagem científica e, por sua vez, elevando-a como língua oficial acadêmica (G2).

Consonante a isso, o ensino de “idiomas é uma forma de permitir ao cidadão deste milênio a sua inclusão nesta nova era que se ascende, inserindo-o no letramento global da linguagem” (CAVALCANTE et al., 2015, p. 98). A criação de um centro de línguas, que pudesse oferecer cursos de idiomas para a comunidade, e, principalmente, cursos específicos para aqueles que vão participar de projetos internacionais, pode ser um dos modos de superar essa barreira da linguagem. A oferta de língua portuguesa para estrangeiros que vão estudar no Cefet/RJ poderia ser uma maneira de tornar a experiência dos alunos mais proveitosa. Importante destacar que ao aprender uma nova língua, o estudante tem a oportunidade de aprender sobre a cultura do país ou dos países que adotam aquela língua como padrão.

Em sua entrevista, G2 comentou que os alunos do projeto CAPES-FIPSE “não vieram com proficiência em língua portuguesa, e não tinham grande interesse em comunicar-se e estabelecer um bom relacionamento com as pessoas do novo local”.

A Instituição procurou modos de lidar com essas dificuldades, envolvendo professores, alunos e alunos do ensino médio técnico:

Contamos com ajuda de professores do curso de Administração para aulas em inglês, ou aulas em português e ajuda aos estudantes americanos por parte dos alunos brasileiros com tradução, seminários com ajuda dos estudantes do ensino médio sobre aspectos do Brasil e do Rio de Janeiro em inglês e diversas atividades extra-classe, onde estudantes brasileiros (do ensino superior e do ensino médio-técnico) e americanos interagiram com sucesso (G2).

Os alunos do Curso Técnico de Turismo que colaboraram nesse acolhimento foram escolhidos por serem “treinados na técnica de gerenciamento, do receptivo e da organização de eventos, além de estudarem duas línguas estrangeiras – Espanhol e Inglês” (NORTE e SANTOS, 2005, p. 36), e, principalmente, porque o Turismo é considerado a atividade que “proporciona ao homem conhecer o modo de vida, os

costumes, as tradições e o pensamento da comunidade receptiva, através das diversas manifestações inseridas na cultura, na arte, na gastronomia, etc.” (NORTE e SANTOS, 2005, p. 36).

A comunidade acadêmica se comprometeu com o acolhimento e estímulo dos colegas, para que eles pudessem aproveitar aquela experiência, mas, talvez, se houvesse um curso de língua portuguesa para estrangeiros, desde o início do projeto, os alunos do projeto CAPES-FIPSE teriam se comportado de uma forma diferente.

Do ponto de vista de gestores da área internacional, há necessidade de “construção de um comportamento intercultural” (G1), o que foi apontado no próprio Plano de Internacionalização, na análise feita dos pontos fracos: “consolidar um ambiente institucional que seja amplamente adequado para o acolhimento de discentes estrangeiros” (CEFET/RJ, 2018a, não paginado).

Nessa perspectiva, conforme as observações dos gestores da área internacional, o papel institucional seria o de, não somente desenvolver o comportamento intercultural dos seus alunos, mas de toda a comunidade, aperfeiçoando, assim, o seu processo de internacionalização.

Considerando a multiplicidade de observações feitas pelos estudantes que participaram do HMUN, cabe destacar a abordagem de Stallivieri para a questão da interculturalidade e a compreensão de que existem culturas diferentes e não culturas superiores. A autora observa que

um dos grandes desafios para a educação do futuro e para as instituições de Ensino Superior consiste em definir como os estudantes podem aprender e usufruir dos benefícios da dinâmica da comunicação intercultural, desenvolver uma consciência global, aprender a cultura de outros países, atuar em ambientes pluri e multiculturais e transformar-se em pessoas internacionais, preparadas para os desafios que terão que enfrentar (STALLIVIERI, 2017, p. 35).

O Cefet/RJ, além de ofertar cursos de ensino superior, tem uma grande oferta de cursos técnicos de nível médio. Os alunos que participaram do HMUN pertencem a esse segundo público, sendo alunos de cursos técnicos de nível médio, poderiam ser pensadas estratégias para dar suporte aos futuros participantes desse nível de ensino, como a criação de um centro de línguas, por exemplo, que poderia atender a toda a comunidade acadêmica, e poderiam ser oferecidos cursos de línguas específicos para aqueles que vão participar de um projeto internacional.

Para além da questão da língua estrangeira, a equipe do Cefet/RJ se viu diante de outras situações, como a interação entre participantes que já haviam estado no evento em edições anteriores e seu senso acirrado de competição. De acordo com o portal do HMUN, esse modelo de conferência acontece desde 1953 (HARVARD, 2020), tendo essa informação é possível compreender o destaque feito por A3:

Percebi no evento que muitos alunos participam dele mais de um ano e por isso, já conheciam muitas pessoas, deixando de lado as pessoas que vão pela primeira vez, não procurando conversar com as pessoas sobre assuntos que não tangem ao evento (e as vezes nem isso), devido ao clima de competição extrema entre os participantes (há uma premiação no final do evento de melhores participantes de acordo com sua atuação no evento) conversando com aqueles que apenas os convém para ganhar esse prêmio e com os amigos já conhecidos de outras edições (A3).

Mesmo diante das dificuldades, os alunos conseguiram se integrar a participar das atividades promovidas durante o evento. A1 fez parte do comitê que representava o Camboja, com

sessões de discussão em torno de um tema (no meu caso, o cumprimento da SDG7 na área conhecida como Ásia-Pacífico), onde países eram representados por duplas (no meu caso, o Camboja). Discursos eram escritos e feitos para apresentar ideias formuladas a partir de um senso crítico buscando soluções baseadas em situações e realidades previamente estudadas. Além disso ainda havia votações realizadas e documentos redigidos (A1).

Por meio do depoimento de A2 pode-se ter uma ideia mais precisa dos objetivos dos debates: “Nós debatemos assuntos de caráter internacional e humanitário com estudantes de várias partes do mundo, buscando ao final da simulação chegar a uma resolução, em formato de documento” (A2).

De acordo com A3, o aprendizado se estendeu para além dos debates em si, como o relatado sobre o comportamento de participantes de outras nacionalidades:

Argumentação nos debates do evento, conversação para discutir com os participantes, criação de documentos de trabalho (que resumem o que foi debatido e acordado) e principalmente compreensão das formas de expressão dos participantes de outras nacionalidades (A3).

Afora as atividades nos comitês, os estudantes puderam conhecer a universidade e foram acompanhados por um estudante brasileiro. “Além da simulação,

atividade fundamental do evento, participaram, também, de um tour pela Universidade de Harvard, guiado por um estudante brasileiro desta Universidade” (G3).

Vale ressaltar que a equipe do Cefet/RJ foi agraciada com dois guias que são ex-alunos da escola:

Tivemos a oportunidade de encontrar dois ex-alunos do ensino médio-técnico do CEFET (...) que fazem graduação na Harvard University e University of Columbia, respectivamente. Foi ótimo conhecer a experiência de “ex-cefetianos” que estudam fora atualmente (A2).

Os alunos também participaram de atividades culturais:

Havia um momento antes da festa no qual podemos apreciar comidas, danças, músicas e aparatos típicos de cada país. Diversas nações foram representadas por equipes do local, até mesmo o Brasil. Durava mais de uma hora e foi bastante divertida. (A1)

a delegação do CEFET participou do Cultural Extravaganza. Assistimos a várias amostras de dança de participantes indianos, chilenos e brasileiros (A2).

Assisti ao Cultural Extravaganza, uma feira cultural que ocorria no meio do evento com comidas típicas e apresentações de diversos países (A3).

Diante do entendimento de que a interculturalidade colabora para o desenvolvimento de profissionais aptos para o mundo do trabalho para além que qualquer fronteira, como proposto por Stallivieri (2017, p. 32), é possível depreender que mesmo alunos tão jovens quanto os do ensino médio técnico puderam se beneficiar da experiência no HMUN.

Os alunos observaram que os demais participantes se interessavam pelo Brasil, dentre os questionamentos mais frequentes estavam os relacionados à música e à dança: “Muitos se interessam pelo Brasil, gostam do nome e dos nossos estereótipos. No meu caso em específico acredito que gostaram das danças” (A1); “Sim! Alguns me perguntaram como que era o Brasil, também diziam que ele era bem bonito e elogiavam nossa música” (A2).

A3 teve uma percepção mais aguçada e notou que nem todos os membros eram respeitosos uns com os outros, e disse ter aprendido

sobre outras culturas mas em relação ao respeito ao outro pelo menos no meu comitê presenciei muitos participantes zombando e fazendo piada com pessoas que tinham sotaques fortes (a maioria indianos) e com pessoas que se enrolavam no inglês na hora de falar (como eu). (A3)

Portanto eu aprendi sobre respeitar o outro vendo essa situação mas não sei se os outros participantes tiveram essa mesma percepção (A3).

Do ponto de vista de G1, “Tais experiências amadurecem o indivíduo intelectual e culturalmente, colaboram para suas decisões futuras e abrem novos cenários e perspectivas de vida”.

Essa observação sugere que há o entendimento de que a interculturalidade faz parte do processo de internacionalização do Cefet/RJ. Stallivieri (2017) aborda ainda a necessidade de capacitação dos “docentes e dos discentes para o entendimento de todas as estruturas que devem ser mobilizadas no processo de internacionalização e mobilidade, principalmente na construção de um comportamento intercultural” (STALLIVIERI, 2017, p. 164).

De acordo com G2, a mobilidade internacional pode trazer muitos benefícios para todos os envolvidos:

A mobilidade internacional promove expansão da cultura, troca de experiências e aprendizado intercultural. Os intercâmbios fazem com que não somente os estudantes, mas todos os participantes, sejam contemplados com oportunidades para seu próprio desenvolvimento pessoal e social (G2).

Mesmo em um pequeno recorte como o apresentado é possível observar como os alunos da equipe do Cefet/RJ foram tocados pela participação no HMUN, encontraram modos de superar as adversidades encontradas, assim como aproveitar a riqueza do momento que vivenciavam.

6.2 Formação Integral

Em uma perspectiva do ensino integrado, em que a dualidade entre o ensino geral e o ensino profissional fique superada, a internacionalização pode vir a ser uma das formas de ampliar o espectro formativo dos alunos de ensino médio técnico, pois eles são sujeitos

que têm uma vida, uma história e uma cultura. Que têm necessidades diferenciadas, mas lutam por direitos universais. Conhecimentos que são construídos socialmente ao longo da história, constituindo o patrimônio da humanidade, a cujo acesso, portanto, todos têm direito (RAMOS, 2008, p. 6).

Falando da emancipação dos sujeitos, Frigotto (2012) aponta que a condição prévia para que isso aconteça é que os alunos tenham a compreensão crítica de como funciona e se constitui a sociedade humana em suas relações sociais, e como se dá o funcionamento da natureza.

Viagem em grupo é um assunto sensível e complicado. Minha postura nela não me agrada em retrospecto e venho aprendendo e amadurecendo ao pensar nisso. Buscar ser mais amigável, ceder mais, saber para quem, quando e como me posicionar (A1).

A equipe do Cefet/RJ passou por diversas experiências no projeto do HMUN e foi uma oportunidade de aprendizado e formação em um ambiente de vivência internacional. A fala destacada de A1 aponta para uma reflexão crítica do seu aprendizado e relacionamento com os demais membros da equipe, um aprendizado sobre relações sociais.

A internacionalização deve ser agregada aos três pilares da educação (ensino, pesquisa e extensão), e, conforme registrado por Seabra Santos e Almeida Filho (2012), a quarta dimensão, da internacionalização, serve como

complemento educacional para os estudantes de todos os níveis de formação, quer no plano da preparação técnica das matérias dos respectivos cursos, quer no plano da formação linguística, cultural, cívica e civilizacional, que pode constituir uma experiência de vida num país diferente (SEABRA SANTOS e ALMEIDA FILHO, 2012, p. 57-58).

O depoimento de A1 apresenta esse viés de experiência de vida, de crescimento individual diante de uma situação nova, em um país diferente, e mais:

Acredito que cresci como pessoa e como parte de equipes, buscando ser menos mimado e mais maturo. Fora isso também desenvolvi minha capacidade oratória em língua não-materna, aumentei minha "networking", entre outros aprendizados do evento em si (A1).

G2 compartilhou a experiência de uma ex-aluna do ensino médio técnico, após sua participação em um projeto internacional:

alunos que nunca se afastaram sequer de seu estado vivenciam a vida em um país estrangeiro e exploram oportunidades e visões que mudarão para sempre seus propósitos. Uma das alunas que participou da ida a Londres em 2012, por exemplo, era tão desmotivada em seus estudos e, a partir da experiência, modificou completamente seus hábitos, estando hoje, formada e muito bem empregada (G2).

Os dois relatos, distantes entre si no tempo, demonstram que o aprendizado é atemporal, e que as vivências dos projetos de internacionalização transformam a vida dos alunos de várias maneiras.

6.2.1 Formação humana e cidadã

A internacionalização, entendida como a quarta missão de uma instituição de ensino, perpassando o ensino, a pesquisa e a extensão, pode ser um fator de grande valia para um projeto de ensino médio técnico integrado.

Dentre essas possibilidades formativas, a quarta dimensão – da internacionalização –, pode potencializar a formação humana e cidadã:

Além de ter desenvolvido a língua inglesa, conheci muitas pessoas de todo mundo, debati política internacional, pude conhecer novas culturas e conhecer uma das melhores universidades do mundo. Sinto que a minha visão de mundo se ampliou! (A2).

essa foi minha primeira experiência internacional, e ainda no ensino médio, o que certamente contribuirá bastante no meu currículo e justamente pela magnitude e importância que o nome do evento traz será ainda mais bem aproveitado no âmbito profissional (A3).

De acordo com o relato dos alunos A2 e A3, o seu aprendizado foi para além da capacidade de poder se comunicar em uma língua diferente da sua, o contato com novas culturas e pessoas de diversas partes do mundo ampliaram sua visão de mundo e os fizeram refletir no impacto que essa experiência pode trazer para sua vida profissional.

Corroborando com a visão de ensino médio integrado, em que não há fragmentação do conhecimento em disciplinas isoladas e todos os espaços podem ser espaços de aprendizagem (Ciavatta, 2012, p. 100), G1 observou que aos alunos em projetos internacionais é proporcionada

A experiência de enriquecer sua aprendizagem diante de realidades e possibilidades diferentes, na troca de conhecimento científico e técnico, inclusive para buscar soluções de problemas que muitas vezes alcançam várias regiões do globo, como no caso de temas transversais e multidisciplinares (G1).

No relato da experiência dos alunos do Cefet/RJ com os Jogos Olímpicos 2016, Norte e Cardozo (2017) apresentam uma reflexão bastante pertinente sobre o “balanço” do projeto, em que alunos ingleses e brasileiros conviveram tanto em Londres quanto no Rio de Janeiro:

Fica a emoção de ter participado, vivido e convivido com jovens alegres, inteligente e interessados em defender um mundo sem preconceito, xenofobia e outros males que assolam a humanidade. (...) Fica a esperança – com a certeza de que pode dar certo – de que novos caminhos podem ser trilhados por essa gente feliz, participativa e brilhante, que é o aluno do CEFET/RJ (NORTE e CARDOZO, 2017, p. 57).

Com o objetivo de tentar compreender o reduzido número de projetos voltados exclusivamente para os alunos do ensino médio técnico, foi perguntado aos gestores da ASCRI quais seriam as maiores barreiras em projetos com alunos do médio técnico. G1 respondeu que era “necessário atender a vários critérios legais e acadêmicos em função do público de menores envolvido”, destacando aqui a questão da idade dos alunos com um fator que dificulta a inserção desse público em projetos internacionais.

Essa observação é reforçada por G2: “enviar estudantes do ensino médio para o exterior, a grande barreira é a idade; as instituições não querem receber alunos menores de idade”.

Entretanto, instituições de ensino no exterior entendem que esse é um público em potencial para o próximo nível de ensino:

Não há interesse claro pelos cursos técnicos de nível médio. Há interesse em chamar a atenção desses estudantes para estudarem o nível superior no exterior. Muitas instituições estrangeiras pedem para apresentar palestras para atrair os estudantes brasileiros (G2).

Nesse ponto, não basta apenas o comprometimento institucional e a compreensão da importância dos projetos de internacionalização para a formação integral dos alunos do ensino médio técnico, há que se considerar também os interesses das instituições parceiras, que nem sempre estão alinhados à missão institucional, mas, para uma proposta de ensino médio técnico, com formação integral, que se preocupe com a formação plena de seus alunos, preparando-os tanto para a vida quanto para o trabalho, o empenho em realizar projetos de internacionalização agregaria e muito ao seu percurso formativo.

6.2.2 Memória

A preservação da memória e a possibilidade de dividi-la com o grupo em que se está inserido pode fortalecer laços, relacionamentos e ser essencial na construção da identidade, individual ou coletiva. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2013, p. 435).

Conforme observado durante o processo dedutivo ou inferencial, a organização das categorias mostrou que elas não estavam totalmente fechadas e que transitavam umas pelas outras. A opção de inserir o registro das experiências de internacionalização no grande eixo da formação integral se deveu a que os relatos, tanto de gestores quanto de alunos, faziam referência não apenas a uma história no sentido de registro de acontecimentos, mas a uma memória que incluía aspectos subjetivos, de transformação da vida de sujeitos.

Nos relatos dos alunos que participaram do HMUN, houve referência a não se saber ao certo o que esperar do evento, de “não saber previamente com detalhes como que acontecia” (A2). Uma das formas de minimizar essa dificuldade seria a instituição tornar a participação neste evento como parte de sua agenda de internacionalização, estabelecendo parceria com o grupo do MODOW para que se tornasse uma prática a troca de experiências entre os alunos, não somente desse grupo, mas para toda a escola.

A coordenadora do projeto relatou que uma das atividades, após o retorno da equipe do Cefet/RJ que participou do HMUN, seria a de repassar “suas observações e impressões sobre a dinâmica do Modelo de Simulação do qual participou para os alunos do atual secretariado do MODOW” (G3). A disseminação do conhecimento entre esse grupo poderá contribuir para a formação de uma identidade coletiva, no caso, aquela associada ao modelo diplomático, pavimentando um caminho para os futuros participantes desse evento, para aprimoramento das discussões dentro do próprio MODOW e, podendo, inclusive, atrair novos interessados para o projeto.

A ASCRI, por exemplo, poderia agregar esse projeto na sua agenda de eventos internacionais, estabelecendo parceria com o grupo do MODOW para que se tornasse uma prática a troca de experiências entre os alunos, não somente desse grupo, mas

para toda a escola, o que talvez pudesse favorecer a ajuda de custo para os futuros participantes.

A partir do conceito de “lugar de memória”, de Pierre Nora (1993), que se refere tanto a lugares físicos de preservação da memória, quanto a lugares simbólicos, tem-se que “através dos objetos, das experiências ou das percepções presentes nele [lugar de memória] se evoca e se pode recordar e rememorar um determinado passado com o fim de construir uma memória coletiva¹⁷” (ARIAS, 2017, p. 1131, tradução nossa).

Pensando nessa rememoração, foi contatado que houve projetos de internacionalização para o ensino médio técnico no Cefet/RJ, a partir das entrevistas com os gestores da ASCRI, ou por meio de publicações em livros e revistas, mas não foi possível averiguar a disponibilidade desse material de modo a se fazer conhecer a história desses projetos, ou promover a construção de uma memória coletiva de internacionalização para alunos e para a comunidade como um todo.

Com o desenvolvimento do produto educacional (*website* dedicado à história de internacionalização do Cefet/RJ), buscou-se justamente aglutinar essas informações, que serão relevantes não somente para os alunos, especialmente para os do ensino médio técnico, terem conhecimento das possibilidades de ações de internacionalização, mas também para docentes, membros da comunidade acadêmica e qualquer pessoa que se interesse por esse tema.

Ao longo de 14 anos de gestão, G2 relatou que “foram assinados 46 novos acordos internacionais com instituições de ensino internacionais, 7 acordos em redes internacionais e renovados os 2 convênios assinados das gestões anteriores (MUAS e UTC)” (G2).

Considerando o pouco tempo à frente da gestão internacional, e enfrentando os desafios impostos pelo coronavírus, G1 relatou que assinou um convênio “pela rede REARI com a Universidade Aix Marseille” (G1).

Da quantidade de acordos citados nessa questão, quando contrastados com as informações disponíveis no Portal do Cefet/RJ, viu-se que foram registradas 36 instituições internacionais de ensino superior com as quais há convênios assinados, entretanto, não há clareza sobre as modalidades desses convênios, periodicidade ou tempo de duração (CEFET/RJ, 2020e).

¹⁷ “a través de los objetos, las experiencias o las percepciones presentes en él, se evoca y se puede recordar y rememorar un determinado pasado, con el fin de construir una memoria colectiva.”

Em outro *link* do portal institucional, relacionado à área internacional, há informações dos editais de seleção do período de 2018-2019, mas não há informações de editais para todos os convênios, poucos foram contemplados (CEFET/RJ, 2020f).

A disponibilização de mais informações à comunidade, que por ora são bastante limitadas, poderiam suscitar a curiosidade e levar alunos e professores a se aproximarem da ASCRI com o intuito de desenvolver novos projetos na área de internacionalização, ou até mesmo divulgar os trabalhos que são fruto de iniciativas individuais e que interessariam a todos.

A criação do *website* com o histórico de ações de internacionalização do Cefet/RJ, como produto educacional desta pesquisa, espera disponibilizar essas informações e atingir a todos aqueles que tiverem interesse em ações de internacionalização.

Entende-se que a escola, com um espaço de identidade, deveria ser também um espaço de preservação da memória coletiva, em que o acesso a informações, por exemplo, de projetos de internacionalização bem sucedidos para alunos do ensino médio técnico, poderiam levar à reedição dessas iniciativas, ou ao nascimento de novas, corroborando para uma formação abrangente desses alunos.

De acordo com Halbwachs (2012), a “memória coletiva retrocede no passado até certo limite, mais ou menos longínquo conforme pertença a esse ou aquele grupo” (HALBWACHS, 2012, p. 133). O registro das ações de internacionalização, particularmente as que se referem a alunos do ensino médio técnico, poderia colaborar para manter essa memória coletiva da instituição, assim como criar novas memórias – e projetos – nesse campo.

Do ponto de vista de G3, o evento Harvard Model United Nations (HMUN), nos Estados Unidos, que aconteceu em fevereiro de 2020, foi importante e teve impacto positivo na equipe que participou, pois os alunos

puderam perceber, de perto, as diferentes visões que se manifestam mundo afora, estabelecendo, também, contatos informais (durantes os intervalos e durante as festas promovidas pela organização do evento) com estes estudantes, cujos países de origem desempenham diferentes papéis e apresentam diferentes níveis de inserção no contexto das relações internacionais (G3).

Ciavatta (2012) observa que a escola e o trabalho são inscritos como lugares de memória e identidade, e que para favorecer o sentimento de pertencimento a um grupo, é necessário conhecer a sua história. Para A3, a experiência no HMUN criou novas memórias e fez com que se sentisse parte de um grupo:

Também foi uma grande realização sair do país pela primeira vez representando meu país, eu me senti muito orgulhosa da minha escola e dos meus colegas que me apoiaram, sentindo que nós, estudantes de escola pública, realmente éramos capazes de ter importância no evento e no exterior (A3).

Na sequência serão apresentados recortes da entrevista de G2, em há recordações das iniciativas voltadas para o ensino médio técnico:

Por conta de uma cooperação iniciada em 2011, com representantes do PODIUM, organização britânica formada por 40 instituições de ensino, cujos objetivos eram a comunicação, a colaboração e a ampliação com e do potencial universitário para apoiar os Jogos Olímpicos de Londres 2012 para a criação de um legado para a população e o ensino, várias ações conjuntas foram desenvolvidas, como dois encontros no CEFET/RJ, duas missões com estudantes em Londres (observações e cursos de voluntariado) e o recebimento de estudantes-voluntários do Reino Unido durante as Olimpíadas, com contrapartida de recebimento, em Londres, dos estudantes do CEFET/RJ, em semana posterior, gerando publicação acadêmica de comparação cultural entre os dois grupos (G2)

Em 2012, os estudantes do técnico colaboraram na elaboração do evento internacional e, por meio do projeto FOMAVS (Formação de Multiplicadores para Ações de Voluntariado e Stewarding), estiveram em Londres e receberam certificados por participação em programa de voluntariado e atividades ligadas aos Jogos Olímpicos. Em 2016, alguns desses estudantes, já no ensino superior, voltaram a participar do projeto e da elaboração da publicação sobre o término do projeto (G2)

Em 2018, foi criado o Projeto de mobilidade dos alunos do ensino médio-técnico integrado dos cursos de Mecânica, Alimentos, Química, Segurança do trabalho, Automação, Enfermagem, Informática, Administração e Turismo para o Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal, visando à mobilidade estudantil de alunos do ensino médio-técnico integrado de diversos *campi* do Cefet/RJ, que contemplou 18 estudantes em mobilidade de uma semana em Portalegre, Portugal (G2).

A respeito do projeto envolvendo os Jogos Olímpicos, foi publicado o livro *Outros olhares, novos saberes: convivência dos contrates*, em 2017, em que se faz o registro do projeto e as observações da convivência com outra cultura, tanto da perspectiva dos alunos do Cefet/RJ em Londres, quanto dos alunos ingleses no Cefet/RJ. Destaque-se que essa publicação foi disponibilizada no acervo da Biblioteca Central da Instituição.

No que diz respeito ao projeto do Instituto Politécnico de Portoalegre, em Portugal, no ano de 2018, houve a publicação de uma matéria no Portal do Cefet/RJ em que se destacou a relevância das políticas de internacionalização envolvendo alunos do ensino médio técnico.

A intenção de verificar o registro de projetos com alunos do ensino médio técnico, ao longo dos anos, pretendia constatar o registro histórico dessas informações e a disponibilidade delas para a comunidade, considerando que os “esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 2013, p. 390).

Talvez não intencionalmente, talvez pela equipe reduzida da Assessoria ou o volume de trabalho, mas as informações a respeito dos projetos de internacionalização do Cefet/RJ não estão totalmente disponíveis para a comunidade, o que poderia colaborar para o fortalecimento dessa área na instituição como um todo.

7 PRODUTO EDUCACIONAL

A Assessoria de Convênios e Relações Internacionais (ASCRI) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ) é responsável pelos acordos de cooperação internacionais, pela seleção de alunos e professores da Instituição para participarem de programas em outras instituições parceiras no exterior, e também por receber alunos e professores estrangeiros que chegam para desenvolver seus projetos no Cefet/RJ.

O interesse da pesquisadora em desenvolver o produto educacional voltado à memória das ações de internacionalização no Cefet/RJ se deve ao fato de esta autora ter tido experiências pessoais e profissionais nesta área, tendo trabalhado na assessoria internacional no Colégio Pedro II, quando era servidora daquela instituição. Desde 2017, como servidora do Cefet/RJ, o trabalho desenvolvido se reporta à secretaria dos conselhos superiores, mantendo, entretanto, vínculos diretos com a ASCRI.

O Conselho Diretor, que é o órgão deliberativo e consultivo, em 2018, aprovou o Plano de Internacionalização do Cefet/RJ, que chama a atenção pelo registro e compromisso em fomentar a internacionalização nos três eixos: ensino, pesquisa e extensão, e em todos os níveis de ensino: médio técnico, graduação e pós-graduação.

Esse olhar institucional, abrangendo o ensino médio técnico é bastante relevante e demonstra a busca pela realização da missão institucional da formação integral, ressaltando a necessidade, diante do mundo globalizado, de promover experiências e vivências internacionais para os seus alunos.

No portal institucional existe um menu para Relações Internacionais¹⁸, que contempla algumas poucas informações a respeito de convênios e processos seletivos, e foi detectada uma lacuna no que diz respeito à história da internacionalização do Cefet/RJ, assim como de identificação da Assessoria em si.

Diante dessa oportunidade, foi criado um *website* para o Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), que poderia ser usado

¹⁸ Importante ressaltar que no portal institucional não existe uma página exclusiva para a área, dentro do menu de Relações Internacionais há vários *links*, que direcionam para alguns tópicos:

<http://www.cefet-rj.br/index.php/programa-ciencia-sem-fronteiras>

<http://www.cefet-rj.br/index.php/processos-seletivos>

<http://www.cefet-rj.br/index.php/acordos-de-cooperacao>

<http://www.cefet-rj.br/index.php/dupla-diplomacao>

pelo Cefet/RJ posteriormente, em que pudesse constar, além dos dados mais gerais, conteúdos referentes aos projetos de internacionalização já realizados, principalmente daqueles que privilegiaram a integração dos alunos do ensino médio técnico.

7.1 Desenho do *website*

O *website* foi criado de forma gratuita na plataforma Google Sites, dada a facilidade da ferramenta, que conta com editor intuitivo e não exige do usuário conhecimentos aprofundados em desenvolvimento *web*, o endereço de acesso é: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefetrj/in%C3%ADcio>.

O *website* apresenta as seguintes abas para a inserção de conteúdo: Início; Cefet/RJ; ASCRI; Gestão da ASCRI; Documentos históricos; Marcos da Internacionalização do Cefet/RJ; Acordos Internacionais; Histórico de projetos; Publicações; Notícias e Contato.

A seguir, exemplos da parte visual do *site*.

7.1.1 Início

Na abertura foram inseridas informações a respeito do produto e de sua vinculação ao trabalho de pesquisa, e será atualizada com *link* para a dissertação, após sua aprovação:

Figura 1 – Início

Essa página é dedicada ao histórico de internacionalização do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ) e foi construída como Produto Educacional do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFPT) do Colégio Pedro II, sob responsabilidade da aluna Michele Roberta Rosa e Silva, fruto da dissertação *História das ações de internacionalização do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)* – orientação da Profª. Drª. Ana Carolina Rigoni Carmo [aguardando defesa].

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefetrj/in%C3%ADcio>

7.1.2 Cefet/RJ

Para o texto de apresentação foram incluídos dados de identificação e histórico do Cefet/RJ.

Figura 2 - Apresentação

**Internacionaliza...
Cefet/RJ**

Início

Cefet/RJ

ASCRI

Gestão da ASCRI

Documentos históricos

Marcos da internacionalização do Cefet/RJ

Acordos Internacionais

Histórico de projetos

Publicações

Notícias

Fale conosco



O Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ) oferece cursos técnicos de nível médio, cursos de nível superior, tecnólogo e graduação, e cursos de pós-graduação: especialização, mestrado e doutorado, tanto presencial quanto à distância, assim como cursos de extensão.

Em seu início, o Cefet/RJ nasceu como Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz, criada pelo Decreto nº 1.880, de 11 de agosto de 1917 e foi inaugurada em 9 de novembro de 1918, com a presença do Presidente da República Wenceslau Braz.

No ano de 1937 a Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz foi fechada para reformas (demolição do antigo Palacete Leopoldina) e construção de novas edificações, sendo reinaugurada em 1942, como nova alteração do seu nome.

Em 1942 foi publicada a Lei Orgânica do Ensino Industrial, pelo Decreto nº 4.073, de 30 de janeiro, conhecido como a reforma Capanema, e a Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz passou a se chamar Escola Técnica Nacional.

Com o passar dos anos, a Escola recebeu outras designações: 1965 – Escola Técnica Federal da Guanabara; 1967 – Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca, homenageando postumamente o seu primeiro diretor eleito pela comunidade interna, o engenheiro Celso Suckow da Fonseca, que exerceu o cargo por três mandatos, o primeiro de 1943 a 1951, tendo sido designado pelo governo Getúlio Vargas; foi eleito pela comunidade para o segundo mandato, de 1963 a 1966; para o terceiro mandato foi eleito pelo o Conselho de Representantes para o período de 1963 a 1966.

Em 1978, com a Lei nº 6.545, de 30 de junho, a Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca foi transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – Cefet/RJ, passando a ser uma autarquia de regime especial, vinculada ao Ministério da Educação e com oferta de cursos técnicos de nível médio, graduação e pós-graduação.

Com a criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Lei nº 11.892/2008), o Cefet/RJ, o Cefet/MG, a UTFPR e o Colégio Pedro II passaram a integrar essa Rede, mantendo, entretanto, as suas características e legislações específicas.

A sede do Cefet/RJ fica no bairro do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro, e, a partir de 2003, deu-se início a sua expansão para outras cidades do estado do Rio de Janeiro: em 2003 foi fundado o *campus* Nova Iguaçu; em 2006 o de Maria da Graça; 2008 – Petrópolis e Nova Friburgo e, em 2010, Angra dos Reis, Valença e Itaguaí.

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefet/rj/cefet/rj>

7.1.3 ASCRI

Nessa aba foram inseridas informações do histórico da Assessoria.

Figura 3 - ASCRI



**Internacionaliza...
Cefet/RJ**

Início
Apresentação
ASCRI
Gestão da ASCRI
Documentos históricos
Marcos da internacionalização do Cefet/RJ
Acordos Internacionais
Histórico de projetos
Publicações
Notícias
Fale conosco

O ano de 1987 é considerado como o marco histórico do início da internacionalização do Cefet/RJ, a partir de uma parceria entre professores da Universidade do Estado do Rio (UERJ), professores do curso de Engenharia Elétrica do CEFET/RJ e professores do *Fermi National Accelerator Laboratory* (FERMILAB), em Illinois, nos Estados Unidos, o que permitiu, mais tarde, a participação de seus professores em projetos no maior acelerador de partículas do mundo, o *Large Hadron Collider* (LHC), no *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire* (CERN).

Em 1988, deu-se início a uma cooperação internacional, que se mantém até os dias de hoje no Cefet/RJ, que envolveu, no Brasil, o Cefet/RJ, o Cefet/MG e o Cefet/PR (atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná) e, na Alemanha, as Universidades de Ciências Aplicadas de Munique, Berlim e Colônia (FHS – *Fachhochschulen*).

De acordo com o histórico de internacionalização apresentado no Plano Institucional de Internacionalização (2018), no ano de 1991 aconteciam as seguintes ações de cooperação internacional: FERMILAB, CERN e as FHS da Alemanha. Essas parcerias, mais a estruturação de um departamento para atender à pesquisa e pós-graduação em 1992 e os cadastros de grupos de pesquisa a partir de 1994, foram importantes atividades que contribuíram para expansão do processo de internacionalização do Cefet/RJ.

Em 1995, o Conselho Diretor, por meio da Resolução nº 40/95, de 05 de maio, criou a Coordenação de Cooperação Internacional (CCInt), que em 2005 passou a se chamar Divisão de Cooperação Científico-Tecnológica, e, finalmente, em 2015, passou a se chamar Assessoria de Convênios e Relações Internacionais (ASCRI).

REARI - Rede das Assessorias Internacionais das Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro

A Rede das Assessorias Internacionais das Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro (REARI) foi fundada em 2013, com a participação do Cefet/RJ, tendo como objetivo o aumento de programas conjuntos com instituições de prestígio internacional. A REARI é composta por 14 instituições de ensino no Estado do Rio de Janeiro: UFRJ, PUCRIO, UERJ, UFF, Cefet/RJ, Colégio Pedro II, IFRJ, UEZO, UENF, UFFRJ, UNIRIO, Fiocruz, IFFluminense e IME.

A REARI é uma rede de assessorias internacionais sem fins lucrativos que visa sensibilizar e conscientizar a importância da cooperação acadêmica internacional, atuando juntamente com os poderes públicos e a sociedade civil.

Conheça mais da REARI em: <http://reari.uff.br/>

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefet/rj/ascrj>

7.1.4 Gestão da ASCRI

Essa aba foi pensada para divulgar a colaboração dos gestores e ex-gestores da ASCRI que participaram da pesquisa, dando destaque para o seu período de atuação e os acordos internacionais firmados:

Figura 4 - Gestão da ASCRI

Internacionaliza... Cefet/RJ

- Início
- Apresentação
- ASCRI
- Gestão da ASCRI**
- Documentos históricos
- Marcos da internacionalização do Cefet/RJ
- Acordos Internacionais
- Histórico de projetos
- Publicações
- Notícias
- Fale conosco

No período de 2005 a 2019, a Profª. Drª. Angela Lopes Norte esteve à frente da ASCRI, tendo pautado seus trabalhos de pesquisa nos temas de cooperação internacional, competências linguísticas e multiculturalismo. Durante a sua gestão, foram assinados 46 novos acordos internacionais com instituições de ensino internacionais, 7 acordos em redes internacionais e renovados 2 convênios assinados das gestões anteriores (MUAS e UTC).

A partir de setembro de 2019, a Profª. Drª. Luiza Cantuária Costa foi designada para a ASCRI, tendo dado continuidade às parcerias, firmando um novo convênio por meio da rede REARI com a Universidade Aix Marseille. Em virtude da crise mundial de saúde com a pandemia do coronavírus, em 2020 a ASCRI interrompeu os programas de mobilidade internacional, orientando e acompanhando todos os que estavam participando desses programas.

Ano	Acordos Internacionais
2007	UNNE (Universidad Nacional del Nordeste) – Argentina
2009	Woolhees College – EUA
2009	Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto – Portugal
2010	UNI – University of North Essex – EUA
2010	Alamo Colleges – EUA
2010	Centennial College – Canadá
2010	Concordia College – Canadá
2010	MacEwan University – Canadá
2010	Universidad Nacional de Quilmes – Espanha
2011	Instituto Politécnico de Bragança – Portugal
2011	Instituto Politécnico de Santarém – Portugal
2011	Instituto Politécnico de Coimbra – Portugal
2011	Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Portugal
2011	Universidad de Jaén – Espanha
2011	Cégep Duménil – Canadá
2012	SMI (Saint Martin's University) – EUA
2012	College Laflèche – Canadá
2013	Instituto Politécnico do Porto – Portugal
2013	Instituto Politécnico de Tróia – Portugal
2013	Universidade de Lisboa – Portugal
2015	Wisconsin-Stout University – EUA
2015	Université de La Rochelle – França
2015	Lambeck Institute of Technology – Irlanda
2015	UTTE – Universidad Tecnológica Equinoccial de Ecuador – Equador
2015	Yangzhou University – China
2015	Università di Pisa – Itália
2015	Memorial University – Canadá
2016	Universidad de Chile – Chile
2016	CUNY – City College of San Francisco – EUA
2016	Universidad de Valladolid – Espanha
2016	Instituto Politécnico de Portalegre – Portugal
2017	Iztek Nacional Technical University – Ucrânia
2017	The Iowa Institute – Suíça
2018	Dalhousie University – Canadá
2018	Fundación SET Idiomas – Argentina
2018	UTEM – Universidad Tecnológica Metropolitana – Chile
2018	Universidade Vrije Universiteit – Holanda
2018	Fundación Universitaria del Área Andina – Colômbia
2018	University of Belgrade – Rússia
2018	Instituto Politécnico de Viseu – Portugal
2018	Instituto Politécnico da Guarda – Portugal
2018	UDK – A Coruña – Espanha
2019	Th-OWL University of Applied Sciences / Hochschule Ostwestfalen-Lippe – Alemanha
2019	UNNMP – Universidad Nacional del Mar del Plata – Argentina
2019	UNVM – Universidad Nacional de Villa María – Argentina
2019	Universidade de Cabo Verde – Cabo Verde

Ano	Acordos em rede através da REARI-BJ
2014	Acordo com a AWISA – Association of Washington International Student Affairs (EUA)
2014	Acordo com o IRO – International Relations Office Forum (Polónia)
2015	MOU – Província de Jiangsu, Universidade de Xuzhou e de países lusófonos
2015	Acordo com BCCBE – British Columbia Council for International Education (Canadá)
2016	Acordo com a Utrecht Network (32 universidades em 27 países da Europa)
2019	CUNY – Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (Portugal)
2019	Acordo com Aix-Marseille (França)

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefet/rj/gest%C3%A3o-da-ascrri>

7.1.5 Documentos históricos

Nessa parte foram inseridas imagens e carrossel dos documentos históricos referentes a: Convênio de Cooperação Continuada entre CEFET/RJ / FH-MUNIQUE, ano de 1993; Termo de Cooperação Acadêmica entre o CEFET/RJ e a UNIVERSIDADE DE TECNOLOGIA DE COMPIEGNE, ano de 1994; Conselho Diretor, Resolução nº 40, de 05 de maio de 1995, que criou a Coordenação de Cooperação Internacional (CCint); Portaria nº 1477, de 02 de outubro de 2015, que alterou a denominação da Divisão de Cooperação Científico-Tecnológica (ex-CCint) para Assessoria de Convênios e Relações Internacionais; Plano Institucional de Internacionalização, ano de 2018 e Livreto da gestão 2011-2019, os três últimos documentos com *link* para o portal do Cefet/RJ onde podem ser acessados.

Figura 5 - Documentos históricos

The image shows a screenshot of the Cefet/RJ website's 'Documentos históricos' section. On the left is a sidebar menu with the following items: 'Internacionaliza... Cefet/RJ', 'Início', 'Apresentação', 'ASCRI', 'Gestão da ASCRI', 'Documentos históricos' (highlighted), 'Marcos da internacionalização do Cefet/RJ', 'Acordos Internacionais', 'Histórico de projetos', 'Publicações', 'Notícias', and 'Fale conosco'. The main content area displays a document titled 'RESOLUÇÃO Nº. 889/94' dated '18 de novembro de 1994'. The text of the resolution refers to the signing of an academic cooperation term between CEFET-RJ and the UNIVERSIDADE DE TECNOLOGIA DE COMPIEGNE. Below the text is a signature line for the 'Presidente do Conselho Diretor'. At the bottom of the page, there is a carousel of four document thumbnails with their respective titles and sources: 'Resolução nº 91/1993', 'Resolução nº 89/1994', 'Resolução nº 40, de 05 de maio de 1995', and 'Portaria nº 1477, de 02 de outubro de 2015'. All sources are listed as 'Fonte: Arquivo do Conselho Diretor'.

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefetrj/documentos-hist%C3%B3ricos>

7.1.6 Marcos da Internacionalização do Cefet/RJ

Nessa aba foram inseridas imagens em carrossel extraídas do Plano Institucional de Internacionalização (2018), com os marcos da internacionalização do Cefet/RJ.

Figura 6 - Marcos da Internacionalização do Cefet/RJ

**Internacionaliza...
Cefet/RJ**

Início

Apresentação

ASCRI

Gestão da ASCRI

Documentos históricos

Marcos da internacionalização do Cefet/RJ

Acordos Internacionais

Histórico de projetos

Publicações

Notícias

Fale conosco

PRINCIPAIS MARCOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO DO CEFET/RJ		
Ano	Descrição	Países
1987	Início da Internacionalização do CEFET/RJ envolvendo parcerias com o FERMLAB e posterior participação em projetos do CERN	EUA Diversos
1988	Início da cooperação internacional com as Universidades de Ciências Aplicadas (FHS - <i>Fachhochschule</i>) de Munique, de Colônia e de Berlim.	Alemanha
1994	Contrato de cooperação acadêmica com a Universidade de Tecnologia de Compiegne	França
1994	Início do recebimento de estudantes estrangeiros através do PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação)	Diversos
1995	Acordo de cooperação com a Universidade Tecnológica Nacional (UTN)	Argentina
1996	Contrato de cooperação internacional com a <i>Fachhochschule</i> de Munique	Alemanha
	Acordo de cooperação com a Universidade de Tecnologia de Loughborough	Reino Unido
	Convênio de intercâmbio e cooperação com Universidade Nacional de Lomas de Zamorra	Argentina
	Convênio de cooperação com a Universidade Nacional de General Sarmiento (UNGS)	Argentina
	PIR – Programa regional de intercâmbio de estudantes com a Universidade Tecnológica Nacional da Argentina	Argentina
1997	Acordo de cooperação com o Ministério da Educação, Ciência e Cultura de Cabo Verde	Cabo Verde
	Convênio de Cooperação <i>Fachhochschule Braunschweig/Welfenbittel</i>	Alemanha
1999	Início do Programa internacional CAPES-CEFET/DAAD-FHS (1999-2002)	Alemanha
	Protocolo de interações com a <i>Fachhochschule</i> de Colônia	Alemanha
2001	Acordo bilateral com a <i>Fachhochschule Neurabrundenburg</i>	Alemanha
2001	Parceria com o <i>Centennial Community College</i> (até 2005) dentro do Acordo Bilateral Brasil-Canadá para apoio à reforma da educação do ensino médio	Canadá
2003	Memorando de Entendimento para parceria no programa CAPES-FIPSE (2004-2008) com <i>Worbes College</i> e <i>Paul Quinn College</i>	EUA
	Início das bolsas PAE (Programa de Auxílio ao Exterior) com recursos do CEFET/RJ	Diversos
2005	Criação da Divisão de Cooperação Internacional do CEFET/RJ, ASCRI	----
2006	Recebimento de estudantes secundaristas e monitores do <i>Student Venture</i>	EUA
2007	Acordo de cooperação com a <i>Universidad Nacional del Nordeste</i>	Argentina
2009	Convênio de cooperação com <i>Worbes College</i>	EUA

Fonte: Plano Institucional de Internacionalização do Cefet/RJ (2018)

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefetrj/marcos-da-internacionaliza%C3%A7%C3%A3o-do-cefetrj>

7.1.7 Acordos Internacionais

Essa área recebeu imagens em carrossel dos acordos institucionais com parceiros internacionais que estavam em vigência, de acordo com o Relato ASCRI (2019).

Figura 7 - Acordos Internacionais

**Internacionaliza...
Cefet/RJ**

- Início
- Apresentação
- ASCRI
- Gestão da ASCRI
- Documentos históricos
- Marcos da internacionalização do Cefet/RJ
- Acordos Internacionais**
- Histórico de projetos
- Publicações
- Notícias
- Fale conosco



Acordos institucionais com parceiros internacionais (em vigência)

PAIS	INSTITUIÇÃO	NÍVEL	CURSOS	OBS
ALEMÂNIA	MEAS – Munich University of Applied Sciences Desde 1988, renovável automaticamente	Graduação Pós-graduação Para docentes e discentes	Engenharia Civil Engenharia Mecânica Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia de Produção Engenharia Ambiental Eng. de Computação Eng. de Cont. e Administração Engenharia Física Administração Gestão em Turismo Ciência da Computação	Propostas: <i>Sommer school at CEFET/RJ</i> Publicações conjuntas Renovação em 18/05/17
EUA	FACHHOCHSCHULE BRUNSWIG/ WOLFSBUTTEL Assinado em 05/12/1997 (sem prazo determinado)	Graduação Intercâmbio docente e discente Programas acadêmicos de curta duração	Engenharia Civil Engenharia Mecânica Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia de Produção Clínica da Computação Relações Internacionais Administração Física ESL (Inglês Seg. Língua)	Emissor: acesso sem pagamento de tuition Proposta de dupla titulação Projetos de imersão intercultural
EUA	SME – Saint Martin's University Acordo de cooperação assinado em 14/11/2012, podendo ser expandido por vontade das partes	Graduação Intercâmbio docente e discente Programas acadêmicos de curta duração	Engenharia Civil Engenharia Mecânica Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia de Produção Clínica da Computação Relações Internacionais Administração Física ESL (Inglês Seg. Língua)	Emissor: acesso sem pagamento de tuition Proposta de dupla titulação Projetos de imersão intercultural
EUA	CCSF – City College of San Francisco Acordo de cooperação assinado em 02/11/16, com validade de 5 anos	Graduação Intercâmbio docente e discente Programas acadêmicos de curta duração	Engenharia Civil Engenharia Mecânica Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia de Produção Clínica da Computação Relações Internacionais Administração Física ESL (Inglês Seg. Língua)	Emissor: acesso sem pagamento de tuition Proposta de dupla titulação Projetos de imersão intercultural
EUA	Wisconsin-Stout Memorando de Entendimento assinado em 23/03/15 E Acordo de cooperação assinado em 12/11/2015, válido até 31/10/2018	Graduação Intercâmbio docente e discente Programas acadêmicos de curta duração	Engenharia Civil Engenharia Mecânica Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia de Produção Clínica da Computação Relações Internacionais Administração Física ESL (Inglês Seg. Língua)	Emissor: acesso sem pagamento de tuition Proposta de dupla titulação Projetos de imersão intercultural
EUA	Alamo Colleges Memorando de Entendimento assinado em 12/11/2015, válido até 31/10/2018	Graduação Intercâmbio docente e discente Programas acadêmicos de curta duração	Engenharia Civil Engenharia Mecânica Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia de Produção Clínica da Computação Relações Internacionais Administração Física ESL (Inglês Seg. Língua)	Emissor: acesso sem pagamento de tuition Proposta de dupla titulação Projetos de imersão intercultural

Acordos institucionais com parceiros internacionais (em vigência)
Fonte: Relato ASCRI, 2019

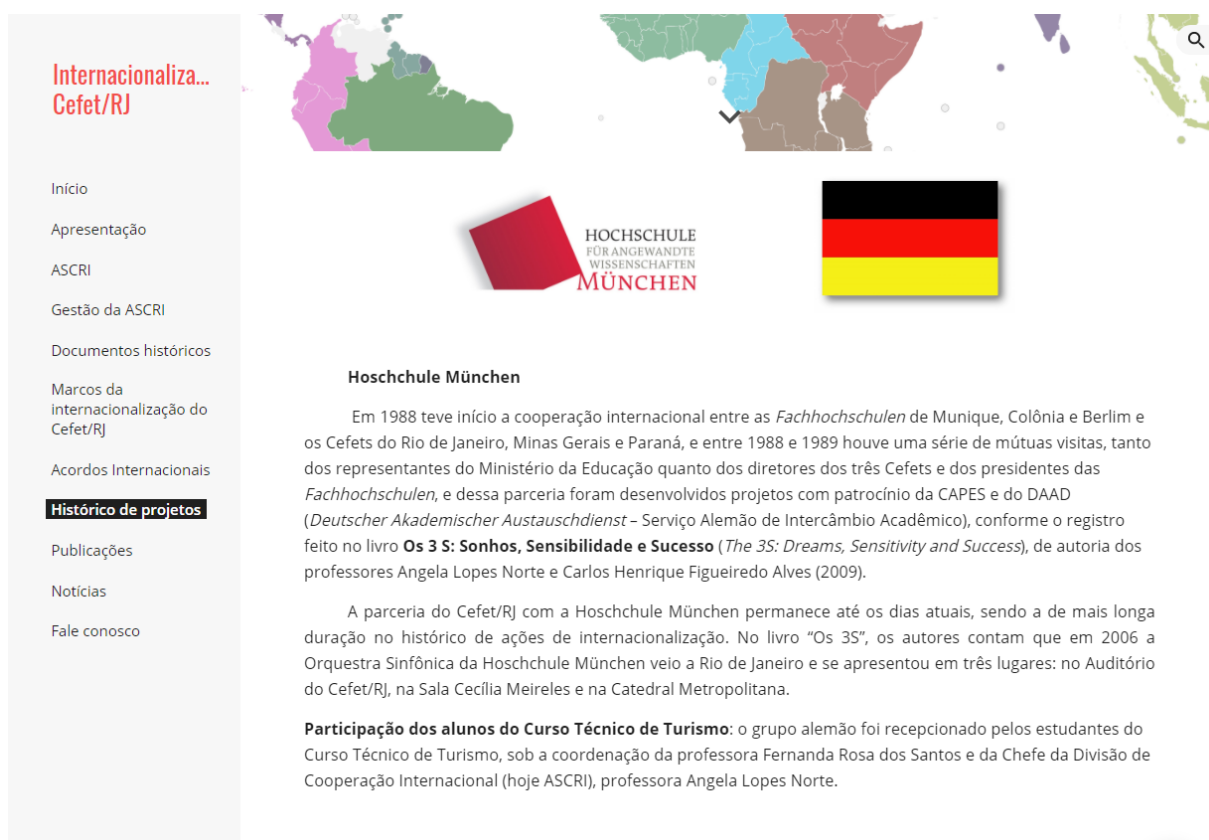
Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefet/rj/acordos-internacionais>

7.1.8 Histórico de projetos 1988-2020

Nessa aba foram destacados os projetos internacionais estudados na pesquisa, dando especial destaque à participação de alunos do ensino médio técnico e, acrescentando, além de informações textuais, imagens retiradas das publicações encontradas, todas gentilmente cedidas do arquivo pessoal da Prof^a. Dr^a. Angela Lopes Norte.

a) Hochschule München

Figura 8 - Históricos de projetos I



Internacionaliza... Cefet/RJ

- Início
- Apresentação
- ASCRI
- Gestão da ASCRI
- Documentos históricos
- Marcos da internacionalização do Cefet/RJ
- Acordos Internacionais
- Histórico de projetos**
- Publicações
- Notícias
- Fale conosco

Hochschule München

Em 1988 teve início a cooperação internacional entre as *Fachhochschulen* de Munique, Colônia e Berlim e os Cefets do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná, e entre 1988 e 1989 houve uma série de mútuas visitas, tanto dos representantes do Ministério da Educação quanto dos diretores dos três Cefets e dos presidentes das *Fachhochschulen*, e dessa parceria foram desenvolvidos projetos com patrocínio da CAPES e do DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst* - Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), conforme o registro feito no livro **Os 3 S: Sonhos, Sensibilidade e Sucesso** (*The 3S: Dreams, Sensitivity and Success*), de autoria dos professores Angela Lopes Norte e Carlos Henrique Figueiredo Alves (2009).

A parceria do Cefet/RJ com a Hochschule München permanece até os dias atuais, sendo a de mais longa duração no histórico de ações de internacionalização. No livro "Os 3S", os autores contam que em 2006 a Orquestra Sinfônica da Hochschule München veio a Rio de Janeiro e se apresentou em três lugares: no Auditório do Cefet/RJ, na Sala Cecília Meireles e na Catedral Metropolitana.

Participação dos alunos do Curso Técnico de Turismo: o grupo alemão foi recepcionado pelos estudantes do Curso Técnico de Turismo, sob a coordenação da professora Fernanda Rosa dos Santos e da Chefe da Divisão de Cooperação Internacional (hoje ASCRI), professora Angela Lopes Norte.

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizao-cefet/rj/hist%C3%B3rico-de-projetos>

a) CAPES/FIPSE – Voorhees College

Figura 9 - Históricos de projetos II

**Internacionaliza...
Cefet/RJ**

- Início
- Apresentação
- ASCRI
- Gestão da ASCRI
- Documentos históricos
- Marcos da internacionalização do Cefet/RJ
- Acordos Internacionais
- Histórico de projetos**
- Publicações
- Notícias
- Fale conosco



CAPES/FIPSE – Voorhees College

O projeto teve início em 2004, com o então Cefet/BA e a Paul Quinn College, em Dallas, no Texas, em parceria da CAPES com o *Fund for the Improvement of Post Secondary Education* (FIPSE), do Departamento de Educação dos Estados Unidos.

Em 2005 o consórcio Cefet/RJ – VOORHEES COLLEGE deu início à mobilidade, na área de Administração, contando com um total de 42 alunos: 12 do Cefet/RJ para o Voorhees College; 14 do Voorhees College para o Cefet/RJ; 04 do Cefet/RJ para o Paul Quinn College; 04 do Paul Quinn College para o Cefet/RJ; 04 do Cefet/BA para o Voorhees College; 04 do Cefet/BA para o Paul Quinn College e 02 do Voorhees College para o Cefet/BA. O projeto teve a participação de 10 professores, que fizeram visitas e participaram de seminários no exterior.



Fonte: Livro *Do JS da Cooperação CEFET/RJ – HM: Sonhos, Sensibilidade e Sucesso* (gentilmente cedida do arquivo pessoal da Profª. Drª. Angéla Lopes Norte)



Fonte: Livro *Do JS da Cooperação CEFET/RJ – HM: Sonhos, Sensibilidade e Sucesso* (gentilmente cedida do arquivo pessoal da Profª. Drª. Angéla Lopes Norte)

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefet/rj/hist%C3%B3rico-de-projetos>

Figura 10 - Históricos de projetos III

Internacionaliza... Cefet/RJ

Início

Apresentação

ASCRI

Gestão da ASCRI

Documentos históricos

Marcos da
internacionalização do
Cefet/RJ

Acordos Internacionais

Histórico de projetos

Publicações

Notícias

Fale conosco



Fonte: Livro *Os 3 S da Cooperação CEFET/RJ – HM: Sonhos, Sensibilidade e Sucesso* (gentilmente cedido do arquivo pessoal da Profª. Drª. Angéla Lopes Norte)

Participação dos alunos do curso médio técnico: quando chegaram ao Cefet/RJ, os estudantes americanos tiveram o apoio dos estagiários do ensino médio técnico que atuavam na ASCRI, naquela ocasião estagiários. Sob a supervisão da professora Kátia Cunha, da Coordenação de Ensino Médio Técnico, em colaboração com seus alunos, apresentou um *one-day workshop*, falando sobre a cidade do Rio de Janeiro. Os alunos do Curso Técnico de Turismo tiveram participação também nas visitas técnicas realizadas pelos estudantes estrangeiros.



Fonte: Livro *Os 3 S da Cooperação CEFET/RJ – HM: Sonhos, Sensibilidade e Sucesso* (gentilmente cedido do arquivo pessoal da Profª. Drª. Angéla Lopes Norte)

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizao-cefet/rj/hist%C3%B3rico-de-projetos>

b) FOMAVS

Figura 11 - Históricos de projetos IV

**Internacionaliza...
Cefet/RJ**

Início

Apresentação

ASCRI

Gestão da ASCRI

Documentos históricos

Marcos da
Internacionalização do
Cefet/RJ

Acordos internacionais

Histórico de projetos

Publicações

Notícias

Fale conosco



Fonte: Livro *Outros olhares, novos saberes: convivência dos contrastes* (gentilmente cedida do arquivo pessoal da Profª. Drª. Angela Lopes Norte)

Fonte: Livro *Outros olhares, novos saberes: convivência dos contrastes* (gentilmente cedida do arquivo pessoal da Profª. Drª. Angela Lopes Norte)

Fonte: Livro *Outros olhares, novos saberes: convivência dos contrastes* (gentilmente cedida do arquivo pessoal da Profª. Drª. Angela Lopes Norte)



FOMAVS

O projeto FOMAVS foi um programa de voluntariado que teve início em 2012, quando Londres sediou os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, que teve a participação de 11 estudantes do Cefet/RJ. A parceria se estabeleceu pois o Rio de Janeiro sediará os Jogos Olímpicos em 2016, ocasião em que os estudantes voluntários, vindos de universidades inglesas, ficaram hospedados com estudantes do Cefet/RJ, pelo período de três semanas.

Os estudantes do Cefet/RJ, em 2016, receberam, em contrapartida, passagens, estadia e visitas guiadas em Londres, em um período de oito dias. O registro desse projeto foi feito pelas professoras Angela Lopes Norte e Suzana Maria do Amaral Alves Cardozo no livro *Outros olhares, novos saberes: convivência dos contrastes* (2016). As autoras contam que os alunos puderam fazer uma troca de experiências, observando as diferenças e similaridades entre as culturas brasileira e inglesa.

Participação de alunos do curso médio técnico: os colaboraram na elaboração do evento internacional e, por meio do projeto FOMAVS (Formação de Multiplicadores para Ações de Voluntariado e Stewarding), estiveram em Londres e receberam certificados por participação em programa de voluntariado e atividades ligadas aos Jogos Olímpicos. Em 2016, alguns desses estudantes, já no ensino superior, voltaram a participar do projeto e da elaboração de uma publicação sobre o término do projeto.

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizao-cefet/rj/hist%C3%B3rico-de-projetos>

c) Projeto de internacionalização para o ensino médio técnico – IPPortalegre

Figura 12 - Históricos de projetos V

**Internacionaliza...
Cefet/RJ**

- Início
- Apresentação
- ASCRI
- Gestão da ASCRI
- Documentos históricos
- Marcos da internacionalização do Cefet/RJ
- Acordos Internacionais
- Histórico de projetos**
- Publicações
- Notícias
- Fale conosco



Projeto de internacionalização para o ensino médio técnico - IPPortalegre

Este foi o primeiro projeto voltado exclusivamente para alunos do ensino médio técnico do Cefet/RJ, do qual participaram dezessete alunos dos cursos de Mecânica, Alimentos, Química, Segurança do Trabalho, Automação, Enfermagem, Informática, Administração e Turismo. A seleção foi feita por meio de edital interno, que ofertou uma bolsa-auxílio no valor de R\$ 1.500,00 para cada aluno.

O Instituto Politécnico de Portalegre (IPPortalegre), em Portugal, se responsabilizou pelo transporte, alojamento e alimentação dos estudantes do Cefet/RJ, assim como por não cobrar taxas escolares, porque era parte do acordo de cooperação entre as instituições; as despesas com emissão de passaporte e passagens aéreas ficaram a cargo dos responsáveis pelos alunos selecionados.

Nesse projeto, os estudantes tiveram aulas e participaram de exposições e atividades culturais, convivendo diariamente com outros costumes e valores, o que, de acordo com a avaliação posterior, em matéria publicada no portal do Cefet/RJ, propiciou ao grupo a “aplicação de conhecimentos na prática e amadurecimento acadêmico” (<http://www.cefet-rj.br/index.php/noticias/4098-projeto-de-internacionalizacao-do-ensino-medio-levou-17-estudantes-do-cefet-rj-para-portugal>).

É importante ressaltar que esse projeto com o IPPortalegre tem fortes ligações com a missão institucional do Cefet/RJ, que é “Promover a educação mediante atividades de ensino, pesquisa e extensão que propiciem, de modo reflexivo e crítico, a formação integral (humanística, científica e tecnológica, ética, política e social) de profissionais capazes de contribuir para o desenvolvimento científico, cultural, tecnológico e econômico da sociedade” e contemplou também um dos objetivos fixados no Plano Institucional de Internacionalização de 2018: “o Plano de Internacionalização tem como princípio abranger toda a Instituição, estão contemplados nesse documento: (i) as três dimensões: Ensino, Pesquisa e Extensão; (ii) os três níveis de ensino: pós-graduação; graduação; e técnico de nível médio; e (iii) todos os campi do CEFET/RJ”.


Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefet/rj/hist%C3%B3rico-de-projetos>

d) Harvard Model United Nation (HMUN)

Figura 13 - Históricos de projetos VI

**Internacionaliza...
Cefet/RJ**

- Início
- Apresentação
- ASCRI
- Gestão da ASCRI
- Documentos históricos
- Marcos da internacionalização do Cefet/RJ
- Acordos Internacionais
- Histórico de projetos**
- Publicações
- Notícias
- Fale conosco



Harvard Model United Nation (HMUN)



🔍

O HMUN é um evento de simulação de conferências diplomáticas nos moldes das que ocorrem nas Nações Unidas, os alunos são alocados em comitês e discutem temas específicos dos países que representam países.

Durante o período de 30 de janeiro a 02 de fevereiro de 2020, os alunos do Cefet/RJ participaram dos comitês do Banco Mundial, da Comissão Econômica e Social para a Ásia e o Pacífico (UNESCAP), do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP), do Comitê de Políticas Especiais e Descolonização (SPECPOL), do Comitê de Segurança Internacional e Desarmamento (DISEC), representando e defendendo as posições de países como o Chade e Camboja.

Nesse evento, o Cefet/RJ, sob a coordenação da Professora Regina Peres, responsável pela equipe, contou com participação de 12 alunos do ensino médio técnico. O financiamento das passagens e diárias da professora foi feito pelo Cefet/RJ, assim como o pagamento das inscrições dos alunos, mas as diárias e passagens dos alunos foram bancadas por suas famílias e por meio de uma *vaquinha* online que fizeram, de venda de livros e rifas.

Os alunos puderam participar de uma visita guiada à ONU e à Universidade de Harvard, onde encontraram dois ex-alunos do ensino médio técnico do Cefet/RJ. Participaram ainda de eventos culturais e mostras de danças de vários países.

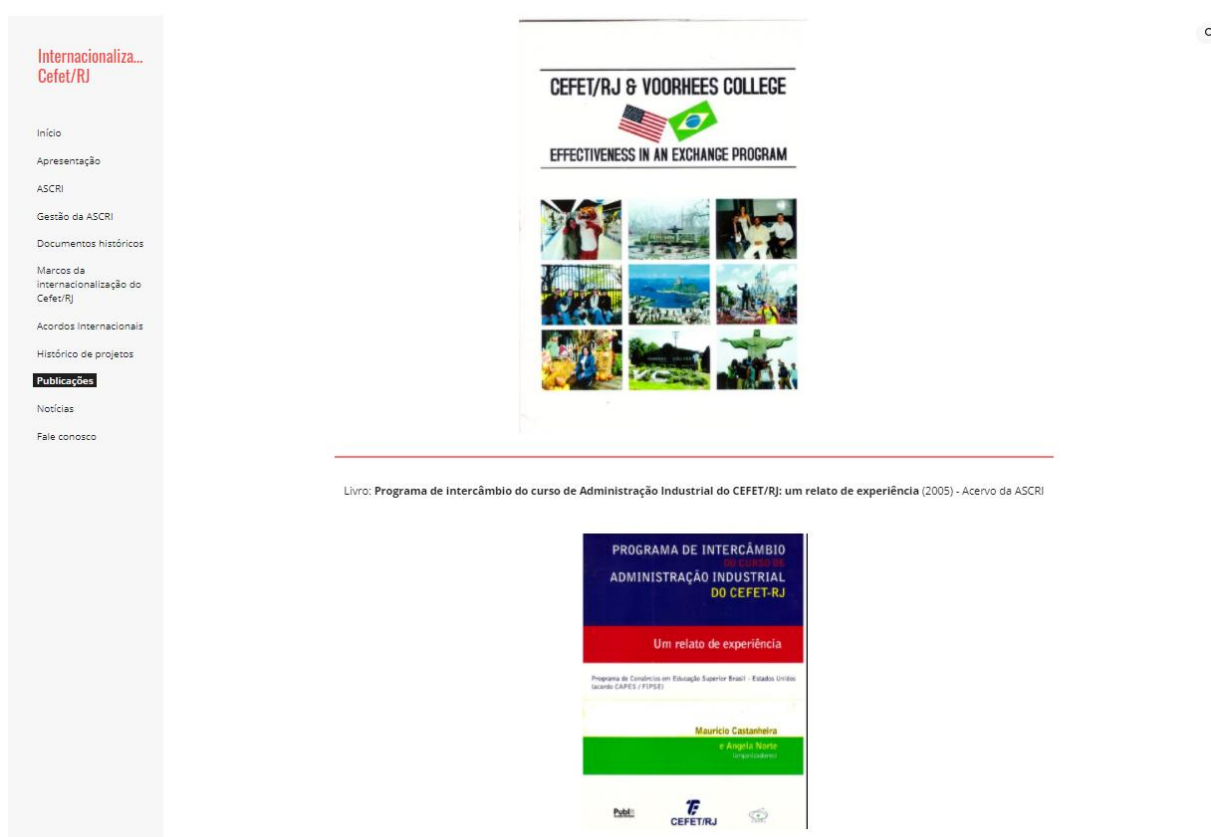
Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefet/rj/hist%C3%B3rico-de-projetos>

7.1.9 Publicações

Essa área se destinou a divulgar os trabalhos publicados dos projetos de internacionalização, ou de artigos científicos que tratassem do tema da internacionalização do Cefet/RJ.

Para as publicações existentes apenas em material impresso, foram inseridas as imagens das capas e o título.

Figura 14 - Publicações I



Livro: Programa de Intercâmbio do curso de Administração Industrial do CEFET/RJ: um relato de experiência (2005) - Acervo da ASCRI

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefet/rj/publicacoes>

A Revista Tecnologia e Cultura é uma publicação do próprio Cefet/RJ e está disponível para *download*, além dos títulos dos artigos foram inseridos os *links* para o portal institucional.

Figura 15 - Publicações II



Artigo: Intercâmbio Acadêmico entre Instituição Americana e Brasileira: Relato de Experiência. In: *Revista Tecnologia & Cultura*, ano 8, n. 9, p. 14-21, jul/dez. 2006



Artigo: Participação em projetos de pesquisa Internacional: experiência de professores e alunos no CERN. In: *Revista Tecnologia & Cultura*, Rio de Janeiro, ano 9, nº 11, jul-dez, p.75-78, 2007



Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefet/rj/publicacoes>

7.1.10 Notícias

Nesse tópico foram aglutinadas notícias publicadas no portal do Cefet/RJ e relacionadas à internacionalização, que poderão ser atualizadas conforme surjam novos temas.

Figura 16 - Notícias



Internacionaliza...
Cefet/RJ

- Início
- Apresentação
- ASCRJ
- Gestão da ASCRJ
- Documentos históricos
- Marcos da internacionalização do Cefet/RJ
- Acordos Internacionais
- Histórico de projetos
- Publicações
- Notícias**
- Fale conosco

2020

[Aluna do Cefet/RJ é selecionada para curso de verão na Universidade de Cambridge](#)

[Cancelamento dos cursos de extensão em Língua Francesa](#)

[Cefet/RJ promove ações de apoio a alunos que estão fora do país](#)

[Alunos do Cefet/RJ participam de modelo das Nações Unidas em Harvard](#)

2018

[Projeto de Internacionalização do ensino médio levou 17 estudantes do Cefet/RJ para Portugal](#)

[Dupla diplomação permite título europeu de mestrado e graduação em Engenharia pelo Cefet/RJ - Informativo Eletrônico](#)

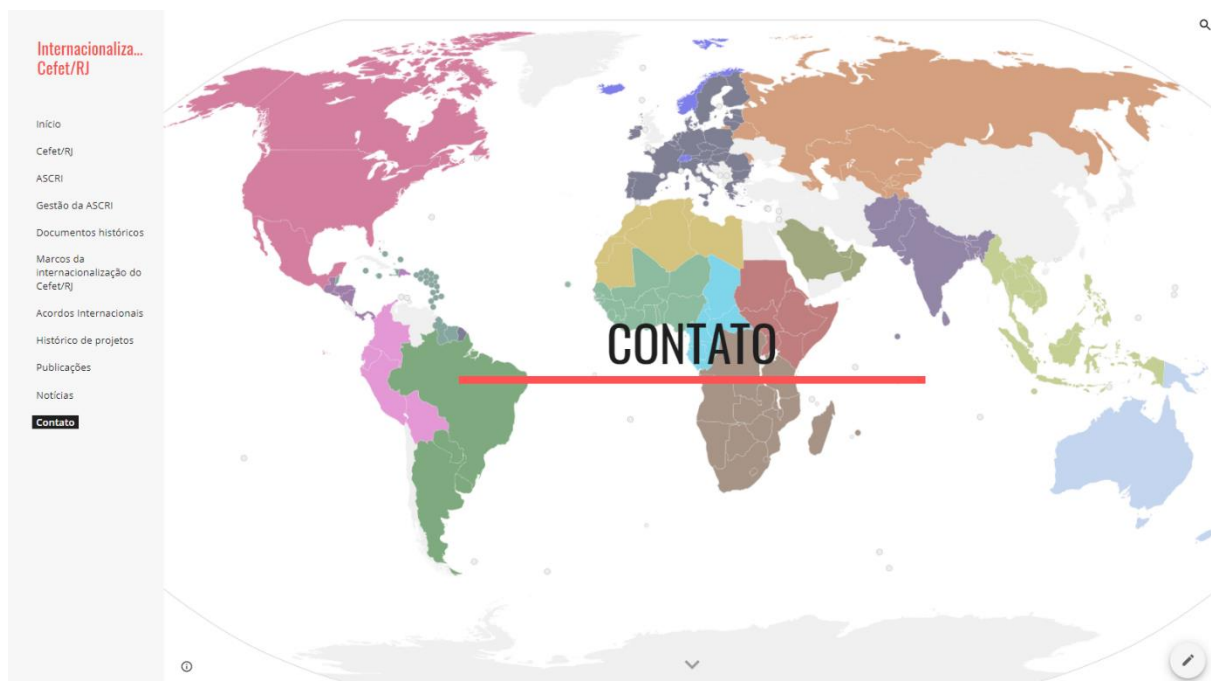
[Dupla diplomação permite título europeu de mestrado e graduação em Engenharia pelo Cefet/RJ - Notícias](#)

Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizacao-cefet/rj/not%C3%ADcias>

7.1.11 Contato

Essa aba permite que os visitantes possam contatar a responsável pela criação do *site* para quaisquer dúvidas, ou para deixarem sugestões a respeito da página.

Figura 17 - Contato



Fonte: <https://sites.google.com/view/internacionalizao-cefet/rj/contato>

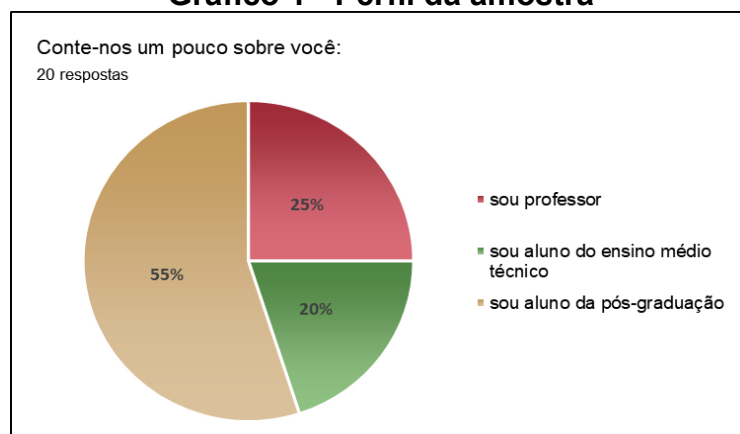
7.2 Questionário de avaliação do protótipo do produto educacional

Considerando que o Produto Educacional é um *website* voltado à memória das ações de internacionalização no Cefet/RJ, a pesquisadora elaborou um questionário de avaliação do protótipo do produto, para receber *feedback* dos visitantes do *site*, a fim de aperfeiçoar o produto antes da sua versão final.

O questionário de avaliação do produto educacional foi aplicado de modo *online*, por meio do Google Forms, em que constava o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para leitura e *download* – Apêndice D), com os dados da pesquisa e da pesquisadora, com esclarecimentos a respeito do aceite para participação, que deveria ser feito de modo *online* no próprio formulário. Os participantes que não quisessem responder tiveram a opção de recusa. Foram convidados a participar da avaliação alunos e docentes do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) do Colégio Pedro II, assim como docentes e alunos do Cefet/RJ. O questionário foi encaminhado de modo *online* a aproximadamente 80 potenciais respondentes, e encerrado quando atingiu 20 respostas. Os resultados da aplicação do questionário serão expostos a seguir.

Com o intuito de preservar a identidade dos respondentes, a questão referente ao perfil da amostra buscou identificar apenas categorias abrangentes, sem fazer a distinção, por exemplo, das instituições às quais cada um era vinculado. Nesse item foi possível observar um forte engajamento dos alunos da pós-graduação (55%), 25% da amostra é composto de docentes e 20% de alunos do ensino médio técnico, o que pode demonstrar o interesse deles pelo tema da internacionalização, reforçando a importância de ações nessa área para esse segmento.

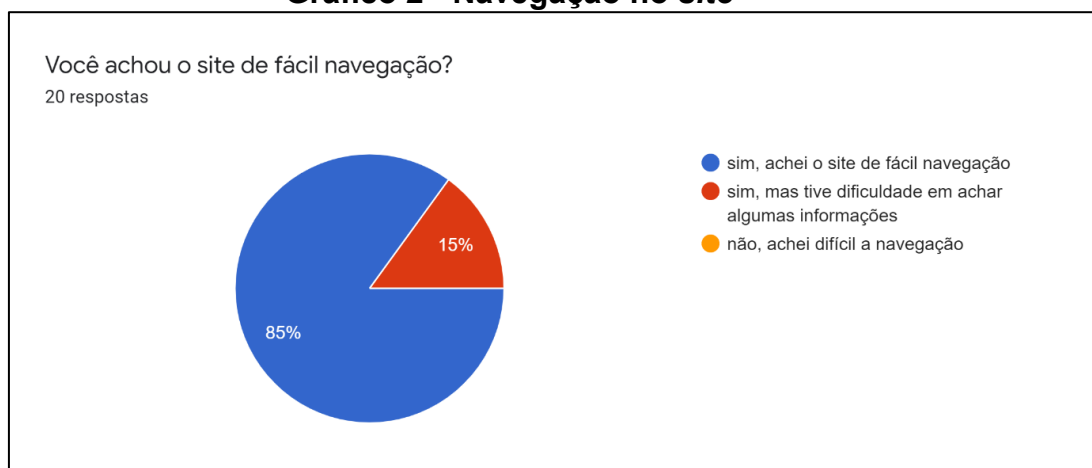
Gráfico 1 - Perfil da amostra



Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

Entrando na avaliação do *website*, foi perguntado se a navegação podia ser considerada fácil, e 85% achou que era fácil, enquanto apenas 15% apontou dificuldades em encontrar algumas informações.

Gráfico 2 - Navegação no site



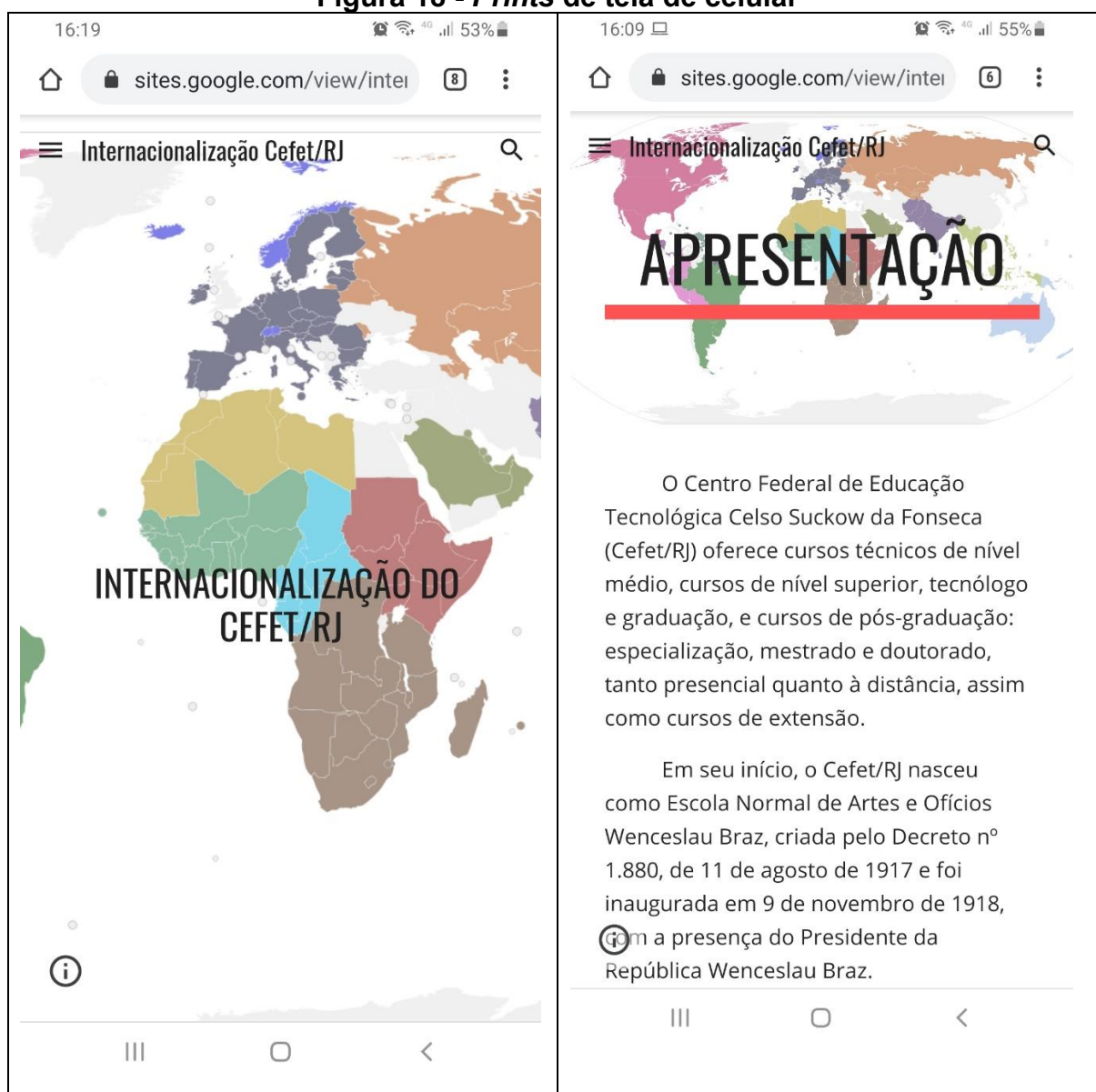
Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

Dentre as observações feitas em relação ao conteúdo, um respondente observou que o texto da página de *Apresentação* não estava muito claro a respeito dos cursos oferecidos pelo Cefet/RJ, mais especificamente, faltava menção aos cursos de especialização, o que foi corrigido.

Outros pontos levantados foram os de que, na navegação pelo celular, a fonte era pequena e que o texto fugia da tela quando se tentava aumentar, assim como alguns títulos ficavam “quebrados” na exibição. Nos testes realizados pela pesquisadora foi constatado apenas que o título da página Início ficava “quebrado”, isso pôde ser revisado e optou-se pela utilização de uma fonte menor no título; quanto à questão da fonte pequena, de um modo geral, nos testes realizados não foi encontrada dificuldade com o tamanho da fonte, sendo, talvez, um problema específico do equipamento de quem fez o acesso, que poderia ser resolvido com a utilização do *zoom* ou do aumento da tela.

A seguir, os *prints* de tela de celular, com os exemplos da página Início corrigida e um exemplo de como a fonte apareceu nos testes nesse equipamento.

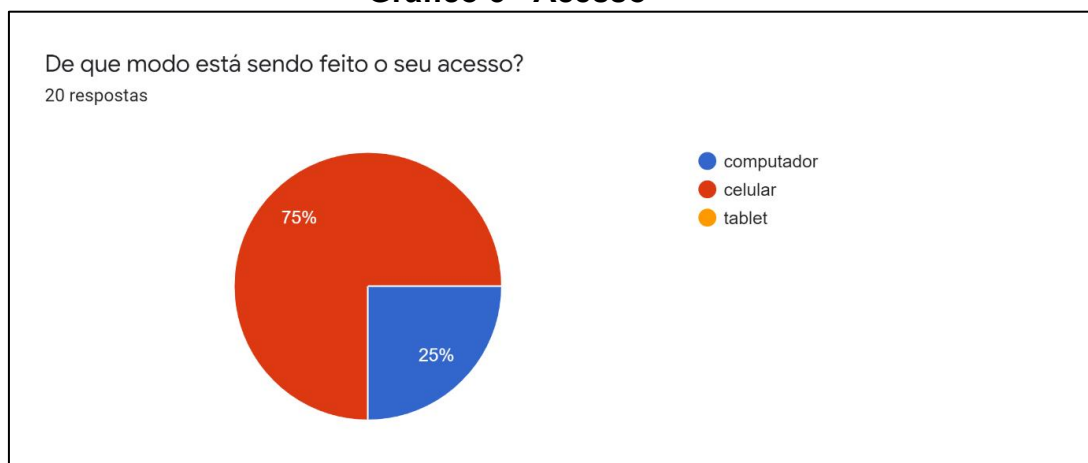
Figura 18 - Prints de tela de celular



Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

Essas observações foram muito pertinentes e pode-se compreendê-las no próximo gráfico, cuja pergunta era referente ao modo de acesso: 75% acessaram o *website* por meio de celular, e 25% por computador.

Gráfico 3 - Acesso



Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

Havia uma sessão de comentários, para que os respondentes pudessem dar o *feedback* de itens que não tivessem sido contemplados nas questões apresentadas. Um comentário muito pertinente fez referência à questão da acessibilidade, com a tradução em LIBRAS e autodescrição das imagens, o que certamente é uma sugestão valiosa e poderia ser contemplada futuramente em uma parceria com especialistas nessa área.

Outra observação interessante dizia respeito a não existir no *site* espaços para que pudessem ser pleiteadas vagas em convênios internacionais, mesmo reconhecendo que aquele era um espaço com conteúdos históricos. Importante acrescentar que não poderia haver tal espaço para inscrições em vagas, pois o *site* não é vinculado do portal institucional do Cefet/RJ, trata-se de um produto educacional desenvolvido para o programa de mestrado do ProfEPT do Colégio Pedro II. Esse ponto vai ao encontro do observado na fase de construção do produto educacional, pois o portal institucional do Cefet/RJ, na área de Relações Internacionais, não oferece muitas informações a respeito dos convênios existentes, nem da forma de participação, os editais publicados, por exemplo, eram do ano de 2019. Esse comentário foi bastante relevante para indicar o interesse dos alunos em participar das ações de internacionalização e a instituição poderia atualizar o seu portal institucional para deixar essas informações disponíveis para todos.

Houve comentários a respeito de outras informações históricas, anteriores a algumas apresentadas e também a projetos específicos que não fizeram parte do *site*. Infelizmente, diante do quadro de pandemia do coronavírus, o contato com docentes,

ex-alunos, ex-gestores e o acesso à documentação institucional ficou prejudicado, e a opção foi apresentar o histórico de projetos aos quais a pesquisadora teve acesso antes da fase de isolamento social, mas reconhece que há muito material para ser estudado e que futuramente poderiam aperfeiçoar o conteúdo já publicado.

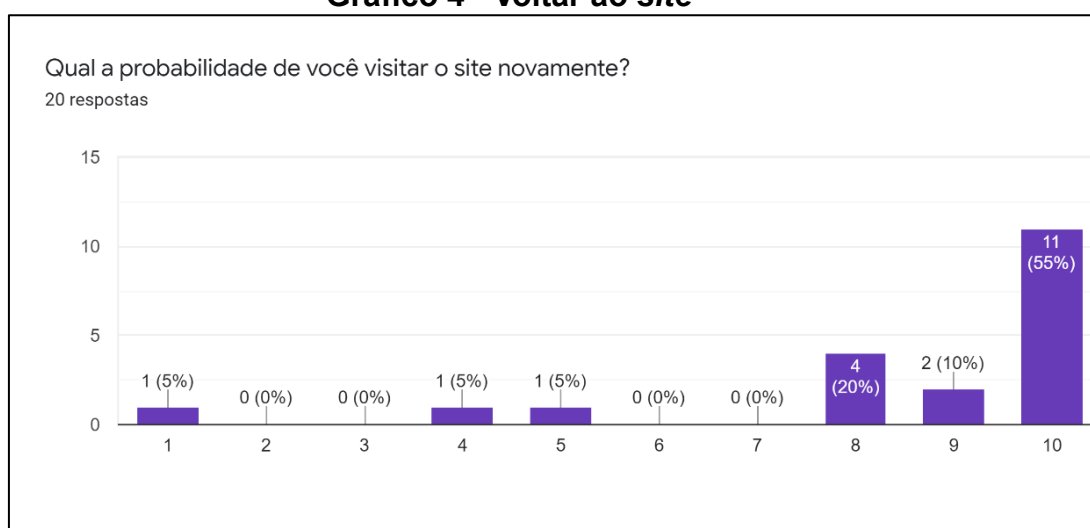
Dentro dessa sessão de comentários, também foram recebidas muitas mensagens de elogio ao *site*, à estrutura, ao conteúdo, considerando relevantes as informações apresentadas, e de descobertas de projetos que podem ser desenvolvidos com alunos do ensino médio técnico.

Quando perguntados a respeito da impressão global da aparência do *site*, 40% deu nota 10, em uma escala de 0 a 10, em que 0 era “não gostei” e 10 “gostei muito”; 30% avaliou com nota 6; 20% deu nota 9; nota 6 (5%) e nota 7 (5%). Considerada a média simples das avaliações, o *site* recebeu uma nota 8,85 no quesito de aparência.

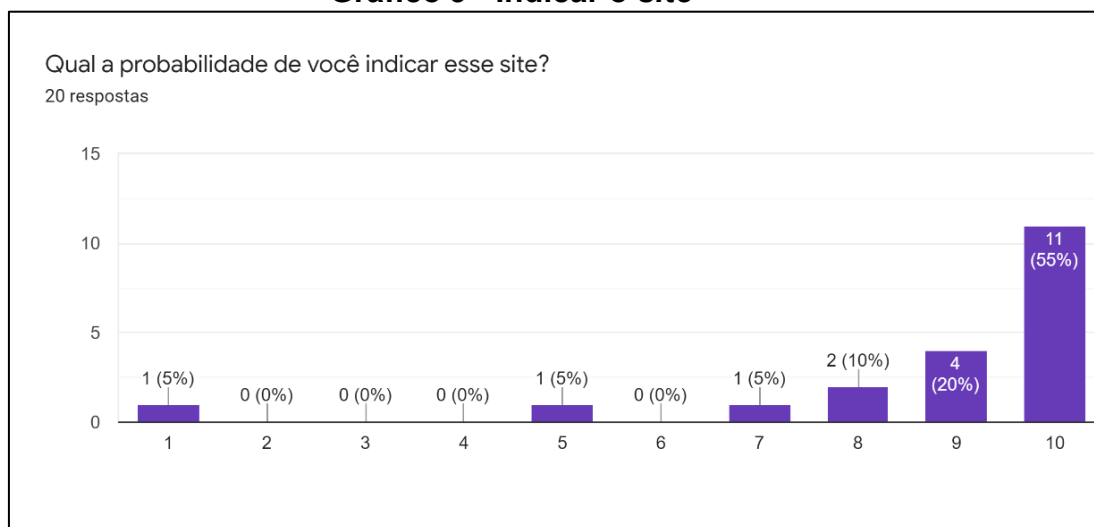
Houve preocupação em receber o *feedback* a respeito da facilidade de entender as informações apresentadas, a fim de julgar se a linguagem estava acessível, 70% dos respondentes atribuíram nota 10, em uma escala de 0 a 10, em que 0 era “muito difícil” e 10 “muito fácil”; 20% atribuiu nota 9, nota 7 (5%) e nota 8 (5%). Considera-se que o *website* tem uma linguagem acessível e de fácil compreensão.

A maioria dos respondentes disse que visitaria o site novamente, assim como indicaria o *site* para outras pessoas, conforme os gráficos 4 e 5.

Gráfico 4 - Voltar ao site



Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

Gráfico 5 - Indicar o site

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

Gráfico 6 - Relevância para internacionalização na EPT

Fonte: elaborado pela pesquisadora, 2020.

Considerando que a amostra era direcionada para o público de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), foi perguntado se eles achavam o site relevante para a divulgação da internacionalização na EPT, e 70% considerou muito relevante, e 30% considerou relevante, o que foi interpretado como um *feedback* muito importante para validar o produto desenvolvido.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi desenvolvido com o objetivo geral de investigar as ações de internacionalização desenvolvidas no Cefet/RJ para os alunos do ensino médio técnico, o que pôde ser feito por meio da análise de entrevistas feitas com gestores da área e com os alunos desse nível de ensino, e também a partir do registro documental existente.

O objetivo primário pretendia identificar as ações de internacionalização desenvolvidas no Cefet/RJ, o que foi atendido por meio de bibliografia pesquisada na Assessoria de Convênios e Relações Internacionais, e reafirmada nas entrevistas com os gestores da ASCRI. Os objetivos secundários: 1) Fazer o resgate histórico das ações de internacionalização do Cefet/RJ; 2) Conhecer as ações de internacionalização vigentes no Cefet/RJ e 3) Descrever a participação dos alunos do ensino médio técnico nas ações de internacionalização do Cefet/RJ, com ênfase no *campus* Maracanã, foram cumpridos no Capítulo 4, em que se recuperou a história da internacionalização do Cefet/RJ, descrevendo os principais projetos desenvolvidos e destacando a participação do alunos do ensino médio técnico; e por meio da análise dos dados coletados nas entrevistas, principalmente com a colaboração dos alunos e a sua visão como atores em um projeto internacional.

Com a intenção de esclarecer o conceito de internacionalização foi desenvolvido o Capítulo 2, que trabalhou não apenas os conceitos, mas também se preocupou com o seu resgate histórico e buscou explorar a sua relação com a educação profissional.

Entendendo que não há lugar para uma educação profissional dissociada da educação geral, o Capítulo 3 pretendeu recolher impressões do que seja a formação integral e o mundo do trabalho, e a sua ligação com o tema da internacionalização.

A resposta ao problema de pesquisa se alicerçou tanto na história da instituição quanto na concepção da importância da preservação da memória dos projetos de internacionalização com um todo, e mais particularmente para os alunos do ensino médio técnico.

A relevância da preservação da memória institucional pode fortalecer os projetos existentes, assim como estimular ações futuras envolvendo os alunos do ensino médio técnico, visto que a internacionalização para todos os níveis de ensino está identificada como estratégica para a instituição.

A análise dos dados apontou que uma das maneiras de promover esse fortalecimento seria a divulgação dos projetos, de modo que a comunidade tivesse acesso às informações que não estavam disponíveis amplamente. A partir da pesquisa bibliográfica do material produzido pela ASCRI, foi observado que os livros publicados não estão disponíveis na Biblioteca Central ou nos demais *campi*, a exceção de uma publicação: *Outros olhares, novos saberes: convivência dos contrastes* (NORTE, 2017).

Além de divulgação dos projetos, por exemplo no portal institucional, entende-se que essa bibliografia produzida a partir de projetos de internacionalização exitosos deveria ser disponibilizada nas bibliotecas dos *campi*, ou, talvez, ser reeditada em formato digital e ter ampla divulgação na comunidade acadêmica. Certamente essa seria uma das formas da preservação da memória coletiva e do fortalecimento institucional.

A pesquisa sofreu uma grande limitação por causa da crise mundial de saúde com a pandemia do coronavírus, pois tanto as atividades acadêmicas quanto administrativas foram suspensas em março de 2020, o que dificultou o acesso a dados de outros participantes em ações de internacionalização, assim como o contato com antigos gestores da área e a, talvez, uma série de documentos institucionais que poderiam ter trazido outras luzes a este trabalho.

Durante a realização da pesquisa, foram identificados alguns tópicos que poderiam interessar a futuros trabalhos, como o estudo e a avaliação do cumprimento do Plano Institucional de Internacionalização do Cefet/RJ, criado em 2018; o levantamento de ações de internacionalização por iniciativas individuais, ou por grupos de pesquisa na instituição; a continuidade do acordo de cooperação entre o Instituto Politécnico Portoalegre e o Cefet/RJ, que levou alunos do ensino médio técnico para Portugal em 2018; de forma mais ampla, considerando a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, poderia despertar interesse a parceria do CONIF com a UNEVOC para fortalecimento internacional do ensino médio técnico, assim como a continuidade desta pesquisa, ampliando o seu espectro no resgate da memória de internacionalização da Rede.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed., 10. reimpr. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em <<https://even3.azureedge.net/anais/SNEMI.pdf>>. Acesso em 01 nov. 2018.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61–80, maio/ago. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/viewFile/7956/5723>>. Acessado em: 12 nov. 2018.

ASCRI. **Relato da Assessoria de Relações Internacionais** de 2005 a 2019. Rio de Janeiro, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <<https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Livros%20de%20Metodologia/10%20-%20Bardin,%20Laurence%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf>>. Acesso em 13 jul. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Crêa nas capitães dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Rio de Janeiro: Senado, 1909 Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/norma/589450/publicacao/15626779>>. Acesso em 27 out. 2019.

_____. **Decreto-Lei nº 4073, de 30 de janeiro de 1942**. Lei orgânica do ensino industrial. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4073.htm>. Acessado em 04 nov. 2018.

_____. **Lei nº 6.545, de 30 de junho de 1978**. Dispõe sobre a transformação das Escolas Técnicas Federais de Minas Gerais, do Paraná e Celso Suckow da Fonseca em Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6545.htm>. Acesso em 28 out. 2019.

_____. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 30 jun. 2019.

_____. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acessado em 05 out. 2018.

_____. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as

diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm>. Acesso em 27 out. 2019.

_____. **Lei nº 11.184, de 7 de outubro de 2005.** Dispõe sobre a transformação do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná em Universidade Tecnológica Federal do Paraná e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11184.htm>. Acesso em 27 out. 2019.

_____. **Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008.** Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm>. Acesso em 12 dez. 2019.

_____. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm>. Acessado em 05 out. 2018.

_____. Câmara dos Deputados. **Deputados divergem sobre capital estrangeiro em instituições de ensino**, Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/148335-DEPUTADOS-DIVERGEM-SOBRE-CAPITAL-ESTRANGEIRO-EM-INSTITUICOES-DE-ENSINO.html>>. Acesso em 29 jun. 2019.

_____. Ministério da Educação. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. **Registros de uma instituição centenária**: Cefet/RJ. Organizado por Dayse Haime Pastore, Isabela Menezes da Silva Devonish, Tereza Fachada L. Cardoso. 1. Ed. Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2017.

CARDOSO, Teresa Fachada L.; BARRETO, Maria Renilda; OLIVEIRA, Samuel. **A escola que mudou a minha vida**: uma história de vida, pertencimento, afeto, formação humana e profissional. Rio de Janeiro: PROIATEC, 2018.

CASTANHEIRA, Maurício; NORTE, Angela Lopes (orgs.). **Mobilidade estudantil**. O Cefet/RJ e os programas de intercâmbio internacional. Rio de Janeiro: Publit, 2008.

_____. **Programa de Intercâmbio do Curso de Administração Industrial do Cefet/RJ** – um relato de experiência. Rio de Janeiro: Publit, 2005.

CAVALCANTE, Rivadavia Porto et al. Estratégias para internacionalização dos Institutos Federais: cultura e língua. **Revista Nexus**, Manaus, vol. 1, nº 1, p. 95-101, abril 2015. Disponível em: <<http://nexus.ifam.edu.br/nexus/index.php/Nexus/article/view/16/0>>. Acesso em 29 jul. 2020.

CEFET/RJ. **Cefet/RJ & VOORHEES COLLEGE**: effectiveness in an exchange program. Rio de Janeiro, [2008].

_____. Cefet/RJ. **Seu tempo e sua história**: 90 anos de formação profissional. Rio de Janeiro: O Centro, 2007.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2015-2019**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <[http://www.cefet-rj.br/attachments/article/97/PDI%202015-2019_versa%CC%83o%20final%20revisada%20\(2\).pdf](http://www.cefet-rj.br/attachments/article/97/PDI%202015-2019_versa%CC%83o%20final%20revisada%20(2).pdf)>. Acessado em 07 nov. 2018.

_____. **Plano Institucional de Internacionalização do Cefet/RJ**. Rio de Janeiro, 2018a. Disponível em <<http://www.cefet-rj.br/attachments/article/3727/Anexo%20%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%202022-2018%20-%20Plano%20de%20Internacionaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acessado em 19 out. 2018.

_____. **Projeto de internacionalização do ensino médio levou 17 estudantes do Cefet/RJ para Portugal**. Rio de Janeiro, 2018b. Disponível em <<http://www.cefet-rj.br/index.php/noticias/4098-projeto-de-internacionalizacao-do-ensino-medio-levou-17-estudantes-do-cefet-rj-para-portugal>>. Acesso em 29 out. 2019.

_____. **Crescimento, Gestão, Produção, Estratégia**: 2011-2019. Rio de Janeiro: Assessoria de Comunicação Social, 2019a. Disponível em: <[http://www.cefet-rj.br/attachments/article/4215/livreto\(1\).pdf](http://www.cefet-rj.br/attachments/article/4215/livreto(1).pdf)>. Acesso em 21 out. 2019.

_____. **Relatório de Gestão 2018**. Rio de Janeiro, 2019b. Disponível em: <[http://www.cefet-rj.br/attachments/article/4149/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2025-2019%20Aprova%20Relat%C3%B3rio%20de%20Gest%C3%A3o%202018%20\(Anexo\).pdf](http://www.cefet-rj.br/attachments/article/4149/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2025-2019%20Aprova%20Relat%C3%B3rio%20de%20Gest%C3%A3o%202018%20(Anexo).pdf)>. Acesso em 27 out. 2019.

_____. **Alunos do Cefet/RJ participam de modelo das Nações Unidas em Harvard**. Rio de Janeiro, 2020a. Disponível em: <<http://www.cefet-rj.br/index.php/noticias/4858-alunos-do-cefet-rj-participam-de-modelo-das-nacoes-unidas-em-harvard>>. Acesso em 03 mar. 2020.

_____. **Portaria nº 356, de 13 de março de 2020**. Dispõe sobre medidas temporárias de prevenção ao contágio pelo novo corona vírus (COVID-19), no Cefet/RJ, tratando de situação excepcional e transitória. Rio de Janeiro: 2020b. Disponível em: <<http://www.cefet-rj.br/attachments/article/4909/Portaria%20356.pdf>>. Acesso em 28 jul. 2020.

_____. **Resolução nº 08, de 08 de maio de 2020**. Suspende o calendário acadêmico de 2020. Rio de Janeiro: 2020c. Disponível em: <<http://www.cefet-rj.br/attachments/article/4790/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2008-2020%20Suspens%C3%A3o%20do%20calend%C3%A1rio%20acad%C3%AAmico%202020.pdf>>. Acesso em 28 jul. 2020.

_____. **Cefet/RJ promove ações de apoio a alunos que estão fora do país**. Rio de Janeiro: 2020d. Disponível em: <<http://www.cefet-rj.br/index.php/noticias/5008->

cefet-rj-promove-acoes-de-apoio-a-alunos-que-estao-fora-do-pais>. Acesso em 22 abr. 2020.

_____. **Convênios** – Relações internacionais. Rio de Janeiro: 2020e. Disponível em: <<http://www.cefet-rj.br/index.php/acordos-de-cooperacao>>. Acesso em 03 ago. 2020.

_____. **Processos seletivos** – Relações internacionais. Rio de Janeiro: 2020f. Disponível em: <<http://www.cefet-rj.br/index.php/processos-seletivos>>. Acesso em 03 ago. 2020.

_____. **Cancelamento dos cursos de extensão em Língua Francesa**. Rio de Janeiro: 2020g. Disponível em: <<http://www.cefet-rj.br/index.php/avisos-campus-maracana/4915-cancelamento-dos-cursos-de-extensao-em-lingua-francesa>>. Acesso em 18 mar. 2020.

_____. **Portaria nº 1056, de 18 de setembro de 2020**. Estabelece medidas temporárias de prevenção ao contágio do novo Coronavírus no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca e designa funções. Rio de Janeiro, 2020h. Disponível em: <<http://www.cefet-rj.br/attachments/article/5331/Portaria%201.056%20de%2018%20de%20setembro%20de%202020.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2020.

_____. **Portaria nº 1124, de 09 de outubro de 2020**. Estabelece medidas temporárias para atividades acadêmicas não presenciais durante a suspensão das atividades presenciais no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca em razão da pandemia do novo Coronavírus. Rio de Janeiro, 2020i. Disponível em: <[http://www.cefet-rj.br/attachments/article/5400/Portaria%20n%201124%20Atividades%20acad%C3%AAsicas%20na%CC%83o%20presenciais%20\(1\).pdf](http://www.cefet-rj.br/attachments/article/5400/Portaria%20n%201124%20Atividades%20acad%C3%AAsicas%20na%CC%83o%20presenciais%20(1).pdf)>. Acesso em 09 nov. 2020.

CONIF. CONSELHO NACIONAL DAS INSTITUIÇÕES DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA. **Centro UNEVOC**. Brasília, DF, [2020]. Disponível em: <<http://portal.conif.org.br/br/internacional/centro-unevoc>>. Acesso em 08 jul. 2020.

CIAVATTA, Maria. A cultura do trabalho e a educação plena negada. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 5, p. 170-189. 2011. Disponível em <<http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6645>>. Acesso em 22 out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.29148/labor.v1i5.6645>.

DALLA BONA, Fabiano. Paisagem literárias sicilianas em O Leopardo. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 91-102. jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/304704937_Paisagem_literarias_sicilianas_em_O_Leopardo>. Acesso em 21 out. 2019.

DIAS, Demosthenes de Oliveira. **Estudo documentário e histórico sobre a Escola Técnica Celso Suckow da Fonseca**. Composto e impresso no Setor de Artes Gráficas do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: [1980].

DICIONÁRIO **Caldas Aulete**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. Acesso em 26 out. 2019.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 1876. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000041.pdf>>. Acessado em 22 fev. 2021.

FIGUEIREDO, J., ANDRIOLI, L. Ângela, & FRANTZ, W. Educação popular no contexto da globalização neoliberal. **Revista Educação Em Questão**, Natal, v. 47, n. 33, p. 86-108, set./dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/5136>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. (orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GACEL-AVILA, Jocelyne. The Internationalisation of Higher Education: A Paradigm for Global Citizenry. **Journal of Studies in International Education**, v. 9., n. 2, p. 121-136, summer 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/249631967_The_Internationalisation_of_Higher_Education_A_Paradigm_for_Global_Citizenry/link/572cb0a508aeb1c73d11acea/download>. Acesso em 05 ago. 2020.

GESUALDI, Aline da Rocha. **Participação em projetos de pesquisa internacional: experiência de professores e alunos no CERN**. Revista Tecnologia & Cultura, Rio de Janeiro, ano 9, nº 11, p. 75-78, jul./dez. 2007.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**, volume 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed., 6 reimpr. São Paulo, Centauro: 2012.

HARVARD. **What is HMUN?** Disponível em: <<https://www.harvardmun.org/about-what>>. Acesso em 29 jul. 2020.

HUDZIK, John K. **Comprehensive Internationalization: from Concept to Action**. Washington: NAFSA – Association of International Educators, 2011. Disponível em: <http://www.nafsa.org/_/File/_/downloads/cizn_concept_action.pdf>. Acesso em 10 jan. 2019.

HUDZIK, John K., MCCARTHY, JoAnn S. **Leading Comprehensive Internationalization: Strategy and Tactics for Action**. [S. I.]: NAFSA – Association of International Educators, 2012. Disponível em: <http://proxse16.univalle.edu.co/~secretariageneral/consejo-academico/temasdediscusion/2014/Documentos_de_interes_general/Lecturas_Internacionalizacion/Leading%20Comprehensive%20Internationalization.pdf>. Acesso em 04 ago. 2020.

IFFLUMINENSE. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Polo de Inovação Campos dos Goytacazes, última atualização 10 jul. 2019. Disponível em: <http://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/polo-de-inovacao-campos-dos-goytacazes/polo-embrapii-iffuminense>>. Acesso em 09 jul. 2020.

KENEDI, Paulo Pedro; VIEIRA, R. D.; PACHECO, P.M.C.L.; JORGE, Jorge Carlos Ferreira; DANNINGER, W. Programa de Cooperação Cefet/RJ – Fachhochschule de Munique: Uma Experiência Inovadora no Ensino de Engenharia Mecânica. In: COBENGE – CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA, 29., Porto Alegre, 2001. **Anais [...]**. Porto Alegre: ABENGE, 2001. v. 1, p. CPI1-CPI6.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 7ª ed. revista, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

LEHER, Roberto. Ciência, tecnologia e heteronomia cultural. **Universidade e Heteronomia Cultural no capitalismo dependente: um estudo a partir de Florestan Fernandes**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2018.

LUCE, Maria Beatriz; FAGUNDES, Caterine Vila; MEDIEL, Olga González. Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. **Avaliação**, Campinas, Sorocaba, SP, v. 21, n. 2, p. 317-340, julho 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000200317&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 jun. 2019.

MARCOVITCH, Jacques (Org.). **Cooperação Internacional: Estratégia e Gestão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

MARIANO, Márcia R. C. P. A educação da antiguidade aos nossos dias – em busca de indícios da origem das avaliações. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Sergipe, vol. 5, n. 9, p. 61-76, julho-dezembro 2012. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2267/1938>>. Acessado em 17 dez. 2018.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História e Memórias. In: MATTOS, Marcelo Badaró. (org). **História: Pensar e fazer**. Rio de Janeiro, Laboratório Dimensões da História, 1998. cap. 4, p. 73-89.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORAIS, João Kaio Cavalcante; HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmento. Ensino médio integrado: fundamentos e intencionalidade formativa. In: ARAÚJO, Adilson Cesar; SILVA, Nei Nascimento (orgs.). **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: Ed. IFB, 2017. p. 419-433. Disponível em <https://even3.azureedge.net/anais/SNEMI.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2018.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar em revista**, Curitiba, n. 28, p. 107-124, dez. 2006. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 jun. 2019.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy. Educação do campo na encruzilhada entre emancipação versus reino do capital: uma leitura filosófica. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 14, n. 18, p. 106-124, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1346/1334>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

NORA, Pierre. Tradução: Yara Aun Khoury. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 10, p. 07-28, jul./dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 23 out. 2019.

NORTE, Angela Lopes. Internacionalização do Cefet/RJ: tendência mundial, crescimento e protagonismo discente. **Revista Tecnologia & Cultura**, Rio de Janeiro, ano 16, nº 23, p. 07-14, jan/jun. 2014. Disponível em <http://www.cefet-rj.br/arquivos_download/comunicacao/revista/revista23virtual.pdf>. Acesso em 29 out. 2019.

NORTE, Angela Lopes; ALVES, Carlos Henrique Figueiredo. **Os 3 S: Sonhos, Sensibilidade e Sucesso (The 3S: Dreams, Sensitivity and Success)**. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

NORTE, Angela Lopes; CARDOZO, Suzana Maria do Amaral Alves. **Outros olhares, novos saberes: convivência dos contrastes**. Rio de Janeiro: Publit, 2017.

NORTE, Angela Lopes; NEVES, Antônio Maurício Castanheira. Intercâmbio Acadêmico entre Instituição Americana e Brasileira: Relato de Experiência. **Revista Tecnologia & Cultura**, Rio de Janeiro, ano 8, n. 9, p. 14-21, jul/dez. 2006. Disponível em: <http://www.cefet-rj.br/arquivos_download/comunicacao/revista/ano08_ed09.pdf>. Acessado em 12 jan. 2019.

NORTE, Angela Lopes; SANTOS, Fernanda dos. O profissional envolvido no processo de intercâmbio acadêmico. In: CASTANHEIRA, Maurício; NORTE, Angela Lopes (orgs.). **Programa de Intercâmbio do Curso de Administração Industrial do Cefet/RJ – um relato de experiência**. Rio de Janeiro: Publit, 2005. cap. V, p. 35-44.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<https://bibliotecafeevale.wordpress.com/2013/03/26/e-book-metodologia-do-trabalho-cientifico/>>. Acesso em 25 set. 2020.

RAMOS, Marise Nogueira. **Concepção de Ensino Médio Integrado**. Curitiba: Secretaria de Educação do Estado do Paraná, 2008. Disponível em: <<https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

_____. **História e política da educação profissional** [recurso eletrônico]. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. Disponível em: < <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/Hist%c3%b3ria-e-pol%c3%adica-da-educa%c3%a7%c3%a3o-profissional.pdf>>. Acesso em 26 dez. 2018.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: **Diccionario de la lengua española**, 23.^a ed., [versión 23.2 en línea]. Disponível em: <<https://dle.rae.es>>. Acesso em 26 out. 2019.

REARI. **Reari-Rj**: Rede das Assessorias Internacionais das Instituições de Ensino Superior do Rio de Janeiro, c2018. Página Inicial. Disponível em: < <http://www.reari-rj.org/index.php/pt-br/>>. Acesso em 28 out. 2019.

SANTOS, Danielle Barbosa. FRANÇA, Robson Luiz de. Reestruturação produtiva do mundo do trabalho e a formação profissional tecnológica. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 6, p. 50-63. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/9302>>. Acesso em 22 out. 2019.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.

_____. Política educacional brasileira: limites e perspectivas. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, n. 24, abr. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/108>>. Acesso em: 21 out. 2019.

SEABRA SANTOS, Fernando; ALMEIDA FILHO, Naomar. **A quarta missão da universidade**: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento. Brasília: Editora UnB, 2012.

SCHMITZ, João Clóvis et al. A internacionalização da Rede Federal de Educação Tecnológica: uma abordagem sobre a estrutura administrativa. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GESTIÓN UNIVERSITARIA – CIGU, 16. Arqueipa, Peru, 2016. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2016. Disponível em: < https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/170992/OK%20-%20101_00370.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 29 jul. 2020.

SCHOOLING THE WORLD: THE WHITE MAN'S LAST BURDEN (Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco). Diretora Carol Black. 2010. Disponível em: <<http://carolblack.org/schooling-the-world/>>. Acesso em 5 dez. 2018.

SILVA, Deonísio da. **De onde vêm as palavras**: origens e curiosidades da língua portuguesa. 17 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

SILVA, Viviane Nascimento; SANTOS, Gilmar Ribeiro dos; DURÃES, Sarah Jane Alves. Trabalho: dimensões, significados e ampliação do conceito. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 2, p. 739-754, abr./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8356/6563>>. Acesso em: 22 out. 2019.

STALLIVIERI, Luciane. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. Tese (Doutorado em Línguas Modernas) – Universidad del Salvador. Buenos Aires, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228380071_AS_DINAMICAS_DE_UMA_NOVA_LINGUAGEM_INTERCULTURALNA_MOBILIDADE_ACADEMICA_INTERNACIONAL>. Acesso em 26 out. 2020.

_____. **Internacionalização e intercâmbio**: dimensões e perspectivas. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

THEFREEDICTIONARY.COM. Farlex Inc. Disponível em <<https://www.thefreedictionary.com/>>. Acesso em 26 out. 2019.

UNESCO-UNEVOC. **Campos dos Goytacazes Innovation Hub**: Promising Practice in Focus 2019. Bonn, Germany, 2019. Disponível em <https://unevoc.unesco.org/pub/promisingpractices-picg-en_final.pdf>. Acesso em 08 jul. 2020.

_____. **Advancing innovation**: UNESCO-UNEVOC in action, Biennial Report 2018-2019. Bonn, Germany, 2020. Disponível em: <https://unevoc.unesco.org/pub/biennialreport_2018-20192.pdf>. Acesso em 08 jul. 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTOR

Descrição do instrumento: roteiro de entrevistas semiestruturadas para gestores que fizeram ou fazem parte da Assessoria de Convênios e Relações Internacionais do Cefet/RJ (ASCRI).

Objetivo: coletar dados sobre o histórico da internacionalização no Cefet/RJ e sobre os desafios enfrentados pelos gestores.

- Quando primeiro você se envolveu com a área de internacionalização no Cefet/RJ, já havia sido criado um setor ou departamento específico para isso?
- Em que anos você participou da ASCRI? Já era essa a denominação?
- Quais eram os convênios em vigência?
- Quantos convênios você fechou durante o seu tempo na Assessoria?
- Quais são, em sua opinião, os maiores desafios para a Instituição assinar um convênio com uma instituição estrangeira?
- Em seu tempo frente à ASCRI, havia apoio institucional para a realização de projetos internacionais? De que forma se dava esse apoio?
- Quais as áreas mais procuradas para parcerias internacionais?
- Há interesse pelos cursos técnicos de nível médio? Quais seriam as maiores barreiras a projetos com estudantes do nível médio?
- No período da sua gestão, houve algum projeto desenvolvido especificamente para alunos do ensino médio técnico? Qual?
- De que forma os alunos de ensino médio técnico, no Cefet/RJ, se beneficiam com projetos de internacionalização que trazem estrangeiros para dentro da Instituição?
- Em sua opinião, a participação em ações de internacionalização, dentro e fora do país, colaboram para ampliar os horizontes dos alunos do ensino médio técnico? De que maneira?
- Você diria que um aluno de ensino médio técnico pode ter reflexos positivos com experiências internacionais na hora de ingressar no mercado de trabalho? Poderia exemplificar?
- Com relação a alunos em mobilidade, tanto no Cefet/RJ quanto em instituições parceiras, quais são os desafios do gestor para dar apoio aos estudantes?

- Houve algum incidente que mereça registro? Como ele foi resolvido? Houve aprendizado após essa experiência?
- Como é, ou era, composta a equipe da ASCRI?
- Há ou havia parcerias com outros setores da Instituição no âmbito da internacionalização?
- Você diria que o Cefet/RJ, frente ao seu processo de internacionalização, conseguiu preparar a sua comunidade interna para dar apoio aos estrangeiros que vêm estudar aqui?
- De que forma isso poderia ser melhorado?
- Gostaria de acrescentar algum comentário, sugestão?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (SERVIDORES/DOCENTES)

Descrição do instrumento: roteiro de entrevistas semiestruturadas para agentes envolvidos em projetos de internacionalização.

Objetivo: coletar dados sobre o histórico da internacionalização no Cefet/RJ e sobre os desafios enfrentados.

- Como foi a sua participação em um projeto de internacionalização envolvendo o Cefet/RJ?
- Em que ano (anos) o projeto aconteceu?
- Nessa época, já havia um setor estruturado para apoiar os projetos internacionais?
- Quais os principais desafios enfrentados para o desenvolvimento dos projetos?
- O setor da área de internacionalização do Cefet/RJ colaborou para a superação desses desafios?
- O setor colaborou para a manutenção desses projetos internacionais?
- Em sua opinião, a participação em ações de internacionalização, dentro e fora do país, colaboram para ampliar os horizontes dos alunos e professores da instituição? De que maneira?
- Houve algum incidente no desenvolvimento do projeto internacional que mereça registro? Como ele foi resolvido? Houve aprendizado após essa experiência?
- Você diria que o Cefet/RJ, frente ao seu processo de internacionalização, conseguiu preparar a sua comunidade interna para dar apoio aos estrangeiros que vêm estudar aqui?
- De que forma isso poderia ser melhorado?
- Gostaria de acrescentar algum comentário, sugestão?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA (ALUNO REGULARMENTE MATRICULADO)

Descrição do instrumento: roteiro de entrevista semiestruturada para alunos do ensino médio técnico do Cefet/RJ, *campus* Maracanã.

Objetivo: investigar a participação dos alunos de ensino médio técnico em ações de internacionalização do Cefet/RJ e os impactos em suas vidas acadêmica e profissional.

- Qual a sua idade?
- Você está fazendo que curso técnico?
- Que período você está cursando?
- Você está fazendo estágio ou trabalha?
- Você já tinha viajado para o exterior antes?
- Qual a ação de internacionalização que você participou? Em que ano?
- Como foi o processo de inscrição e seleção?
- Você recebeu bolsa? De qual instituição?
- Você recebeu alojamento na instituição estrangeira?
- Quanto tempo você ficou na instituição estrangeira?
- Por favor, diga quais as principais atividades desenvolvidas por você durante a sua permanência na instituição estrangeira.
- Qual foi a maior dificuldade que você encontrou em participar desse projeto?
- Você teve alguma dificuldade em ser aceito pela comunidade da instituição estrangeira? Quais?
- Você diria que aprendeu mais sobre culturas diferentes e respeito ao outro?
- Os seus colegas demonstravam interesse pelo seu país e sua cultura? O que mais chamou a atenção deles?
- Quais atividades culturais em que você esteve envolvido durante o programa de internacionalização?
- Você diria que a experiência trouxe benefícios para sua vida pessoal? Quais?
- Você acha que essa experiência pode ser aproveitada em sua vida profissional? De que forma?
- Alguma sugestão de melhoria para projetos de internacionalização do Cefet/RJ?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Descrição do instrumento: questionário de avaliação *online* do produto educacional (*website* voltado à memória das ações de internacionalização no Cefet/RJ) por meio de formulário Google Forms.

Objetivo: receber *feedback* dos visitantes do site, a fim de aperfeiçoar o produto antes da sua versão final.

1 – De que modo está sendo feito o seu acesso?

computador

celular

tablet

2 – Você achou o site de fácil navegação?

sim, achei o site de fácil navegação.

sim, mas tive dificuldade em achar algumas informações

não, achei difícil a navegação

3 – Você encontrou algum erro no site ou algo que precise ser modificado?

4 – Qual sua impressão global do site quanto à aparência?

(escala de 0 a 10: não gostei – gostei muito)

5 – Você teve facilidade para encontrar as informações desejadas?

(escala de 0 a 10: muito difícil – muito fácil)

6 – Você teve facilidade de entender as informações apresentadas?

(escala de 0 a 10: muito difícil – muito fácil)

7 – Qual a probabilidade de você visitar o site novamente?

(escala de 0 a 10: pouco provável – muito provável)

8 – Qual a probabilidade de você indicar esse site?

(escala de 0 a 10: pouco provável – muito provável)

9 – Você considera que o site seja relevante para a divulgação da internacionalização na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)?

muito relevante

relevante

pouco relevante

indiferente

10 – Conte-nos um pouco sobre você:

sou aluno do ensino médio técnico

sou aluno do ensino médio

sou aluno da graduação

sou aluno da pós-graduação

sou professor

9 – Deixe aqui os seus comentários sobre o site:

ANEXO A – MARCOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CEFET/RJ

Quadro 1 – Principais marcos do processo de internacionalização do Cefet/RJ

PRINCIPAIS MARCOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO DO Cefet/RJ		
Ano	Descrição	País(es)
1987	Início da Internacionalização do Cefet/RJ envolvendo parcerias com o FERMILAB e posterior participação em projetos do CERN	EUA Diversos
1988	Início da cooperação internacional com as Universidades de Ciências Aplicadas (FHS - <i>Fachhochschule</i>) de Munique, de Colônia e de Berlim.	Alemanha
1994	Contrato de cooperação acadêmica com a Universidade de Tecnologia de Compiègne	França
	Início do recebimento de estudantes estrangeiros através do PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação)	Diversos
1995	Acordo de cooperação com a Universidade Tecnológica Nacional (UTN)	Argentina
1996	Contrato de cooperação internacional com a <i>Fachhochschule</i> de Munique	Alemanha
	Acordo de cooperação com a Universidade de Tecnologia de Loughborough	Reino Unido
	Convênio de intercâmbio e cooperação com Universidade Nacional de Lomas de Zamorra	Argentina
	Convênio de cooperação com a Universidade Nacional de General Sarmiento (UNGS)	Argentina
	PIR – Programa regional de intercâmbio de estudantes com a Universidade Tecnológica Nacional da Argentina	Argentina
1997	Acordo de cooperação com o Ministério da Educação, Ciência e Cultura de Cabo Verde	Cabo verde
	Convênio de Cooperação <i>Fachhochschule Braunschweig/Wolfenbüttel</i>	Alemanha
1999	Início do Programa internacional CAPES/CEFET/DAAD/FHS (1999-2002)	Alemanha
	Protocolo de intenções com a <i>Fachhochschule</i> de Colônia	Alemanha
2001	Acordo bilateral com a <i>Fachhochschule Neurabrandenburg</i>	Alemanha
	Parceria com o <i>Centennial Community College</i> (até 2005) dentro do Acordo Bilateral Brasil-Canadá para apoio à reforma da educação do ensino médio	Canadá
2003	Memorando de Entendimento para parceria no programa CAPES-FIPSE (2004-2008) com <i>Voorhees College</i> e <i>Paul Quinn College</i>	EUA
	Início das bolsas PAE (Programa de Auxílio ao Exterior) com recursos do Cefet/RJ	Diversos
2005	Criação da Divisão de Cooperação Internacional do Cefet/RJ, ASCRI	----
2006	Recebimento de estudantes secundaristas e monitores do <i>Student Venture</i>	EUA
2007	Acordo de cooperação com a <i>Universidad Nacional del Nordeste</i>	Argentina
2009	Convênio de cooperação com <i>Voorhees College</i>	EUA
	Acordo de cooperação com a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto	Portugal
2010	Acordo de Cooperação com a UNT – Universidade do Norte do Texas	EUA
	Memorando de Entendimento com o <i>Alamo Colleges</i>	EUA
	Acordo de cooperação com o <i>Centennial College</i>	Canadá
	Acordo de cooperação com o <i>Confederation College</i>	Canadá
	Memorando de Entendimento com o <i>MacEwan University</i>	Canadá
2011	Acordo de cooperação com a <i>Universidad Nacional del Quilmes</i>	Argentina
	Acordo de cooperação com o <i>Cégep Trois-Rivières</i>	Canadá
	Acordo de cooperação com a <i>Universidad de Jaén</i>	Espanha

	Acordo de cooperação com o Instituto Politécnico de Bragança	Portugal
	Acordo de cooperação com o Instituto Politécnico de Coimbra	Portugal
	Acordo de cooperação com o Instituto Politécnico de Viana do Castelo	Portugal
	Acordo de cooperação com o Instituto Politécnico de Santarém	Portugal
	Início do Programa Ciência sem Fronteiras	Diversos
	Renovação do contrato de cooperação acadêmica com a Universidade de Tecnologia de Compiègne	França
	Acordo de cooperação com o <i>College Laflèche</i>	Canadá
2012	Acordo de cooperação com a <i>Saint Martin's University</i>	EUA
	Programa <i>TOP CHINA Brasil</i> (Santander Universidades)	China
	Protocolo de intenções assinado com o Instituto Politécnico do Porto	Portugal
2013	Acordo de cooperação com o Instituto Politécnico de Tomar	Portugal
	Criação da REARI-RJ – Rede de Assessorias de Relações Internacionais das Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro	---
	Acordo de cooperação com a Universidade de Lisboa	Portugal
	Início das Bolsas de Pesquisador Visitante Especial (PVE)	Diversos
	Início da oferta de bolsas institucionais através do Programa Nacional de Pós-Doutorado/Capes (PNPD/Capes)	-----
	Termo aditivo de dupla titulação com o Instituto Politécnico de Bragança, Portugal	Portugal
2014	Início de oferta de Bolsas Santander para intercâmbio de alunos do Cefet/RJ no exterior	Diversos
2015	Contrato de cooperação com a <i>Memorial University</i>	Canadá
	Memorando de Entendimento Cefet/RJ – <i>Limerick Institute of Technology</i>	Irlanda
	Acordo de cooperação com a <i>Università de Pisa</i>	Itália
	Acordo de cooperação com a <i>Université de La Rochelle</i>	França
	Acordo de cooperação com a <i>University of Wisconsin- Stout</i>	EUA
	Acordo de cooperação com a UTE – <i>Universidad Tecnológica Equinoccial de Ecuador</i>	Equador
	Memorando de Entendimento entre a Província de Jiangsu, Universidades de Macau e de países lusófonos	China Países lusófonos
	Memorando de entendimento entre o Cefet/RJ e a <i>Yangzhou University</i>	China
	Formação e participação na Rede <i>KICUnivAssist</i> composta por 15 universidades norte-americanas para encontros com estudantes visando intercâmbio	USA
	Acordo de cooperação com a <i>Universidad de Valladolid</i>	Espanha
2016	Acordo de cooperação com o Instituto Politécnico de Portalegre	Portugal
	Acordo de cooperação com o <i>CCSF – City College of San Francisco</i>	EUA
	Convênio assinado com a <i>Universidad de Chile</i>	Chile
	Acordo de cooperação com a UBA – Universidade de Buenos Aires	Argentina
	Início do Programa <i>Tuition Waiver</i> da <i>Saint Martin's University</i> para dois estudantes do Cefet/RJ por ano	EUA
	Início do programa de dupla titulação com o Instituto Politécnico de Bragança, Portugal	Portugal
	Assinatura de Acordo entre a NASA e o Cefet/RJ para a participação de pesquisador visitante do Cefet/RJ no desenvolvimento de pesquisa no <i>AMES Research Center</i> durante o período de 1 ano	EUA

2017	Primeira seleção para intercâmbio de alunos do Cefet/RJ através do Acordo das redes REARI-RJ e UTRECHT Network	Diversos
	Assinatura de convênio para colaboração em programas de pós-graduação entre o Cefet/RJ e o Instituto Politécnico de Santarém	Portugal
	Renovação do acordo de cooperação com a <i>Hochschule München</i>	Alemanha
	Memorando de entendimento com a Universidade Védica Maharishi para fins de intercâmbio e pesquisa acadêmica.	Holanda
	Submissão de proposta para projeto de mobilidade Erasmus Plus em parceria com universidades da Europa	Diversos
2018	Assinatura de convênio para colaboração em programas de pós-graduação entre o Cefet/RJ e o Instituto Politécnico de Bragança	Portugal
	Assinatura em 2018 – no Cefet/RJ – do acordo de cooperação com a <i>Lutsk National Technical University</i>	Ucrânia

Fonte: CEFET/RJ, 2018a.

ANEXO B – ACORDOS INTERNACIONAIS

Quadro 3 – Acordos institucionais com parceiros internacionais

PAÍS	INSTITUIÇÃO	NÍVEL	CURSOS	OBS
ALEMANHA	MUAS – Munich University of Applied Sciences Desde 1988, renovável automaticamente	Graduação Pós-graduação Para docentes e discentes	Engenharia Civil Engenharia Mecânica Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia de Produção Engenharia Ambiental Eng. de Computação Eng. de Contr e Automação Engenharia Física Administração Gestão em Turismo Ciência da Computação	Propostas: <i>Summer school at Cefet/RJ</i> Publicações conjuntas Renovação em 18/05/17
	FACHHOCHSCHULE BRAUNSCHWEIG/WOLFENBÜTTEL Assinado em 05/12/1997 (sem prazo determinado)			
EUA	SMU – Saint Martin's University Acordo de cooperação assinado em 14/11/2012, podendo ser expirado por vontade das partes	Graduação Intercâmbio docente e discente Programas acadêmicos de curta duração	Engenharia Civil Engenharia Mecânica Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia Eletrotécnica Engenharia de Produção Ciência da Computação Relações Internacionais Administração Física ESL (Inglês Seg. Língua)	Enactus: acesso sem pagamento de <i>tuition</i> Proposta de dupla titulação Projetos de inserção intercultural
	CCSF – City College of San Francisco Acordo de cooperação assinado em 02/11/16, com validade de 5 anos			Administração Turismo Ciência da Computação Física
	Wisconsin-Stout	Acordo inicial:		Engenharias Física

	<p>Memorando de Entendimento assinado em 23/03/15 E Acordo de cooperação assinado em 12/11/2015, válido até 31/10/2018</p>	colaboração para atividades acadêmicas, pesquisa, intercâmbio de alunos e funcionários, visitas de curta duração		
	<p>Alamo Colleges</p> <p>Memorando de Entendimento assinado em outubro de 2010 (vigência indeterminada)</p>			
	<p>UNT</p> <p>Acordo de Cooperação assinado em outubro de 2010</p>			
	<p>Voorhees College</p> <p>Memorando de Entendimento assinado em 2013, para parceria no programa CAPES-FIPSE (2004-2008)</p> <p>Convênio de parceria assinado em abril de 2009</p>			
	<p>Paul Quinn College</p> <p>Memorando de Entendimento assinado em 2013, para parceria no programa CAPES-FIPSE (2004-2008)</p>			
PORTUGAL	<p>FEUP – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto</p> <p>Acordo de Cooperação assinado em 12/01/2009, com validade de 3 anos, e renovável por interesse mútuo. Ren. em 30/04/ 2012 Ren. em 12/01/2016</p>	<p>Graduação</p> <p>Pós-Graduação</p>	<p>Engenharia Civil</p> <p>Engenharia Mecânica</p> <p>Engenharia Elétrica</p> <p>Engenharia Eletrônica</p> <p>Engenharia Eletrotécnica</p> <p>Engenharia de Produção</p> <p>Engenharia Metalúrgica</p> <p>Engenharia Ambiental</p> <p>Eng. de Computação</p> <p>Eng. de Contr e Automação</p> <p>Eng. de Telecomunicações</p>	<p>Mestrado e Doutorado</p> <p>Informática</p> <p>Polímeros</p> <p>Eng. Civil, Mecânica, Ambiente, Políticas Públicas</p>
	<p>IPB – Instituto Politécnico de Bragança</p> <p>Acordo de Cooperação assinado em agosto de 2011</p>	<p>Graduação</p> <p>Pós-graduação</p>	<p>Engenharia Civil</p> <p>Engenharia Mecânica</p> <p>Engenharia Eletrônica</p>	<p>Dupla Titulação com o curso de Angra dos Reis em Eng.</p>

	<p>Acordo de Implementação de Programas de Dupla Diplomação, assinado em 23/10/2014</p> <p>Termo aditivo de dupla titulação assinado em 22/04/2015</p>		<p>Engenharia de Produção</p> <p>Engenharia Metalúrgica</p> <p>Engenharia Ambiental</p> <p>Eng. de Computação</p> <p>Eng. de Contr. e Automação</p> <p>Eng. de Telecomunicações</p> <p>Engenharia de Alimentos</p> <p>Turismo</p> <p>Gestão e Admin. Pública</p> <p>Relações Internacionais</p> <p>Línguas Estrangeiras</p> <p>Línguas p/ Rel. Internac.</p> <p>Informática</p> <p>Marketing</p> <p>Ciência da Computação</p> <p>Qual. e Seg. Alimentar</p> <p>Engenharia Agrônômica</p>	<p>Mecânica e Elétrica, assinado em novembro de 2016</p> <p>Bolsa alimentação para todos os alunos Cefet/RJ</p>
	<p>IPP – Instituto Politécnico do Porto</p> <p>Protocolo de Intenções assinado em 02/10/2013, com validade de 5 anos, e renovável por Termo Aditivo</p> <p>Termo Aditivo de Dupla Titulação, assinado em 22/04/2015, com validade de 5 anos</p>	Graduação	<p>Engenharia Civil</p> <p>Engenharia Mecânica</p> <p>Engenharia Elétrica</p> <p>Engenharia Eletrônica</p> <p>Engenharia Eletrotécnica</p> <p>Engenharia de Produção</p> <p>Engenharia Metalúrgica</p> <p>Engenharia Ambiental</p> <p>Eng. de Computação</p> <p>Eng. de Controle e Automação</p> <p>Eng. de Telecomunicações</p> <p>Gestão de Turismo</p> <p>Administração</p>	Proposta de Dupla Titulação em análise
	<p>IPC – Instituto Politécnico de Coimbra</p> <p>ISEC (instituto Superior de Engenharia) – Acordo assinado em</p>	<p>Graduação</p> <p>Pós-graduação</p>	<p>Engenharia Civil</p> <p>Engenharia Mecânica</p> <p>Engenharia Elétrica</p>	

	<p>23/11/11, com validade de 5 anos, renovável por acordo mútuo</p> <p>ISCAC (Instituto Superior de Contabilidade e Administração), assinado em 24/11/11, com validade de 5 anos, renovável</p> <p>ESEC (Escola Superior de Educação), assinado em 03/10/13, com validade de 5 anos, renovável</p>		<p>Engenharia Eletrônica</p> <p>Engenharia Eletrotécnica</p> <p>Engenharia de Produção</p> <p>Informática</p> <p>Comércio Internacional</p> <p>Gestão de Turismo</p> <p>Administração</p>	
	<p>IPVC – Instituto Politécnico de Viana do Castelo</p> <p>Convênio de Cooperação assinado em 08/09/2011, com renovação automática</p>	Graduação	<p>Gestão de Turismo</p> <p>Engenharia Civil</p> <p>Engenharia Mecânica</p> <p>Engenharia Elétrica</p> <p>Engenharia Eletrônica</p> <p>Engenharia de Produção</p> <p>Administração</p> <p>Turismo</p>	
	<p>IPT – Instituto Politécnico de Tomar</p> <p>Acordo de cooperação assinado em 04/10/2013, com validade de 5 anos, renovável</p>	Graduação	<p>Gestão de Turismo</p> <p>Engenharia Elétrica</p> <p>Engenharia Eletrônica</p> <p>Engenharia Eletrotécnica</p> <p>Eng. de Computação</p> <p>Turismo</p>	
	<p>IPSantarém</p> <p>Convênio de Cooperação assinado em 28/10/2011, com renovação automática</p>	Graduação	<p>Gestão de Turismo</p> <p>Gestão Ambiental</p> <p>Engenharia Elétrica</p> <p>Engenharia Eletrônica</p> <p>Engenharia Eletrotécnica</p> <p>Engenharia de Produção</p> <p>Engenharia Alimentar</p> <p>Negócios Internacionais</p>	
	<p>IPPortalegre</p> <p>Acordo assinado em junho/2016, válido por 5 anos e renovado automaticamente</p> <p>Acordos de Dupla Diplomação -2018</p>	Graduação	<p>Administração</p> <p>Engenharia de Alimentos</p> <p>Engenharia Mecânica</p> <p>Engenharia Elétrica</p> <p>Turismo</p>	
	Universidade de Lisboa		Licenciatura em	

	Acordo assinado em maio de 2013 e renovável por consentimento mútuo		Física	
	IPG	Graduação	Engenharia Civil Engenharia do Ambiente Engenharia Eletrotécnica Engenharia Mecânica Engenharia Informática Administração Turismo Engenharia de Alimentos	
	IPV	Graduação	Turismo Engenharia Civil Engenharia do Ambiente Engenharia Informática Administração	
FRANÇA	Université de La Rochelle Acordo assinado em setembro de 2015, válido por 5 anos	Graduação Intercâmbio docente e discente, Atividades de pesquisa	Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI)	Proposta de ampliação do acordo para Engenharias e Administração
	UTC – Université de Technologie de Copiègne Acordo de cooperação de 19/11/1994, com validade de 2anos Ren. em 18/11/1996 Ren. em dez. de 2011, com validade até dezembro de 2016, podendo ser renovado por mais 5 anos	Graduação	Engenharia Civil Engenharia Mecânica Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia Eletrotécnica Engenharia de Produção Engenharia Metalúrgica Engenharia Ambiental Eng. de Computação Eng. de Controle e Automação Eng. de Telecomunicações	
	Universidad de Jaén Acordo de Cooperação assinado em 09/06/2011, automaticamente renovável	Graduação Estudos e projetos de pesquisa Organização conjunta de publicação, conferências, seminários e atividades	Administração Engenharia Civil Engenharia Mecânica Engenharia Elétrica Engenharia Eletrônica Engenharia de Produção Eng. de	

ESPAÑA		culturais	Computação Eng. de Telecomunicações Turismo Física	
	Universidad de Valladolid Acordo de Cooperação assinado em 14/06/2016, com validade de 5 anos e renovação automática por igual período	Intercâmbio de docentes e estudantes Pesquisa e publicações conjuntas Organização de colóquios internacionais	Física Administração Engenharia Eletrônica Eng. Contr. E Automação Eng. de Telecomunicações Línguas Estrangeiras Engenharia de Computação Engenharia de Alimentos Turismo	
	A CORUÑA (UDC)	Intercâmbio de docentes e estudantes Graduação Pesquisa e publicações conjuntas Organização de colóquios internacionais	Administração Engenharia Elétrica Engenharia Informática Engenharia Civil Computação	
ITÁLIA	Università de Pisa Acordo de Cooperação assinado em 09/02/2015, com validade de 3 anos, podendo ser renovado pelas partes	Graduação Doutorado Pós-Doc Pesquisa Publicações Conferências Conjuntas	Engenharias Informática	
CANADÁ	Memorial University Acordo assinado em 11/08/2015, com validade de 5 anos	Graduação Pós-graduação Intercâmbio docente e discente Atividades acadêmicas e interculturais	Física Administração Ciência da Computação Engenharia Civil Engenharia de Produção Engenharia Elétrica Engenharia Mecânica Engenharia de Computação Eng. de Telecomunicações	Propostas de ações conjuntas na pós-graduação E em pesquisa Proposta para dupla titulação
	College Lafleche Acordo assinado em 21/02/12, automaticamente renovável	Graduação	Turismo	Possibilidade para estudantes maiores do ensino técnico

	Centennial College Acordo assinado em 08/10/10, automaticamente renovável		Engenharia Informática	
	Confederation College Acordo assinado em 08/10/10, renovável a cada 2 anos		Engenharias	
	MacEwan University Memorando de Entendimento assinado em 06/10/2010			
	CÉGEP TROIS-RIVIÈRES Acordo de cooperação assinado em 11/06/2011, com validade de 3 anos, podendo ser validado por vontade das partes		Engenharias	
	DAULHOUSIE UNIVERSITY			
IRLANDA	Limerick Institute of Technology Memorando de Entendimento assinado em 23/02/2015, com validade indeterminada	Graduação, Pós- graduação, Pesquisa e publicações conjuntas	Engenharias	
EQUADOR	UTE – Universidad Tecnológica Equinoccial de Ecuador Acordo assinado em setembro de 2015	Intercâmbio de professores Pesquisa Formação conjunta em pós- graduação	Engenharias	
ARGENTINA	Universidad Nacional del Nordeste Acordo assinado em outubro de 2007, válido por 5 anos, e renovável por consentimento mútuo		Engenharias	
	Universidad Nacional de Quilmes MAR DEL PLATA		Engenharia de Alimentos Computação & Informática Engenharia Industrial Engenharia Elétrica Engenharia Necânica Turismo Administração	
	UNVM Universidad Nacional de Villa María		Engenharia de Alimentos Ambiente Administração Bacharelado em Língua e Literatura Estrangeira	
	Yangzhou University	Intercâmbio de docentes		

CHINA	Memorando de Entendimento assinado em 20/10/15, válido por 5 anos, renovável por consentimento mútuo	e funcionários Atividades de intercâmbio cultural Pesquisa		
	MOU entre a Província de Jiangsu, Universidades de Macau e de países lusófonos , assinado em 24/10/2015			
SANTANDER				
CHILE	Universidad Tecnológica Metropolitana		Administração Engenharia Civil Engenharia da Computação Engenharia Eletrônica Engenharia Industrial Engenharia Mecânica	
	Universidad de Chile		Engenharias	
HOLANDA	Universidade Védica Maharishi			
UCRÂNIA	Lutsk National Technical University			
COLÔMBIA	Fundación Universitária del Área Andina			

Fonte: ASCRI, 2019

ANEXO C – FINANCIAMENTO

Quadro 4 – Financiamento

TIPO	DESCRIÇÃO	VALOR
Bolsas PAE	bolsas institucionais para estudantes em mobilidade no exterior, por até seis meses, e de até um ano para os estudantes de dupla diplomação	R\$ 1.500,00 (mensal)
Bolsas PEC-G Promisaeas	10 bolsas anuais destinadas a estudantes de graduação, vindos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos internacionais na área educacional, cultural ou científico-tecnológico	R\$ 622,00 (mensais)
Bolsas PAFLE	bolsa destinada a um leitor francês no período de um ano	R\$ 2.500,00 (mensais)
Isonção de tuition na Saint Martin's University	isenção pagamento de taxas na universidade Saint Martin (até quatro por ano)	US \$ 1.600,00
Auxílio alimentação – Instituto Politécnico de Bragança	auxílio por até seis meses	720.00€
Auxílio alojamento no Instituto Politécnico Santarém	auxílio por até seis meses	cerca de R\$ 5.000,00
Bolsas Santander	Programa de Bolsas Ibero-americanas para intercâmbio	variável
Bolsas estagiários	duas bolsas para alunos do Cefet/RJ que queiram estagiar na ASCRI (médio técnico ou graduação)	R\$ 400,00 (mensal)


Fonte: ASCRI, 2019.


ANEXO D – APROVAÇÃO NA PLATAFORMA BRASIL

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: História das ações de internacionalização do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)
Pesquisador Responsável: MICHELE ROBERTA ROSA E SILVA
Área Temática:
Versão: 3
CAAE: 28172619.3.0000.9047
Submetido em: 23/10/2020
Instituição Proponente: Colégio Pedro II
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1653296

DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

Tipo de Documento	Situação	Arquivo	Postagem	Ações
<ul style="list-style-type: none"> ↳ Versão Atual Aprovada (E1) - Versão 3 ↳ Emenda (E1) - Versão 3 ↳ Currículo dos Assistentes ↳ Documentos do Projeto <ul style="list-style-type: none"> ↳ Comprovante de Recepção - Submissão ↳ Cronograma - Submissão 1 ↳ Declaração de Instituição e Infraestrutura ↳ Declaração de Pesquisadores - Submissão ↳ Declaração do Patrocinador - Submissão ↳ Folha de Rosto - Submissão 1 ↳ Informações Básicas do Projeto - Submissão ↳ Orçamento - Submissão 1 ↳ Outros - Submissão 1 ↳ Projeto Detalhado / Brochura Investigação ↳ TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa ↳ Apreciação 1 - Colégio Pedro II - Versão 3 ↳ Projeto Completo 				

LISTA DE APECIAÇÕES DO PROJETO

Apreciação	Pesquisador Responsável	Versão	Submissão	Modificação	Situação	Exclusiva do Centro Coord.	Ações
E1	MICHELE ROBERTA ROSA E SILVA	3	23/10/2020	18/11/2020	Aprovado	Sim	   
PO	MICHELE ROBERTA ROSA E SILVA	2	18/12/2019	06/01/2020	Aprovado	Não	

HISTÓRICO DE TRÂMITES

Apreciação	Data/Hora	Tipo Trâmite	Versão	Perfil	Origem	Destino	Informações
E1	18/11/2020 14:18:43	Parecer liberado	3	Coordenador	Colégio Pedro II	PESQUISADOR	
E1	18/11/2020 14:17:52	Parecer do colegiado emitido	3	Coordenador	Colégio Pedro II	Colégio Pedro II	
E1	18/11/2020 14:16:42	Parecer do relator emitido	3	Coordenador	Colégio Pedro II	Colégio Pedro II	
E1	08/11/2020 17:07:59	Aceitação de Elaboração de Relatoria	3	Coordenador	Colégio Pedro II	Colégio Pedro II	
E1	03/11/2020 00:59:03	Confirmação de Indicação de Relatoria	3	Coordenador	Colégio Pedro II	Colégio Pedro II	
E1	03/11/2020 00:56:35	Indicação de Relatoria	3	Secretária	Colégio Pedro II	Colégio Pedro II	
E1	23/10/2020 16:27:44	Aceitação do PP	3	Secretária	Colégio Pedro II	Colégio Pedro II	
E1	23/10/2020 16:25:26	Submetido para avaliação do CEP	3	Pesquisador Principal	PESQUISADOR	Colégio Pedro II	
PO	06/01/2020 10:31:36	Parecer liberado	2	Coordenador	Colégio Pedro II	PESQUISADOR	
PO	06/01/2020 10:28:24	Parecer do colegiado emitido	2	Coordenador	Colégio Pedro II	Colégio Pedro II	

Ocorrência 1 a 10 de 24 registro(s)

LEGENDA:

(*) Apreciação
 PO = Projeto Original de Centro Coordenador POp = Projeto Original de Centro Participante POC = Projeto Original de Centro Coparticipante
 E = Emenda de Centro Coordenador Ep = Emenda de Centro Participante Ec = Emenda de Centro Coparticipante
 N = Notificação de Centro Coordenador Np = Notificação de Centro Participante Nc = Notificação de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE

Ano de submissão do Projeto	Tipo do centro	Código do Comitê que está analisando o projeto
n n n n n n n	a a . d v . t x x x . l l l l l	
Sequencial para todos os Projetos submetidos para apreciação	Dígito verificador	Sequencial quando estudo possui Centro(s) Participante(s) e/ou Coparticipante(s)

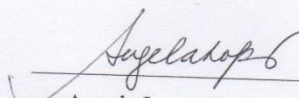
[Voltar](#)



ANEXO E – AUTORIZAÇÃO DE USO DE FOTOS NO WEBSITE

Eu, Angela Lopes Norte, CPF nº 438 095 297-53, professora aposentada, Assessora de Convênios e Relações Internacionais do Cefet/RJ no período de 2005 a 2019, cedo as fotos de projetos de internacionalização do meu arquivo pessoal para Michele Roberta da Rosa, CPF nº 025.619.019-47, aluna do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) no Colégio Pedro II, cuja dissertação é *História das ações de internacionalização do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ)*, para que sejam usadas em seu produto educacional (website) voltado à memória das ações de internacionalização no Cefet/RJ.

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 2020.


Angela Lopes Norte